

DIARIO DE UMA VIAGEM AO ORIENTE DA BOLIVIA, DE PORTO ESPERANÇA A SAN JOSÉ DE CHIQUITOS

PELO

DR. OLYMPIO OLIVEIRA RIBEIRO DA FONSECA

(Com as estampas 52—108).

INTRODUÇÃO

Ao organizar os serviços da Comissão Ferroviaria Transcontinental de que fôra encarregado pelo Ministerio do Exterior do Brazil, decidiu o Dr. ESTANISLAU LUIZ BOUSQUET entregar ao Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro a parte referente á assistencia medica e prophylaxia. Foi assim constituida na Commissão uma secção medica composta dos Drs. OLYMPIO OLIVEIRA RIBEIRO DA FONSECA e JOÃO CARLOS NOGUEIRA PENIDO e dos ajudantes Srs. DALMIRO ROCHA MURCE e MARIO VENTEL. Partindo da cidade de Baurú, no Estado de S. Paulo, em trem especial da Estrada de Ferro Noroeste do Brazil, no dia 1º de Dezembro de 1924, a secção medica assentou acampamento, no dia 4 do mesmo mez, na ponta dos trilhos daquella estrada, em Porto Esperança, nas margens do rio Paraguay. Desse

acampamento, situado a cerca de 2.200 kilometros do Rio de Janeiro, até o dia 15 de Julho de 1925, fizemos o ponto de partida para uma série de excursões, em direcção ao Paraguay, á Bolivia e a diferentes regiões de Matto Grosso, principalmente pelo Grande Pantanal e pelos rios Paraguay, São Lourenço e Cuyabá. Essas viagens tinham por objectivo a realisação de estudos de parasitologia, de pathologia e de historia natural, não só nas zonas atravessadas pela projectada estrada de ferro transcontinental que deverá ligar as cidades de Santos e Arica, como tambem em outras regiões ainda scientificamente pouco exploradas e conhecidas do centro da America do Sul.

No acampamento de Porto Esperança, installámos o laboratorio de pesquisas com o aparelhamento necessario para os estudos correntes de bacteriologia e de parasitologia e, principalmente, para

a colheita e conservação de material científico. Nesse laboratório de emergência, realisámos para mais de quatrocentas autopsias de diferentes animais e reunimos uma collecção entomologica, comprehendendo muitas centenas de arthropodos hematophagos ou peçonhentos. Algumas dezenas de especies novas de protozoarios e vermes parasitos, ainda não descriptas e desconhecidas para a sciencia, constituem o principal resultado científico dessa excursão. Ahi tambem se realisou uma série de trabalhos photographicos necessarios para a documentação dos factos observados. Muitas centenas de photographias foram tomadas, reproduzindo aspectos naturaes e scenas da vida regional.

Distribuimos o material colhido a diferentes especialistas. Da parte helminthologica se encarregou o Dr. LAURO TRAVASSOS, da parte entomologica, o Dr. CESAR PINTO, da parte protozoológica se occuparam os Drs. ARISTIDES MARQUES DA CUNHA, JULIO MUNIZ, JOÃO CARLOS NOGUEIRA PENIDO e nós mesmo. Parte dos resultados foi já publicada, algumas vezes conjunctamente com o que resultou da excursão a Matto Grosso feita em 1922 pelos Drs. LAURO TRAVASSOS, CESAR PINTO e JULIO MUNIZ. Outra parte continua inedita e será progressivamente dada a publicidade. Entregámos os ophidios ao Dr. OSWALDO MELLO, do Instituto Oswaldo Cruz filial de Bello Horizonte e os peixes ao Professor ALIPIO DE MIRANDA RIBEIRO, a quem muito agradecemos a sempre gentil cooperação.

Os documentos ethnographicos sobre as tribus potoreras da Bolivia figuram na secção de anthropologia do Museu Nacional sabiamente dirigido pelo Professor ROQUETTE PINTO.

Installados os serviços em Porto Esperança, o Dr. JOÃO CARLOS PENIDO estabeleceu ahi um posto de assistencia medica que attendeu e distribuiu gratui-

tamente medicamentos a toda a população dos arredores. Emquanto isso, em companhia do ajudante MURCE, partimos para Corumbá nos primeiros dias do anno de 1925 e, com muares trazidos de Botucatu e bois de carga e bois de sella adquiridos em Miranda, organisámos a tropa com que iam penetrar na Bolivia.

Corumbá fica a cerca de meia legua da fronteira boliviana e não dista mais de vinte kilometros de Puerto Suarez, primeiro povoado da Bolivia. Foi por esse trecho de fronteira, ladeando a bahia de Caceres, enlão quasi completamente desseccada, que penetrámos na Republica vizinha. Iamos fazer um longo percurso de mais de oitocentos e cinquenta kilometros, percorridos a cavallo, atravez de uma das partes mais remotas do territorio boliviano, conduzindo uma tropa que levava perto de uma tonelada de bagagens que constavam principalmente de medicamentos e material de laboratorio. Puerto Suarez é a séde da Delegação Nacional do Oriente, que administra com amplos poderes um vasto districto ou territorio, que com a provincia de Chiquitos, parte do grande departamento de Santa Cruz, constitue a região que atravessámos. Puerto Suarez era então a séde do commando militar e a povoação se resentia nitidamente desse facto, toda ou quasi toda a actividade que ahi reinava estando na dependencia da existencia da guarnição. E' de notar que Puerto Suarez, com pouco mais de seiscentos habitantes, conta duas escolas primarias, além das escolas regimentaes por onde passam todos os homens, pois na Bolivia, tanto o ensino primario como o serviço militar são obrigatorios. Nos mais pobres aldeamentos por que passámos, onde mal se poderiam ás vezes reunir algumas dezenas de habitantes, encontrámos sempre uma escola e um professor, ás vezes estrangeiro, mas pago pelo governo.

E, isto é tanto mais de louvar quanto se trata da região menos progressista e mesmo, geographicamente, menos conhecida da Republica vizinha, onde, a bem poucos kilometros da estrada, ás vezes, apenas a centenas de metros está um terreno inteiramente inexplorado e nunca trilhado pelos da nossa civilização. O delegado nacional era em 1925, o Dr. LINO ROMERO, antigo diplomata que residiu no Rio de Janeiro.

A provincia de Chiquitos tem por capital San José, centro de uma das mais importantes *reducções* jesuiticas que, com a de Mojos, para os lados do Beni, foi outr'ora a mais importante da Bolivia. A velha igreja, o mais bello monumento architectonico do Oriente da Bolivia, atesta a grandeza da obra dos missionarios. San José não conta, hoje, certamente, mais de quinhentos habitantes e a igreja, por muitos annos abandonada, começa a parecer uma ruina. A provincia é governada por um sub-prefeito, que, quando por lá passámos, era o Sr. Don RODOLFO LARA. Separada administrativamente do Districto Delegacional, a provincia de Chiquitos constitue com elle parte de uma região bem homogenea que se estende desde o rio Paraguay até o rio Grande, transpondo talvez este ultimo para abranger a cidade conservadora de Santa Cruz de la Sierra, tradicional centro de antiga cultura castelhana e metropole do Oriente da Bolivia.

De Puerto Suarez até Santa Ana, numa extensão de cento e vinte kilometros, se desenvolve um terreno baixo e pantanoso que na época das chuvas não passa de uma successão de lodaças, de *chapaleos* ou trechos de agua estagnada e de zonas inundadas por um metro e, ás vezes, metro e meio de agua. Essa agua transbordada talvez do rio Tucabáca ou Otuques, cujo curso é ainda muito mal conhecido, obriga em certas épocas a travessias a nado e a transporte das bagagens em pelotas de couro. Para além de Santa Ana, o terreno se vae

elevando, pouco a pouco, e começa-se a marcha atravez de extensos e fatigantes areas, sómente interrompidos, na zona montanhosa, que logo depois se attinge, pela rocha viva que aflora em muitos pontos. Os cerros de Santiago, de Chuchihiy, de Ipiás, de Turuguapá, desenham ao longe recortes fantasticos ou elevam de perto seus altos paredões de quartzito avermelhado nos quaes se destacam pelo contraste as manchas esverdeadas dos lichenes abundantes, manchas que muito sonhadores ignorantes têm tomado por vestigio certo de jazidas de cobre.

Grande parte dessa região está ainda inexplorada e sómente conhecida nos trechos atravessados pelos caminhos carreteiros. Uma população selvagem, ao que parece diminuta, constituida pelas tribus ahi chamadas *potoreras*, frequenta essas paragens e se tem mostrado até agora mais ou menos inaccessivel. Esses indios selvagens fazem incursões periodicas e apparecem desde uns cinquenta kilometros de Puerto Suarez até San José onde ainda recentemente foram protagonistas de tragicos successos. A população civilisada é constituida por uma pequena minoria de brancos estrangeiros ou bolivianos da chamada raça *cruceña*, por um bom numero de mestiços e por uma grande maioria de indios mais ou menos puros que perpetuaram o typo mixto de civilização em que os mantinha o regimen disciplinador do jesuita. Aprenderam elles algumas das artes mais uteis, plantam o algodão e com elle tecem suas roupas, talhando os homens as suas á hespanhola e as mulheres se contentando com um amplo camisolão ou *tipói*, que constitue a parte unica da indumentaria feminina. Do regimen primitivo de que os retiraram os cathechisadores, guardam uma organização administrativa que persiste ao lado da implantada pelo governo central. Em cada povoado existe um certo numero de caciques escolhidos pela autoridade estadual ou pelo chefe

da empresa particular que emprega os membros do aldeamento. Esses caciques, que exercem uma especie de autoridade policial, dispõem de varios auxiliares de sua propria confiança. Na Fazenda de Los Troncos, o mais importante estabelecimento rural da região, assistimos no domingo de carnaval a cerimonia da transmissão de poderes dessas autoridades indigenas, cerimonia a que não faltou a pratica civilisada dos discursos, que não pudemos entender por terem sido pronunciados no idioma chiquitano. A criação do gado em pequena escala e uma lavoura pouco desenvolvida, fornecem os meios de subsistencia da população. Exploração agricola de maior monta só em poucos logares se encontra: nas propriedades de San Firmin, de los Naranjos, de Reyes e, sobretudo, em Los Troncos, onde a cultura de algodão vae tomando um impulso regular. Em Santiago a cultura cafeeira se faz em pequena escala e não basta para o consumo local. Ahi e em San José, entretanto, o terreno se presta aos cafezaes, de que nas mattas dos arredores se encontram muitos remanescentes, sob a fórma de pés isolados, vestigios de antiga exploração mais intensiva.

Em San José a população recebeu a commissão com especial carinho e nos offereceu uma série de festas, bailes, serenatas e churrascos, que nos proporcionaram oportunidade de bem conhecer a sociedade local e travar relações com quasi todos os habitantes do povoado. Ahi estabelecemos um ambulatorio medico que prestou serviços gratuitos, medicos e pharmaceuticos, durante dez dias.

Depois de dois mezes de permanencia na região chiquitana, voltámos ao acampamento de Porto Esperança, de onde então partiu o Dr. JOÃO CARLOS PENIDO para descer o Paraguay em direcção ao Forte de Coimbra, ao Baranco Branco e a Porto Murтинho, as principaes localidades brasileiras dessa parte de nossas fronteiras com a Republica

do Paraguay. Essa viagem, que nós mesmo já anteriormente fizemos, levou o nosso collega de commissão até a cidade de Concepción, e á capital paraguaya, passando por Bahia Negra, Paso Palacio, Puerto Max, Puerto Pinasco e outros muitos portos e povoados dessa movimentada região, em que todos os typos ethnicos se encontram reunidos, desde o indio em estado de quasi completa selvageria até o representante das mais civilisadas raças do Norte da Europa. Em uma permanencia de cerca de um mez, colheu o Dr. PENIDO muitos dados sobre as condições geraes de vida naquella região.

Tambem de varias pequenas excursões pelo Pantanal brasileiro se encarregou o Dr. PENIDO percorrendo-o em diversas direcções, para Albuquerque, Morrinho, a grande lagôa de Jacadigo e, na Bolivia, até o Fortin de San Juan, onde está aquartelada uma das guarnições de fronteira dos nossos vizinhos. Ahi, como aliás succedera connosco em Puerto Suarez, em Roboré e em outros logares em que tivemos occasião de entrar em contacto com o elemento militar, poudo o pessoal da Commissão apreciar cultura da officialidade do exercito boliviano e ser alvo de sua generosa hospitalidade que ella pratica de modo a capvar todas as sympathias.

Antes de voltarmos ao Rio de Janeiro, realisámos uma excursão pelos rios São Lourenço e Cuyabá, cujos aspectos naturaes tornam a região uma das mais bellas que conhecemos.

Durante essas viagens pelos sertões de Matto Grosso, do Paraguay e da Bolivia, todo o pessoal da commissão, cerca de oitenta pessôas, gosou de excellente saude, desmentindo a fama de insalubridade que têm algumas das regiões que atravessámos. Tivemos, entretanto, a lamentar a perda de dois companheiros de trabalho, a morte tragica do Dr. FRANCISCO NOGUEIRA PENIDO, victima de um accidente por arma de fogo

na cidade de Corumbá e o não menos tragico desaparecimento de um dos peões da commissão medica, afogado no rio Paraguay, onde seu cadaver, devorado pelas piranhas, nunca mais pode ser encontrado.

Foi depois de informações que tomámos de alguns officiaes da guarnição boliviana de Puerto Suarez, durante uma visita que lá fizemos em 11 de Dezembro de 1924, que resolvemos definitivamente passar a fronteira e seguir em direcção a Santa Ana e a San José de Chiquitos. Estudámos diversos planos de viagem, incluindo no trajecto de volta as localidades de Santo Corazón e Descalvado e fixámos por fim as nossas idéas, decidindo realisar, com pequenas variantes, a volta pelo mesmo caminho, isto é, Santa Ana e Puerto Suarez. Esses estudos e os preparativos necessarios para a viagem nos occuparam até o dia 6 de Janeiro, apesar de todos os esforços terem sido empregados para partir o mais cedo possivel, assim evitando a estação das chuvas que talvez nos alcançasse no trajecto de volta.

Deixamos aqui consignados os nossos agradecimentos, pelo auxilio e assistencia recebidos durante a viagem, ás autoridades bolivianas da Delegação do Oriente e da Provincia de Chiquitos, á Cia. Sul-Americana Belga á administração e pessoal da Estrada de Ferro Noroeste do Brazil e aos particulares que, estabelecidos nessas regiões, sempre nos prodigalisaram as maiores attensões. Não podemos deixar de assignalar o valor que, para o exito do nosso empreendimento, teve o concurso dos dedicados peões bolivianos que nos acompanharam.

Por fim, é preciso não esquecer na apreciação das descripções que aqui fazemos que ellas se referem a uma parte pouco conhecida, menos povoada e quasi inexplorada da Bolivia.

DIARIO DE VIAGEM

7—I—1925.

Deixámos Porto Esperança a bordo do «Bermejo», vapôr da Companhia Argentina de Navegação (Nicolás Mihanovich Ltda.), ás 11 horas da manhã e passámos logo depois a ilha do Jacaré. Vamos rio acima com regular velocidade e tempo duvidoso, percorrendo o canal da margem esquerda. Este tem as barrancas baixas mas quasi a prumo, ao passo que a ilha á margem direita tem praia recoberta de vegetação em sua parte mais alta, vegetação na qual se vê, de vez em quando, a mancha branca de uma garça (*Herodias egretta* WILS.).

O Rio Paraguay subira um pouco, talvez uns 15 cm., nestes ultimos dias, mas, como sempre, continua carregando poucos camalotes e esses mesmos pequenos. Passa-se ás vezes um dia inteiro em que não se vê nenhuma dessas ilhas de vegetação fluctuante descer, levada pela correnteza. A' margem direita apparecem campos cerrados e mesmo formações florestaes hygrophilas que contrastam com o *paratudal* (formação de *Tecoma aurea* D. C. e outras especies do mesmo genero) da margem esquerda, mais regular e mais monotono. Passada a ilha do Jacaré, cuja fórmula é alongada e cuja extremidade a montante é uma longa praia amarellada e núa, começa a apparecer na margem direita uma barranca analoga á da margem esquerda: camadas estratificadas de uma rocha clara em que se desenvolve por vezes uma vegetação graminea, raramente outra mais pujante e, sobre essa rocha, a terra vegetal escura formando uma capa ás vezes rôta pelas raizes possantes das arvores que a correnteza vae descobrindo ao produzir o esboroamento das margens.

O paratudal está limitado aqui, nas margens do rio, ás proximidades de Porto Esperança. Dahi por deante os cerrados alternam com fragmentos de matta

em que apparecem ás vezes embaúbas (*Cecropia sp.*). A orla graminea é quasi sempre precedida por uma zona de cyperaceas, de meio a um metro de altura, cujo verde claro se destaca nitidamente da camada superior de gramineas. Os camalotes, esses vão sempre aumentando de numero á medida que se sobe o rio.

Os baguarys (*Ardea cocoi*), os biguás (*Carbo vigua* (VIEILL.)) e as anhúmas (*Chauna cristata* (S. W.)) são os representantes mais conspicuos da fauna aviaria. Raros cabeça-secca (*Tantalus loculator* L.), muitos martim-pescadores (*Alcedinideos*) e frangos-dagua (*Fulicineos*) tambem são vistos durante o percurso. Encontrámos grande numero de jacarés (*Caiman sclerops* (GRAY)) que, ás vezes, se deixavam approximar até uns vinte a trinta metros pelo navio. Dos mamíferos selvagens, só a capyvára (*Hydrochoerus capibara* (L.)) e o caitetú (*Tayassus tajacu* L.) foram vistos algumas vezes, exemplares isolados.

A's 17 horas e 20', passámos pelas estações da Repartição Geral dos Telegraphos, onde está lançado um cabo. O local é denominado Manga e lá existe uma estação de cada lado do rio, elevadas ambas sobre estacas e construidas de madeira. Logo depois passa-se por varias construcções rusticas, cercas, curraes, telheiros, apropriadas á criação de gado e a sua travessia pelo rio. Pouco depois se chega á Xarqueada ou Saladero Ottilia. Pelas proximidades se extendem grandes terreiros, onde estão alinhados os cavaletes que servem para estender e seccar a carne. Fizemos ahi uma curta parada que não é habitual para o «Bermejo». Já pelas 13 horas havíamos feito uma estação em Albuquerque. No trajecto, temos visto varias bahias ou reentrancias communicantes com o rio, reservatorios dagua onde se encontra fauna abundante embora pouco variada. Em geral, cada uma dessas lagôas é separada parcialmente do

rio por estreita restinga arenosa cujas extremidades são viveiros de jacarés e de aves aquaticas, fauna essa que tambem se espalha pelos bancos de areia que emergem ás vezes nas proximidades.

A noite foi esplendida e desde cedo a lua estava á mostra, indicio de que podíamos esperar madrugadas com luar para quando iniciassemos a marcha, partindo de Puerto Suarez.

8—I—1925.

Ao acordarmos, pelas 5 horas da manhã, o «Bermejo» estava ancorado no porto de Corumbá, onde demorou ainda cerca de duas horas, antes que pudessemos desembarcar. Em Corumbá, encontrámos o Dr. FRANCISCO NOGUEIRA PENIDO, chefe da 3a. secção (hydrographica) da Transcontinental, o qual terminava seus preparativos de partida após as reparações a que fizera proceder na lancha «Narceja», com a qual pretende breve descer para a Bahía Negra.

10—1—1925.

Tendo passado parte do dia de hontem em compra de material para a viagem, viveres sobretudo, só hoje pudemos fazer uma excursão pelos arredores de Corumbá. Sahimos da cidade pelo fim da rua Frei Mariano e entrámos nas estradas abertas atravez da formação de caatinga que se extende por toda essa região de calcareo. E' um ajuntamento bastante denso de uma euphorbiacea espinhosa de flores brancas, conhecida pelo nome de cansação (*Jatropha urens* L.) que se eleva em arbustos de mais de 4 metros de altura, de outra euphorbiacea menor, de folhas glabras e flores rubras e de uma cactacea (*Cereus bonplandi* PARM.) delgada que emite ramificações elegantes que se cruzam com as outras de especies diferentes. Nas clareiras, muitas vezes alagadiças, o chão é recoberto de pequenas plantas de folhas appressas ao substracto.

A' tarde fomos ao Ladarío visitando parte do Arsenal e o aviso «Oyapock». E' de notar o numero elevado de morpheticos existentes no povoado e seus arredores.

12—I—1925.

Hontem e hoje continuámos os preparativos para a viagem. Soubemos, por noticias chegadas de Porto Esperança, que de lá partira a tropa que conosco segue para a Bolivia. A partida tinha sido accidentada, pois a boiada estourou, atirando as cargas e damnificando parte do material, um dos muares tendo lançado ao chão e escouceado um peão boliviano. Esse homem, impossibilitado de seguir viagem, foi recolhido para a secção medica em tratamento de lesão traumatica dum joelho.

13—I—1925.

Chegou finalmente a tropa e seguiremos talvez amanhã cedo para Puerto Suarez.

Pela manhã, o Dr. JOÃO LEITE, Inspector de Prophylaxia da Lepra e Doenças venereas, acompanhou-nos em visita ao respectivo dispensario actualmente fechado, o qual dispõe de instalações amplas, mas cuja eficiencia se resente da falta de continuidade de acção.

E' commum a interrupção do tratamento anti-syphilitico por falta de medicamentos. Agora cessaram, aqui como no ambulatorio de prophylaxia rural, todos os serviços. Quanto á lepra, o Dr. JOÃO LEITE deixou de fazer o emprego do oleo de chaulmoogra e limita-se a fazer o censo dos leprosos. Recentemente, estudou a questão do carbunculo e autopsiou varios bois vindos da região de Poconé, um dos quaes morrera em sua presença e fôra immediatamente exa-

minado. (1) Desses animaes tirou preparados microscopicos que leve a gentileza de nos mostrar. No sangue dos bois vivos nenhum parasito se encontrava. Nos bois mortos, o sangue peripherico e dos orgãos mostrou grande numero de bacillos com todos os caracteres morphologicos do bacillo do carbunculo: cadeias de elementos Gram-positivos, capsulados, alongados, de perfil parallelepipedico.

14—I—1925.

Deviamos ter partido hoje pela manhã com destino a Puerto Suarez em companhia de Don JUAN ALBERDI, secretario da Delegação Nacional do Oriente, divisão administrativa da Republica da Bolivia, a primeira a ser por nós percorrida. Tivemos, entretanto, que adiar por algumas horas nossa viagem, devido a varios motivos entre os quaes a fuga de duas mulas que se escaparam durante a noite e só foram capturadas a algumas leguas de distancia. Tambem a arrumação dos viveres adquiridos em Corumbá tomara grande parte do nosso tempo.

Afinal, ficou resolvido fazer seguir a tropa amanhã, sob a direcção do ajudante da Comissão Sr. DALMIRO ROCHA MURCE, que procuraria partir de madrugada. Quanto a nós, acompanhariamos a Don JUAN ALBERDI e partiriamos durante o dia. Depois de inevitaveis demoras e de um aguaceiro que durante uma hora desabou sobre Corumbá, deixámos essa cidade ás 17 horas, sendo acompanhados pelo ajudante MURCE até os arredores. Ahi despediu-se elle e nós começámos a atravessar o cerrado por uma estrada secundaria, mais directa que a percorrida pelos automoveis.

(1) O carbunculo humano, quer a fórma cutanea, quer a intestinal se observou em Santa Monica, fazenda proxima de Porto Esperança, quando lá estivemos em 1925.

A vegetação estava com um viço que não lhe conhecíamos. Toda enfolhada e muitas plantas cobertas de flores, destacando-se algumas pelo rôxo vivo, outras pela brancura de seus tons. A's 18 horas, precisamente, atravessámos o Arroyo Concepción, limite do territorio brasileiro com o boliviano. Já não está elle totalmente secco como o encontrámos por ocasião de nossa primeira visita a Puerto Suarez. Tem agora um a dois metros de largura e alguns centímetros de profundidade. Embrenhamo-nos depois por uma formação vegetativa mais fechada, verdadeira matta que atravessámos em cerca de uma hora ao trote moderado das nossas montarias. Pouco antes das 19 horas chegámos á margem da bahia de Caceres que, depois de uma estiagem prolongada que chegou a reduzir-a ao estado de enorme campo de pastagem quasi inteiramente secco, começa agora a encher. Mesmo assim é ella ainda e principalmente um vasto chapadão de verdura em que a agua vae penetrando e deixando de fóra apenas os cólmos longos dum capim verdejante que o gado muito aprecia. Nesse terreno inundado, de facto, vêm-se com frequencia as rezes entrarem paslando até a agua cobrir-lhes quasi totalmente o corpo.

Logo depois, avistámos ao longe duas luzes pallidas e pequenas, ás quaes outras depois se juntaram e que eram as luzes de Puerto Suarez.

Cahia a noite e a chuva ameaçava attingir-nos enquanto percorriamos as margens da bahia de Caceres, então povoadas de numerosos e pacificos jacarés. Marchavamos sobre terreno arenoso e só podiamos perceber sombras vagas, na escuridão quasi completa da noite. Estavamos muito perto de Puerto Suarez e tinhamos a marcha e a visão bastante perturbadas pelos dois fócios de luz electrica da entrada do povoado, os mesmos

dois que foram os primeiros de longe avistados.

Eram 20 horas quando chegámos á residencia de Don JUAN ALBERDI e, meia hora depois, appareciamos para jantar na séde da delegação. Lá encontrámos o delegado nacional, Dr. LINO ROMERO, o tenente-coronel VICTOR FILIPPI, commandante da guarnição, o capitão BARRIENTOS e o 1º tenente PADILLA, mais tarde chegando o Dr. DAVID TRIGO ARCE, major medico da guarnição.

15—I—1925.

Passámos o dia esperando a tropa que devia chegar de Corumbá e, em companhia do Dr. TRIGO ARCE, fizemos pequenos passeios por Puerto Suarez e seus arredores.

Quando, ha pouco mais de um mez, visitámos pela primeira vez Puerto Suarez, viemos de Corumbá em automovel, atravessando em larga estrada uma cãatinga typica constituida por denso emaranhado de arbustos de caule delgado, medindo 4 a 5 metros de altura, de casca branca, quasi sem folhas. Esses arbustos estão entremeiados de dous typos caracteristicos de cataceas, uma *urumbéva* ou *mandacarú* (*Cereus peruvianus* MILL.) que attinge 8 e mais metros de altura e outro de fórmias mais gracís, ondulantes, delgadas e menos elevadas (*Cereus bonplandi* PARM. e outras especies). Toda essa vegetação é espinhosa e extremamente difficil de penetrar. Para se protegerem quando andam nesses matos, os indigenas usam pernas de calças feitas de couro, a que chamam *botas* e rusticas sandalias da mesma substancia geralmente denominadas *abarcas*. Mais perto de Puerto Suarez, a formação vae se tornando menos xerophila e acaba por limitar-se com os vastos campos, verdadeiros *mimosos*, de uma bella verdura, em que se transformou a grande Bahia de Caceres. O Arroyo Concepción,

transpuzemol-o, então, de automovel, sobre a rocha calcarea descoberta que lhe constitue o leito então de todo reseccado. A Bahia de Caceres, em frente a Puerto Suarez, nesse fim de anno de 1924, era apenas um braço de água de uns cinquenta a cem metros de largura, estendido entre margens lodosas e atoleiros inçados de centenas de peixes mortos e putrefeitos, de alguns esqueletos de jacarés e de numerosas aves aquaticas que se aproveitam do facil e abundante repasto. A agua desse filete, alterada pela acção da temperatura abrazadora sobre os restos organicos em decomposição, habitada por muitos jacarés que lá jazem de guela hiante aquecendo ao calor do sol, é a unica de que a grande maioria da população dispõe para beber e para todos os usos domesticos. Muitos habitantes, dos mais escrupulosos, a tomam sómente fervida, outros, porém, menos cuidadosos usam-a em natureza, sem qualquer preparo prévio e dizem nada soffrer com seu emprego. Puerto Suarez, povoação em plena decadencia, que de porto só tem o nome, pois as grandes seccas reduzem a vasta bahia ás minimas proporções de um regato inteiramente inacessivel, mesmo ás pequenas embarcações, devia sua prosperidade até data bem recente á exportação da borracha, ou *gomma* como ahi é chamada e ao intenso movimento de importação que o Oriente da Bolivia fazia nessa época aurea. Referem moradores antigos de Corumbá as scenas movimentadas desse tempo no emporio fronteiriço. Lá se encontravam mercadorias em grandes quantidades, abarrotando os armazens por toda parte. Era nessa época também Puerto Suarez um dos passeios e estações de recreio mais frèquentados pela população brasileira da fronteira que lá encontrava o que de melñor se podia obter em generos de toda a sorte importados em grande escala. Hoje Puerto Suarez conta minima parte da antiga cifra de população, sejam talvez 600 ha-

bitantes na maioria de evidente origem indigena, que se soccorrem de Corumbá para obtenção de todas as commodidades da vida.

Na verdade quasi todos os chiquitanos não são mais do que descendentes dos indios chiriguanos civilisados pelos jesuitas e pelos colonos e com estes ás vezes mais ou menos cruzados: homens fortes, de estatura mediana, face redonda e mongolica, tez bronzeada, cabellos lisos e negros, pouco bigode, quasi nenhuma barba, corpo glabro (donde o nome de *pelados* que, pejorativamente, lhes applicam individuos de outras raças que com elles convivem). O chiquitano é resistente, disciplinado e sobrio, salvo no que se refere ao alcool de que abusa com frequencia. Entre os bolivianos que frequentámos, o uso das armas é pouco espalhado, ao contrario do que acontece com seus visinhos paraguayos que estimam a arma branca e brasileiros, quasi sempre portadores de armas de fogo.

As construcções são geralmente pobres mas nota-se o cuidado que houve de proceder ao reboco e á caiação das paredes que assim melhor protegem a habitação contra a infestação pelos triatomas. A cobertura das casas é de telhas ou de folhas de zinco. Neste ultimo caso, se faz ás vezes um revestimento inferior de talas de bambú que melhor isolam a habitação do calor que domina em grande parte das estações. Puerto Suarez, em 1925, vivia na guarnição, cerca de duzentos homens, além dos destacamentos espalhados mais para o interior.

Na ocasião em que estacionámos lá, Puerto Suarez atravessava uma séria crise de meios de subsistencia. A secca excessivamente prolongada prejudicára as poucas colheitas que podiam soccorrer a população e o proprio gado della sentiu os effeitos. Desta vez a Bahia de Caceres chegou a se transformar quasi totalmente em um capinzal, tendo mesmo seccado inteiramente durante alguns dias;

em principios de Janeiro começava a encher. O rio Paraguay baixara tanto que os poucos navios que o podiam subir faziam-no quasi sem carga para não encahar.

A crise attingira Corumbá que é a fonte em que se abastece a população e a guarnição de Puerto Suarez. As autoridades brazileiras difficullavam a exportação. Se em Corumbá chegou a faltar pão, aqui elle não existe ha quinze dias. Nos ultimos tempos de nossa estadia appareceu, vindo de Corumbá, um pouco de pão e de bolacha, logo vendidos, o primeiro ao preço de 1 boliviano e 20 centavos o kilo (o boliviano valia então 2\$500 réis) e, cada uma das segundas a 25 centavos. Do feijão, já quasi se esqueceram. O arroz é escasso e muito caro. Batatas não existem, como não existem quasi, nem ovos nem gallinhas. O leite que poderia ser abundante custa 50 centavos o litro. Tudo isso é devido sómente a defficiencia de transportes, sujeitos até agora ao anomalo regimen de aguas do Pantanal: inundação no tempo das chuvas e secca no inverno.

Puerto Suarez é séde da *Delegación del Oriente*, governada por um delegado do governo central o qual exerce uma ampla autoridade sobre a guarnição e os moradores da praça.

Actualmente o delegado é o advogado Dr. LINO ROMERO. O acolhimento que nos dispensou foi fidalgo, tendo palavras e actos da maior gentileza para com o nosso paiz e para os membros da missão BOUSQUET. A officialidade da guarnição está agora muito reduzida, ao todo uns oito officiaes quando deveriam ser mais do dobro. Na maioria são muito jovens, como tambem os soldados que são chamados ao serviço aos 19 annos. Os officiaes deixaram-nos a mais grata impressão, pela fina educação e cultura de que davam provas. O secretario da delegação, neto do celebre jurista e politico argentino JUAN BAUTISTA AL-

BERDI, dá mostras tambem do que são os homens que a Bolivia manda para as guarnições longiquas em que têm de estar em contacto com paizes estrangeiros

O Dr. DAVID ARCE TRIGO, medico, tambem recém-vindo a Puerto Suarez, foi diplomado em 1916 pela Universidade de Sucre onde depois exerceu o cargo de professor de cirurgia, completou seus estudos na Allemanha onde esteve durante 6 annos voltando em 1922. Dispondo de recursos modestissimos em materia de installação hospitalar, procura o joven e illustrado profissionaes melhorar rapidamente as condições defficientes em que vem prestando seus excellentes serviços profissionaes. Mostrou-nos o Dr. ARCE um doente de *carachas*, molestia que pudemos identificar com o impetigo vulgar, com tanto maior razão quanto é observação popular aqui que as *carachas* se seguem muitas vezes á escabiose. Tambem nos cães nos foi mostrada uma sarna da qual não tem sido possivel proteger nem mesmo os animaes mais bem tratados.

Percorremos, acompanhado de bom numero de mosquitos, a encosta que vae dar á Bahia de Caceres, toda de um terreno calcareo em que se abrem lapas pouco profundas. Nessa encosta, existem alguns vegetaes interessantes, entre os quaes duas arvores que mais chamaram a nossa attenção. Uma era especie de anonacea, conhecida pelo nome vulgar de *senini*, a qual produz, como outras da mesma familia, fructos comestiveis e, além disso, fornece uma madeira que quando queimada constitue um ambiente de odôr agradável do qual, entretanto, fogem os mosquitos.

Outra era uma especie figueira (*Urostigma sp.*) em que uma raiz aerea adquirira as proporções de caule accessorio.

Inutilmente esperámos a tropa durante todo o dia.

16—I—1925.

Continuamos á espera da tropa que deve chegar trazida pelo ajudante MURCE e aproveitámos o tempo para tratar de detalhes da viagem. Contractámos um bom *mozo* ou camarada para acompanhar-nos: é PEDRO JUSTINIANO, pequeno lavrador residente em Guapama, perto de Santa Ana.

Afinal, quando já desanimávamos, chegou a nossa tropa ás 17 horas. As chuvas torrencias da vespera não tinham favorecido a partida e a pessimã situação dos bois de carga, em numero de cinco, de que dispunhamos, não permitiu o transporte de toda a nossa carga que montava a mais de 850 kilos. Foi necessario abandonar um boi em Corumbá e fretar um carro de bois. Vieram descarregados até Puerto Suarez os animais de carga, unica condição em que elles podiam continuar a viagem. Assim mesmo o trajecto de 20 kilometros desde Corumbá consumiu nada menos de oito horas e toda a tropa de bovideos chegou fatigada, offegante e totalmente imprestavel para a travessia que tinhamos de fazer.

Com a chegada do material, iniciámos a colheita de mosquitos que foi farta si não variada. Com o Dr. TRIGO ARCE, á noite matámos aos milhares as anophelinas (aqui denominadas *puquillas*) que vinham pousar ou esvoaçar do lado de fóra das telas de arame que guarneciam as janellas illuminadas.

17—I—1925.

Passámos o dia em combinações e arranjos para a viagem e em colheita de mosquitos que continuam a ser muito abundantes e importunos. Para afugentá-los, usa-se aqui uma especie de espanador, feita do peciolo da folha de palmeiras, utensilio que, pela semelhança que, na fôrma e na função, tem com a cauda dos equideos é denominado *cola*.

18—I—1925.

Hoje fizemos pela manhã, com o Dr. TRIGO ARCE, uma pequena excursão até o «Naranjal», baixada distante dois kilometros de Puerto Suarez, onde se podem caçar jahós (*Crypturus scolopax* (Bp.)) aqui chamados *perdrices*. A caçada foi parcialmente um insuccesso, pois os mosquitos não nos deixaram em paz um só momento e ás nuvens nos acompanhavam, pousando e picando ás dezenas ao mesmo tempo. Entretanto, um soldado da guarnição a quem o Dr. TRIGO ARCE entregára a sua espingarda, sem perder um tiro, matou dois jahós que nos serviram para autopsia e para o almoço.

E' de notar a total ausencia de anophelinas que observámos durante a excursão desta manhã. Sahimos antes do sol nascer, pelas 5 horas, fomos desde logo atacados pelos culicineos, entre os quaes predominou sempre o *Culex scapularis*, sem que apparecesse uma só anophelina. Os *Culex* não nos abandonaram, mesmo com o sol brilhante até as 8 horas da manhã, quando começaram a diminuir de numero. Foi curiosa a visita que fizemos a um posto de observação construido pelo capitão BENITEZ. O edificio é suspenso aos ramos de uma enorme figueira, a 12 metros de altura, com uma área assoalhada de cerca de 25 metros quadrados. Esse tablado é cercado de um balaustre e uma varanda e tem ao centro uma cabana de palha, comprehendendo um apartamento mobiliado. E' um lugar em que se pode perfeitamente viver, dominando com a vista uma ampla região, verdadeira torre de observação a cuja altura os mosquitos, abundantissimos em baixo, de todo não attingem.

Trouxeram-nos hoje uma mussurana (*Oxyrrhopus cloelia*), serpente ophiophaga que media quasi dois metros. Entre os ophidios, são communissimas boideas da especie *Cyclagras gigas* DUM. et BIBRON, cujas propriedades ophiophagas,

com o Dr. PENIDO muitas vezes observávamos em Porto Esperança.

19—I—1925.

Ainda hoje não poderemos partir, pois resolvemos fretar um carro de bois para continuar a viagem, em substituição ao que veio de Corumbá. E a unica solução, dado o peso da nossa carga e as pessimas condições dos animaes que vieram de Porto Esperança.

As mulas nos têm dado algum trabalho e, hoje, escapou-se uma que só bem longe pode ser capturada: isso significa que talvez ainda não possamos partir amanhã. Passámos o dia tirando photographias e fizemos pequenas excursões para captura de mosquitos, verificando, como sempre, que durante o dia e fóra de casa predominam os culicineos e que os anophelineos só apparecem ao anoitecer. A ausencia de mutucas (*Tabanidae*) era completa até tres dias atrás, dahi para cá tendo nós observado duas especies.

Visitámos hoje o padre EUZEBIO ZABALA, parochio de Puerto Suarez, em cuja casa tivemos occasião de ver magnificas portas de madeira lavrada, obra do tempo dos jesuitas, datando de 1640 approximadamente. Lá tomámos informações sobre os habitantes da região, indios chiquitos civilisados pelos jesuitas que conseguiram implantar entre elles os habitos de trabalho, submissão e disciplina que de todo não lhes eram naturaes. Disse-nos o padre ZABALA que, embora ha muitos annos viaje na região, até hoje nunca teve um encontro com *los barbaros*, isto é, com os indios selvagens, embora os tenha ouvido a pequena distancia e observado suas trilhas recentemente frequentadas.

20—I—1925.

Como temíamos, ainda hoje não poderemos partir, pois nem o carro nem as mulas appareceram. Aproveitámos a

manhã para colher mosquitos e herborisar nas margens da bahia de Caceres. Uma parte desta ainda está secca. Emquanto não é recoberto pela agua, o sólo é ahi revestido de uma vegetação alta de cyperaceas, vegetação pouco densa cujos intervallos são preenchidos por outra, baixa e rastejante, comprehendendo duas gramineas e uma cyperacea pequenas. Uma pequena amarantacea, duas cesalpinaceas de flores amarellas, uma euphorbiacea semelhante aos *Julocroton*, formam o restante dessa flora de terreno calcareo.

Desde ha uns quinze dias, a bahia começou a encher e a grande planicie de verdura que a constitue no tempo da secca esconde, sob a apparencia illusoria de um terreno firme, a agua que sobe já em alguns pontos a uma altura notavel. A presença de grandes bandos de aves aquaticas, tuyuyús (*Jabiru americanus* (L.)) e cabeças-seccas (*Tantalus loculator* (L.)) que attingem muito mais de um metro de altura, garças brancas (*Herodias egretta* (WILS.)), biguás (*Carbo vigua* (VIEILL.)), etc., concorre ainda para dar a esse aspecto apparente maiores visos de realidade. O gado pasta nos arredores, entra mesmo na agua até immergir quasi completamente nella e, assim, a bahia de Caceres dá a illusão completa de uma vasta campina. Cresça, porém, a agua mais um pouco e se extende a perder de vista uma bacia continua, além da qual só se vêem ao longe as alturas da serra de Mandioré ou, então, Corumbá que, sobretudo á noite, se denuncia bem á distancia pela illuminação electrica de que é provida.

Hoje, depois de termos conversado varias vezes sobre as propriedades culiphagas das libellulas, aqui chamadas *alguaziles*, o Dr. TRIGO ARCE capturou uma dellas e teve a idéa de examinar melhor com uma pinça a disposição e a força das peças buccaes do pequeno nevroptero. Verificámos, então,

que o animal mordia a pinça e, dando-lhe o Dr. ARCE um mosquito que tínhamos capturado, foi este promptamente ingerido, a libellula ao fazel-o auxiliando-se com as patas. O Dr. ARCE repetiu a experiencia em nossa presença com outro nevroptero e, depois, passámos a dar tres mosquitos a um e dois a outro e, de cada vez, a ingestão se fazia do mesmo modo e com igual rapidez. Estava assim bem documentada a capacidade das libellulas de comer os mosquitos, ainda quando presas pelas azas, como as mantinhamos, e usando mosquitos vivos ou mortos pelo chloroformio como ás vezes fizemos. Essa verificação confirma a observação popular que teve por ponto de partida o facto de esvoaçarem as libellulas constantemente atrás de individuos perseguidos pelas nuvens de mosquitos communs na região.

21—I—1925.

Estamos arrumando os ultimos volumes, porquanto parece que iniciaremos hoje a nossa viagem para o interior, exactamente dois mezes depois de partirmos do Rio de Janeiro. A partida dos carros estava marcada para ás 14 horas e a nossa para logo depois. Infelizmente, os carros só deixaram Puerto Suarez, com destino a Motacusito, ás 17 horas e meia, ficando nós de seguir amanhã até o Tacuaral. Por conveniencia do carreiro, foi a carga distribuida por dois carros, um com cinco e outro com quatro juntas de bois, este ultimo pouco carregado e levando uma junta de bois como reserva. A marcha de taes vehiculos, que aqui carregam até 120 arrobas de 11 kilos, é de cerca de 3 kilometros por hora.

22—I—1925.

Depois das fortes chuvas de hontem amanheceu um dia escuro e ameaçador. Um vento sul bastante forte, entretanto, afastava os mosquitos. Já se vê agua no meio da bahia de Caceres.

E' hoje, afinal, que partimos e só um motivo de força maior nos poderia impedir de fazel-o, pois os carros já devem estar em Motacusito e elles conduzem toda a nossa bagagem e provisões.

A's 11 horas e 10' deixámos Puerto Suarez, o Sr. WILHELM EHRET, da Companhia Sul-Americana Belga o ajudante DALMIRO ROCHA MURCE, os peões HIJINIO SANABRIA, ANTONIO VACA e PEDRO JUSTINIANO, a companheira deste que vae até Guapama, e nós. Levamos connosco um cargueiro e seguimos todos na frente, deixando HIJINIO, a mulher e os nossos quatro bois de carga ainda prestaveis a alguns kilometros para trás.

No fim de uma meia hora, passámos o rio Salado, perto do qual se encontra um *chaco*, ou roça plantada pela guarnição de Puerto Suarez, com canna, milho e bananas. Até esse ponto a estrada estava quasi secca, apenas com um pouco de lama. A partir do Salado, porém, começamos a atravessar alagadiços em que os animaes só lentamente podiam caminhar. Não era um lodaçal, mas, por vezes, um trecho inundado em que corria a agua como num regato entre as duas paredes de verdura constituídas pela formação de cerrado. Havia alguns mosquitos, mas, principalmente verdadeiras nuvens de borboletas amarellas. A's 13 horas, chegámos a Motacusito, logar em que a estrada se alarga e forma-se uma clareira cercada de arvores onde foi construido um telheiro de 8 metros por 10, mais ou menos, coberto de zinco e de palha. E' a primeira *pasana* ou pouso, dos que se encontram por todo o percurso, construidos pelas empresas commerciaes que tinham interesse em prover de recursos seus empregados viajantes que percorriam a zona de Puerto Suarez a Santa Cruz de la Sierra.

Em Motacusito, encontra-se um regato que fornece agua abundante mas salôbra na qual vegeta um bom numero

de characeas. Enquanto se preparava o almoço, fomos ao banho e demos algumas voltas pelos arredores, capturando então alguns mosquitos e uma aranha caranguejeira (*Avicularidae*), animal peçonhento que aqui se denomina *pas-sanca*. São communissimos tambem certos orthopteros semelhantes ao louva-deus, aqui denominados *ma'a-caballo*, (pronuncia-se *mata-cavalhos*, o *b* com som de *v*) por ser espalhada a crença de que sua ingestão é fatal aos equideos. Existem muitos molluscos, entre os quaes, porém, não encontrámos planorbis.

O almoço constando de xarque e arroz cosidos num só recipiente, farinha, melancia e café, estava prompto no fim de uma hora e, pelas 17 horas terminavam os preparativos para continuação da viagem, lendo a partida logar 4 horas depois da sahida dos carros que ainda havíamos alcançado parados em Motacucito. Entre os ingredientes empregados na cozinha pelos regionaes, está o milho, com o qual se preparam muitas iguarias: a *chicha*, bebida fermentada ou não muito em uso no paiz, o *sômo*, tambem um pouco fermentado e que se toma sob a fórmula de sôpa, o *tujurê*, preparado com leite, o *tamal*, preparado com carne secca, a *semilla*, constituida por milho partido, o *môte* que é milho verde cosido, os *choclos* que são espigas de milho verde e muitas outras ainda. As folhas e hastes do milho, quando ainda verdes, sob o nome de *guiro*, são usadas como forragem.

Tinhamos feito, desde Puerto Suarez, apenas 10 kilometros. A nossa comitiva comprehende 27 bois, 4 cavallos, 3 muires e 2 carros, occupando nada menos de 10 homens, inclusive os membros da Transcontinental, isso sem contar a companhia de PEDRO JUSTINIANO. A carga que trazemos pesa cerca de 850 kilos, além do que transportamos no arreamento de montaria.

Viajamos trazendo, presos á sella, um cantil, um rifle Winchester calibre 44 de 12 tiros, um facão, um binoculo, uma lanterna electrica, uma machina photographica, uma rede, um toldo de dois metros, um cobertor, um ponche e um par de alforges. Nestes vem o imprescindivel mosquiteiro e todos os objectos de uso immediato, inclusive alguma roupa, alimentos e munição para as armas de fogo. Acompanham esses objectos tambem alguns tubos de ensaio e boccaes de vidro para guarda de material colhido (plantas ou certos pequenos animaes), laminas para preparados microscopicos, alfinetes entomologicos, caixa para insectos, sôros contra picada de cobra, seringa Lüer, quinino, bacteriophagina dysenterica e outros objectos. Era toda uma pequena bagagem em que se encontrava o indispensavel para as possiveis eventualidades.

De partida, continuámos a atravessar uma zona de vegetação intermediaria entre matta e cerrado. As arvores já são bem altas, attingindo cerca de 15 metros. A estrada continua larga, de 10 a 30 metros, lodaçal mais ou menos secco, só pedregosa a principio, mostrando então afloramentos da mesma rocha calcarea de Puerto Suarez. Em alguns pontos, marginando a estrada, vem uma relva quasi continua de selaginellas, se desenvolvendo rasteiras na base das plantas maiores dos dois lados do caminho.

No fim de uma e meia horas, passámos por uma pascana ou clareira denominada «Cerrito», do nome da pequena elevação de terreno que se encontra logo adiante.

Já ao cahir da noite, pelas 19 horas e meia, na altura do kilometro 20 de Puerto Suarez, atravessámos outra *pas-cana*.

A caminhada não cessou com o dia e proseguimos em direcção ao Tacuaral, a 30 kilometros de Puerto Suarez, por uma noite sem lua, embora estrellada. Seguimos, attento aos ramos de ar-

vore atrás da sombra dos companheiros. Chegámos ao Tacuaral pouco depois das 10 horas da noite, tratando logo de acampar. Esquecemos de trazer no cargueiro que nos acompanhava uma lampada adequada e só dispunhamos de phosphoros e das lanternas electricas. Forçoso nos foi utilizar o *cerote* regional, pavio recoberto de cêra, o qual se colla facilmente a qualquer parede por simples pressão. Começaram a apparecer, uma vez a luz accesa, as *babas* e *babitas*, mariposas de diversos tamanhos que muito molestam pela simples presença e pela propriedade que têm de emittir um liquido irritante que deixam sobre a roupa e outros objectos em que pousam.

Um cuidado necessario quando se chega a uma dessas pousadas é o de evitar os locaes frequentados pela *sépe* ou saúva, formiga que numa só noite pode destruir um bom numero de objectos, como mosquiteiros, papeis, calçados, etc... E' por isso que os regionaes insistem na necessidade de distinguil-a da cussandíra, outra formiga negra e de maior tamanho, porém não tão destruidora.

Dormimos commodamente em nossas rêdes protegidos pelos mosquiteiros que nos defendiam do pouco agradavel contacto das babitas e reflectimos sobre os preparativos Moraes que fizemos para enfrentar os celebres mosquitos do Tacuaral, os quaes se mostraram extremamente raros, especialmente as anophelinas que de todo não existiam. Tomámos a nossa temperatura ao chegarmos e verificámos que, tanto nós como o Sr. EHRET, estavamos febris.

25—I—1925.

O dia amanheceu esplendido e ameaça ser quente. A febre não nos deixou e foi com esforço que nos preparámos para continuar a viagem. Antes disso, porém, aproveitámos o tempo

para colher alguns mosquitos e a unica mutuca que nos appareceu.

Hoje podemos ver o sitio em que acampámos. No Tacuaral existe uma *pas-cana* bastante grande, com um bom telheiro, inferior, porém, ao de Motacusito que foi o melhor que encontrámos em toda a nossa viagem. Esse telheiro é coberto de troncos de carnaubeira ou carandá (*Copernicia australis*, especie talvez identica á *Copernicia cerifera*), com os quaes se construiu tambem no interior do rancho um tablado muito util por occasião das cheias em que grande parte desta região fica coberta de espesso lençol dagua que em alguns pontos attinge metro e meio de altura. E' commum o emprego da estipe do carandá para a construcção de casas, telheiros e cercas, ao que parece sendo sobretudo depois de requeimado pelo fogo que esse material se torna de grande dureza.

O carandá, tambem muitas vezes designado pelo simples nome de *palma*, é planta que existe em abundancia na região mais oriental da Bolivia, onde constitue formações concentradas, carandasas, ahi chamados palmares, ou apparece representada por exemplares isolados no meio de outras formações vegetativas predominantes.

A matta do Tacuaral é pouco densa, podendo-se facilmente caminhar por baixo della; a sub-matta e a vegetação epiphytica incluem bom numero de bromeliaceas, que vêm sendo encontradas ao longo da estrada até aqui e que constituem regularmente reservatorios de agua. Grandes casas de cupim (ninhos de termitidas) se encontram por vezes sobre o sólo ou os galhos das arvores. As arvores não são altas, em geral, porém, maiores que as de um cerrado. Ahi colhemos a polyporacea *Trametes hydnoides* Fries, servindo de suporte a um outro cogumelo quasi microscopico que não nos foi possivel conservar para estudo. Levantámos acampamento ás 7 ho-

ras e meia e continuámos a travessia, iniciada na vespera, desse lodaçal de tres leguas. O terreno estava ahí meio secco e parcialmente transformado em *encrespado*, isto é, terreno em que persistem, de seccadas e firmes as depressões profundas deixadas pelas patas dos animaes por occasião das innundações ou das chuvas. Durante toda a marcha uma nuvem de milhares de borboletas, iguaes ás que hontem observámos, e a relva muito florida alegravam a vista. Atravessámos primeiro uma zona em que a palma ou carandá é abundante e domina os outros vegetaes, sustentando a grande altura, sobre uma estipe delgada, a corôa de folhas flabelliformes. Metade dos exemplares de carandá estava, entretanto, despida de folhas. O fogo que annualmente é ateado a essas mattas e o vento que depois d'elle sopra são os principaes responsaveis por essa devastação. Já aqui se encontram o *quebracho blanco* (*Aspidosperma quebracho blanco* SCHLD.) e o colorado (*Schinopsis balansae* ENGL., mais commum para leste e o *S. lorentzii* Grisebach distribuido principalmente a oeste), sendo todos conhecidos pelo nome de *soto*. Depois, apparecem formações mais baixas, semelhantes ás que se encontram perto de Puerto Suarez, nas quaes outra palmeira, o *totai* (*Acrocomia totai*) substitue o carandá.

Pouco antes das 10 horas chegámos a Potrero de Abril, primeira localidade ás vezes habitada que se encontra desde a partida de Puerto Suarez, distante desse ponto de partida 45 kilometros e, outros tantos de Carmen, segundo pouso habitado que encontraremos.

Em Potrero de Abril, encontrámos uma casa de barro, coberta de carandá, onde residem alguns indigenas, dos quaes vimos tres, uma mulher e dois homens, que se occupam com a plantação de laranjas, bananas, aboboras, milho, etc..

No local existe agua que agora está muito suja. A casa se prestaria bem á

vida de triatomas, mas os habitantes informam que elles lá não existem. E' grande a quantidade de vespas.

Tanto no Tacuaral como em Potrero de Abril, entre os mosquitos, predomina o *Culex scapularis*. Colhemos diversas especies de mosquitos e mutucas e aproveitámos o dia para pôr em ordem as collecções, pois nem o Sr. EHRET nem nós, estamos completamente restabelecidos. As mutucas eram já abundantes, bem como os carrapatos, denominados aqui *broquelones*. Os mosquitos eram pouco abundantes, não existindo anophe-linas.

O dia foi quente e pelas 19 horas, quando anoiteceu, os moradores se occuparam em procurar, a nosso pedido, os *guanacos*, hematophagos que são objecto de multiplas referencias e particularmente temidos pela producção allegada de ulcerações nos pontos da pelle por elles picadas. Verificámos logo que se tratava do carrapato do chão, uma especie de *Ornithodoros*, o *O. rostratus* de ARAGÃO, ixodideo da subfamilia *Argasinae*, existente tambem em Matto Grosso e que pertence a um grupo interessante por incluir animaes transmissores de febres recorrentes.

24—I—1925.

Quatro dos nossos animaes foram sugados por morcegos.

O dia está esplendido e esperamos fazer ainda pela manhã umas cinco leguas de marcha. Deixaremos para trás as *pascanas* de Yacuzes e de La Cruz e seguiremos directamente para Potrerito.

Emquanto nos preparavamos para a partida, os macacos faziam grande barulho na matta proxima. Já os tinhamos ouvido no Naranjal, perto de Puerto Suarez, mas desta vez estão muito mais proximos. Desses macacos, conseguimos mesmo ver alguns ao longe; foi, entretanto, impossivel atiral-os por não se deixarem

aproximar. Era uma pequena especie avermelhada que assoviava bastante.

Pouco depois das 7 horas, deixámos Potrero de Abril, e, em cincoenta minutos chegámos a Yacuzes onde encontrámos um bom curral, casa, telheiro e pastagem conveniente para os cavallos. Falta, porém, agua e por isso está o local deshabitado.

Continuámos a encontrar o mesmo typo de vegetação, transição entre cerrado, caatinga e matta alta, com cactaceas (duas especies de *Cereus*), bromeliaceas terrícolas e raros exemplares da barriguda (*Ceiba glaziovii* SCHUM., segundo HOEHNE ou *Chorisia ventricosa* NEES et MART. segundo HERZOG), aqui designada pelo nome de *toboroche*, entremeiados de algumas arvores de grande porte.

Attingimos La Cruz ás oito e meia e lá encontrámos novamente os carros. A *pascana* dispõe de dois telheiros regulares e de um mau curral. Não ha outra agua a não ser a das poças que, na estrada, são formadas pelas excavações deixadas pelos cascos dos animaes e pelas rodas dos carros. Mosquitos ainda poucos.

Desde que sahimos de Potrero de Abril, estamos em zona frequentada pelos *barbaros*, como são denominados os indios selvagens. Estes são muito ariscos e raramente se deixam ver. Algumas vezes atacam os viajantes que atravessam essas paragens, mas taes factos, em summa, são muito raros. Sómente pessoas que viajam em grupos muito pequenos ou inteiramente sós e desarmados correm verdadeiramente o risco de um ataque.

Em La Cruz, viemos a encontrar maruins (Ceratopogonineas), denominadas na região *jejenes*, do mesmo modo que determinadas especies de pequenas moscas pretas que capturámos. Ainda é ahí commum certo myriapodo, abundante tambem em Puerto Suarez e no Naran-

jal, com o corpo de côr amarella e preta, denominado vulgarmente *quema-quema*. De caminho para La Cruz, encontrámos uma garça (*Herodias egretta*), um pato e um tucano (*Rhamphastideos*). Ao chegar em La Cruz, continuámos a travessia e passámos a *pascana* denominada Portugués, chegando ás 11 e meia horas a Potrero Quemado, logar deshabitado, onde, entretanto, encontrámos algum gado, cerca de dez cabeças. Esse local, em que nenhum rancho existe, mostra, como grande parte do caminho, vestigios do fogo que devasta toda a região em meados de cada anno.

De Potrero Quemado em deante, mudam o aspecto da vegetação e a estrutura do terreno. Este passa a ser arenoso e começam a apparecer exemplares da palmeira *totai* em maior quantidade. Tambem os campos artificiaes ou *pascanas* são aqui de maiores dimensões.

Por toda esta região, como aliás, até as proximidades de San José, a vegetação está sempre semeiada de numerosos orthopteros, *mata-caballos* e *tucuras* ou gafanhotos.

Chegámos a Potrerito ás 13 horas e um quarto, com um tempo ameaçador e nuvens escuras que não chegam, todavia, para enganar os conhecedores que affirmam com segurança que não choverá. Estamos acampados num verdadeiro ninho de carrapatos, moscas, mutucas e *babas*, grande *pascana* em que existe o unico poço artificial de toda a região. O telheiro é velho, pequeno e quasi em ruinas. Aqui, fizeram os camaradas uma entrada pelo matto e encontraram uma carniça de onça, consistindo em restos de um porco do matto, especie de que um bando havia deixado numerosos rastros pela estrada.

Continuámos, o Sr. EHRET e nós, ainda indispostos e attribuimos esse facto á qualidade e irregularidade da alimentação.

A agua aqui é um pouco salôbra recoberta por uma camada de vegetaes fluctuantes, principalmente Lemnaceas e algas verdes. O poço é frequentado por numerosos batrachios, muitas maripôsas e outros insectos esvoaçando e pousando a superficie. O poço é profundo e a agua está a uns oito metros abaixo do nivel do sólo.

25—I—1925.

A noite foi muito fria, o poncne e o cobertor não sendo sufficientes para aquecer-nos. Como previam os nossos peões, as nuvens dissiparam-se e não choveu nem hontem nem hoje. Levantámo-nos ás 3 horas e meia da madrugada e continuámos os preparativos, iniciados de vespera, para a sahida que teve logar ás 5 horas e um quarto.

Continuámos a caminhada atravez de um campo de formação secundaria em que floresciaam numa extensão de kilometros os arbustos de *Bauhinia*. O terreno continua arenoso.

No fim de meia hora, passámos a *pascana* denominada Molacusito, a segunda desse nome que encontramos desde Puerto Suarez. Ahi não se encontra agua e, simplesmente, um rancho e uma clareira. Continuando a marcha, fomos sempre verificando os effeitos das queimadas annuaes.

No fim de algum tempo, encontrámos na estrada dois rastros de onça, de tamanhos differentes, sendo um bastante grande. Seguimol-os numa extensão de dois kilometros. Tornámos depois a penetrar na matta.

A's 7 horas e meia attingimos Los Cañales, onde ha um potreiro, com alguns esteios fincados, vestigio de telheiro que não existe mais. Pelo percurso fomos encontrando algum gado manso, vindo provavelmente de Santa Ana ou de Carmen. Aqui, como em Matto Grosso, existe pequena quantidade de *ganado alzado*, gado que se propagou em liberdade pelo

sertão tornando-se inteiramente selvagem e bravio. O governo boliviano, mediante tributo, concede a particulares o direito de matar o *ganado alzado* e de aproveitar-lhe a carne e o couro. Essa industria é pouco rendosa.

A vegetação continua a mostrar o *loboroche*, as duas cactaceas e as bromeliaceas que vinhamos assignalando desde os primeiros dias de viagem.

Passámos por Guapurucito pelas 8 e meia horas e lá encontrámos, pela primeira vez, um carro que não era dos nossos e que conduziam tres pessôas. O nome do local é o diminutivo de *guapurú* que significa jaboticába (*Myrciaria cauliflora* BERG.), a planta de fructos comestiveis tão commum no Brazil.

A' esquerda do caminho se vê a serra de Yacuzes que ha dois dias era já avistada. Pouco além, a estrada atravessa essa serra que passa a apparecer á direita e vae constituir a serra de Carmen. Todas essas serras não passam de uma cadeia de collinas.

O terreno arenoso, em que está aberta a estrada de dois a tres metros de largura, mostra de espaço a espaço charcos e lodaçoes que interrompem de vez em quando o caminho e ás vezes obrigam a passar por um *desecho* ou desvio, picada aberta no cerrado, onde só lentamente se pode penetrar a cavallo.

A's 10 horas attingimos a primeira casa habitada do logar denominado Carmen e, depois, uma outra, chegando ás 10 horas e um quarto ao ponto em que iamos apear, na casa do Sr. MERCADO, fazendola comprehendendo meia duzia de edificações, uma das quaes serve de séde á escola publica primaria frequentada por cinco alumnos. O professor era um hespanhol, sapateiro de profissão, natural das ilhas Canarias, no momento soffrendo ainda do impaludismo que adquirira quando trabalhava em Iguape, no Estado de São Paulo. Foi esse o primeiro individuo que encontrámos fazendo uso

das folhas de cóca que empregava sob a fôrma de infusão. Não se tratava, aliás, da cóca verdadeira, mas de uma falsa cóca que é usada em todo o Oriente da Bolívia, mesmo em Puerto Suarez.

Estamos a 97 kilometros de Puerto Suarez e a 1199 de Cochabamba.

Em Carmen, tambem pela primeira vez nessa viagem, encontrámos armas tomadas aos indios selvagens das tribus potoreras: uma lança de duas pontas e dois grandes tacapes, do typo unico usado pelos indios da região e designados pelo nome hespanhol de *macanas*. As macanas medem de metro e meio a dois metros e mais de comprimento, são achatadas e têm de largura cerca de 5 e de espessura cerca de 2 e meio centímetros, com bordos afilados. A madeira usada para seu fabrico é o pau ferro, aqui chamado *cupichichon*. As lanças de duas pontas são compostas de tres peças: duas pontas de madeira endurecida ao fogo, medindo cerca de 60 ou 70 cm. de comprimento por 5 de maior diametro na base, adaptadas a uma peça intermedia-ria que tem a fôrma exacta de uma caneta das usadas para desenho a *fusain* e que mede pouco mais de um metro. Essas peças são atadas umas ás outras com o auxilio de embiras. Essas armas foram por nós adquiridas e, com outros objectos, offerecidas ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, em cujos mostruarios e colleccões figuram.

Fizemos varias pequenas excursões pelos arredores, indo primeiro ao *chorro*, pequena quéda dagua que corre adeante de uma gruta cuja abertura é guarneçada de uma vegetação exuberante de fetos, palmeiras e outros vegetaes caracteristicos das formações hygrophilas tropicaes.

26—I—1925.

O pouso em que estamos é protegido ao Norte pela serra pedregosa de Carmen constituida por um quartzito que aflora por quasi toda parte, a pouco mais

de duzentos metros sobre o nivel do mar e a Leste deixa ver alguns rochedos de fôrma interessante. O terreno plano da estrada é, desde Los Cañales arenoso.

Sahimos a visitar o corregedor, Sr. BELISARIO MENDOZA, que aqui vive ha um anno. Em sua casa encontrámos, domesticado, um pequeno caitetú (*Tayassu tajacu* (L.)), bem como varios couros de outros exemplares da mesma especie.

Do Sr. BELISARIO MENDOZA colhemos informações sobre os indios selvagens da região e soubemos que elles frequentam toda a zona desde Yacuzes até Estancia, a 3 leguas de Carmen. Nesta ultima localidade raro apparecem, de vez em quando, porêm, surgindo para roubar ferramentas e animaes. O corregedor nos entregou uma macana e uma viseira de pennas abandonadas por um indio que, surprehendido nos arredores, as atirou durante a fuga. Esses indios passam a vida aqui no estado nomade e só quando deixados em completo socego constróem pequenas e baixas ramadas de palha, em torno das quaes, aproveitando clareiras deixadas pelas grandes queimadas annuaes, plantam milho, algodão, melancias, abóboras, mamões, permanecendo no local até a colheita, época em que tornam a partir. Aqui ninguem procura se approximar desses indios e nenhuma tentativa é feita para pacifical-os, não raro se organisando expedições que se entregam a represalias depois de ataques e roubos por elles praticados. Os ataques de indios se dão sempre durante o dia, nunca se verificando de noite.

Tivemos informações de que existem *guanacos* (*Ornithodoros rostratus*), por todos os areas dos arredores, tanto fóra das habitações como dentro dellas.

Durante o dia subimos a um dos cerros da chamada serra de Carmen e lá visitámos uma pequena gruta na qual fomos encontrar desenhos em relevo cavados na pedra, tanto nas paredes como no

tecto. Esses desenhos são, segundo dizem os moradores do local, obras de índios, talvez dos grupos potoreros da região e não passam, os da parede da gruta, de simples excavações, ao passo que os do tecto são pinturas em negro, de fórmulas diversas que copiámos: simples traços horizontaes ou verticaes, pontos, círculos concentricos, figuras radiadas e catenuladas, fórmulas ramificadas e combinações diversas desses elementos.

Os camaradas sahiram em caçada e mataram dois patos e um grande bugio barbado (*Cebus caraya* HUMBOLDT). Enquanto isso, assistimos á scena curiosa de montar a um novillo bravo.

Ao cair da tarde voltámos á gruta das inscrições onde capturámos grande numero de phlebotomos que se accumulavam para o fundo da excavação. Lá também matámos um morcego. A gruta tem uns 10 metros de profundidade por seis de largura e, lateralmente, se comunica com uma outra semelhante na qual não ha inscrições. A abertura tem, á entrada, cerca de quatro metros de altura e vae se afunilando para a outra extremidade. Photographámos as figuras das paredes que deram nitidas copias e as do tecto que, pela falta de iluminação apropriada não forneceram imagens aproveitaveis. Dizem os moradores do local que a coloração negra dos desenhos do tecto da gruta foi talvez obtida com certa materia corante que varios grupos indigenas extrahem do páo santo ou *guayacan* (*Bulnesia sarmienti* LORENTZ); essa materia corante é conhecida na região pelo nome de *alquitrán*.

A *Orbignya phalerata* MART. aqui denominada *cuci* ou *cusi* é um dos representantes mais notaveis da familia das palmeiras, por muitos viajantes identificado com o *babassú* brasileiro (*Orbignya speciosa* BARBOSA RODRIGUES). Em toda a região existe em abundancia o côco *totai* que fornece fructos apreciados para a alimentação e ricos em oleo que

é extrahido e empregado para a toilette do couro cabelludo e dos cabellos. Também outro oleo aqui extrahido é o de copahyba, fornecido por uma leguminosa (*Copaijira langsdorffii* (Desf.) Kuntze), em cujo caule se fazem profundas incisões biselladas, a machado, com cerca de um decimetro de profundidade; nessa cavidade, que é protegida da invasão de abelhas por meio de um tecido qualquer, se accumula o oleo a extrahir, o qual sem essa precaução pode ser carregado pelos pequenos hymenopteros.

27—I—1925.

A's 6 horas e meia da manhã partimos de Carmen, atravez do areal em que cresce uma vegetação baixa de cerrado que aqui se chama *chaparral*. No fim de uns quarenta minutos, deixámos á esquerda o primeiro caminho que vae á Almendra e, depois, outro que dá na Fazenda de San Firmin. Atravessando zonas alternadamente de cerrado baixo e malta alta, entre as quaes se destacam as formações curiosas em que predomina a palmeira motacú, chegámos as 9 horas e meia a Guapama, onde reside o nosso camarada PEDRO JUSTINIANO. Lá ficou a companheira deste ultimo, seguindo comnosco o irmão, HIJINIO, que também havíamos contractado. Como em San Firmin, as casas de Guapama ficam um pouco afastadas da estrada, a uns trezentos metros. O local tem aspecto agradável e as habitações, como sempre na região, são construidas de palha e estipes de carandá.

De Guapama tocámos para Santa Ana, a uma legua de distancia, por um terreno arenoso onde continua a aflorar de vez em quando a mesma rocha (quartzito) que constitue o massiço de Carmen. Logo depois, porém, esse terreno é substituido por outro quasi sempre inundado numa extensão de tres kilometros, zona essa totalmente secca quando a atravessámos, em consecuencia da estiagem ex-

cepcional deste anno cujas consequencias se farão sentir por muito tempo. A estrada estava transformada em uma série de encrespados facilmente transitaveis. Ficára a descoberto com o desaparecimento da agua, o systema de pavimentação que foi empregado para permittir a travessia desse trecho pelos carros de bois, no tempo em que o trafego relativamente intenso exigia certos cuidados de conservação da estrada: troncos e ramos de regular espessura, 10 ou mais centímetros, dispostos transversalmente como dormentes de uma via ferrea, mas lado a lado, bem juntos, formando uma especie de ponte á superficie do lodaçal. Tambem vestigios de uma ponte elevada sobre o nivel do sólo, se percebem em certos trechos; são, porém, apenas esteios fincados de espaço a espaço a unica cousa que resta de taes construcções.

Acampámos para almoço antes de chegar a Santa Ana, no cerrado que margea a estrada onde nos esperavam os camaradas partidos na vespera com os carros e a tropa.

Os bois, tanto os de carro, como os de sella ou de carga, viajam sómente a tarde, em toda a zona que atravessámos, continuam a viagem noite a dentro e podem proseguir até de manhã, logo que o sol começa a esquentar sendo necessario interromper a jornada. As marchas communs são de oito horas por dia, á razão de tres kilometros por hora e, num dia, faz o carro de quatro a cinco leguas. E' preciso, entretanto, contar com os imprevistos. E' frequente se ter de abrir caminho para o carro a machado, quando cahe alguma arvore pelo caminho ou se ter de desviar da rota batida, abrindo um atalho pelo cerrado, quando o obstaculo é de maior monta. Tambem os accidentes são communs e cada carro deve dispôr de pessoal habilitado para as reparações e do material e instrumentos necessarios. Todos transportam *macacos* (aqui chamados *gatos*) para levantarem

o vehiculo em caso de accidente, e uma verdadeira officina de carpintaria que permite o fabrico de rodas, eixos, etc. Cada carro leva habitualmente seis juntas de bois e é servido por dois *moxos*. Quando chega a estação chuvosa, a viagem dos carros é em extremo accidentada, acontecendo ás vezes pararem nos lodaçoes, dois, tres e até seis mezes seguidos. Nessa época, não raro o trafego é impossivel para cavallos e muares e só os bois conseguem caminhar com segurança e atravessar leguas inteiras de terrenos inundados com agua ou lodo até o peito e passando a nado os *pozos* ou trechos mais profundos encontrados pelo caminho. A viagem é então muito penosa e ás vezes leva-se quasi todas as horas uteis do dia para avançar apenas uma legua.

Em toda a estrada, desde Puerto Suarez, encontram-se esqueletos de bovinos que succumbiram á fome, á sede, afogados ou eliminados pelas epizootias de carbunculo, aqui chamado *lingueta*. Tambem destroços de carros, presos definitivamente e destruidos nos grandes lodaçoes, se vêm todos os dias.

Os mattos desta zona são pouco frequentados pela caça e tudo quanto hoje vimos foi uma cotia (*Dasyprocta sp.*) surprehendida nas proximidades de Carmen.

Uma hora antes de se chegar a Santa Ana, já se começa a avistar a serra de Tucabáca que ainda hoje teremos que atravessar.

A's 13 horas e meia, deixámos o acampamento e seguimos em direcção ao povoado de Santa Ana, onde nos instalámos na melhor edificação da localidade, a casa, agora vasia, pertencente á firma Zeller. No percurso que fizemos em um quarto de hora, conservando a passo as nossas montadas, encontrámos apenas pequena extensão de encrespados e o resto do terreno arenoso e com os mesmos afloramentos anteriormente assignalados.

Santa Ana é um povoado decadente, quasi deserto, silencioso, com menos de uma dezena de casas quasi todas cobertas de palha e construídas de barro e páo a pique, não rebocadas, alinhadas dos dois lados da estrada, que ahí se alarga para formar uma especie de praça de cinquenta metros, no centro da qual passa a linha telegraphica que vae para Roboré. Das casas do povoado, só tres estão actualmente occupadas, existindo no centro da praça um telheiro que serve de abrigo aos viajantes. Não ha agua perto de Santa Ana e só no ponto em que acampámos, a mais de dois kilometros sahe o desvio que leva ao local denominado Canôas onde vão os moradores buscar a agua necessaria e conduzir os animaes para beber.

Os habitantes estão quasi todos nos *chacos*, isto é, nos logares em que têm suas plantações.

Fizemos buscar agua por uma das mulheres da região e ella nos informou que em Santa Ana só existem actualmente dois homens para um total de uns vinte moradores. Lá reinam sempre febres pela época das chuvas.

Estavamos a 120 kilometros de Puerto Suarez.

Depois de termos attendido a dois doentes que nos procuraram, deixámos Santa Ana ás 5 horas e um quarto da tarde, marchando á razão de 52 minutos por legua. Não longe do kilometro 5, pois a estrada daqui a Roboré é demarcada por kilometro, deixámos um primeiro caminho á direita e, para encurtar o trajecto que devíamos ainda percorrer, seguimos por uma segunda vereda que parte do lado direito da estrada, pouco além do kilometro 6. E' um simples atalho, cortado atravez do chaparral onde se vêem em muitos pontos vestígios da acção do fogo. Caminhavamos para No-roeste, direcção da serra do Tucabáca, cuja base attingimos já á noite.

Felizmente, a lua nova forneceu-nos

um pouco de claridade que facilitava a tarefa de distinguir e evitar os ramos pendentes e os troncos cahidos das arvores do chaparral. A lua, porém, ás 8 horas e meia já não era mais visivel e cada vez mais difficil se tornava a travessia. Continuámos, entretanto, a galgar a serra, guiados pelos cavallos mais do que guiando-os, tropeçando nas pedras soltas, escorregando na rocha núa e lisa que por toda a parte aflora, nos emmaranhando em espinhaes, esbarrando nos troncos das arvores e quebrando os galhos seccos do caminho, tudo isso sem ver os obstaculos ou só os percebendo quando encontravamos sua resistencia. No fim de uma hora começámos a descer e assim andámos até as 22 horas e meia da noite. A essa hora, porém, perdemo-nos e tivemos que parar, aproveitando a occasião para apear e continuar a pé a descida da serra. Não durou mais de cinco minutos a nossa errada, que o terreno desmoronado no local tórñara inevitavel. Aliás, pouco nos incomodava o facto, pois já ouviamos em baixo o latido dos cães da casa existente nas margens do rio Otuques ou Tucabáca. Tínhamos transposto a serra e estavamos a chegar ao pouso. Encontrámos o caminho, amplo e arenoso que em 10 minutos nos conduziu á casa do barqueiro MANOEL CORREIA, preto brasileiro, talvez quasi centenário, vindo para a região pouco depois da guerra do Paraguay, quando deixou a Bahia, seu estado natal.

Só depois de meia noite nos deitámos, tendo feito a mais penosa das travessias que nos esperavam durante toda a viagem.

28—I—1925.

Logo ao clarear o dia, uma nuvem de maruins, de que alguns exemplares desde a vespera nos tinham picado, penetrou atravez da malha insufficiente do nosso mosquiteiro, obrigando-nos a dei-

xar a rêde. Levantamo-nos e fomos percorrer um pouco o local.

Estavamos acampados num telheiro arruinado fronteiro á casa de MANOEL CORREIA, numa grande clareira que se extendia até as margens do Tucabáca, a perto de duzentos metros de distancia. Este rio de aguas limpidas mas escuras, acastanhadas, corria então atravez de uma floresta cerrada de grandes arvores typicas das mattas tropicaes, floresta que a montante fecha completamente o curso do rio e, a jusante, é substituida por camalotes extensos em cuja composição entra exclusivamente a pequena aracea aquatica, *Pistia stratiotes* L..

O passo para a travessia está limpo numa largura de cincoenta metros ou mais e junto a elle termina a formação florestal em pleno leito do rio.

A profundidade do Otuques ou Tucabáca é extremamente variavel: ha cerca de um mez podia ser atravessado por um homem, dando-lhe a agua pelo joelho ao passo que hoje tem tres ou quatro metros de profundidade. Dado o declive suave da barranca, é proporcionalmente variavel a largura do rio: dois, tres ou quatro metros na secca, cincoenta ou cem nas enchentes. Agora tem elle talvez oitenta metros de largo. E' geralmente em Agosto, segundo informa MANOEL CORREIA, que a baixa é mais accentuada.

Fomos informado de que hontem se descobriu perto daqui rastro fresco de selvagens e que um morador da outra margem vae seguil-os para saber que direcção tomaram e atirar sobre os que encontrar. Os indjos, entretanto, não atacam os moradores do Tucabáca, mas em outras épochas já tres vezes MANOEL CORREIA teve occasião de repellir a rifle suas tentativas de approximação. Diz o barqueiro que elles usam pintar-se com uma materia corante vermelha que extrahem de uma arvore chamada *môra*.

Manoel Correia já desceu o Tucabáca

numa extensão de cerca de tres leguas, encontrando varios trechos pedregosos em que não passa canôa. Informa o barqueiro que, a uma legua do passo que devemos atravessar, desagua o rio Agua Caliente.

A vegetação dentro do rio e nas margens é, principalmente a montante, de matta hygrophila. Nos pontos distantes do rio é uma formação espinhosa com algumas arvores grandes, mas geralmente de aspecto xerophilo. Ha alguns grandes exemplares de *Cereus peruvianus* NILL. e poucos de outras cactaceas pequenas (*Cereus bonplandi* PARM.) que observamos desde o principio do nosso trajecto.

A travessia do Tucabáca se faz em duas pequenas e toscas canôas, geralmente conjugadas, medindo cinco metros, nas quaes são transportados passageiros, cargas e os proprios carros de bois, estes ultimos montados sobre uma armação de madeira preparada sobre as duas fragéis embarcações. Aqui não se usa o processo seguido no rio Grande, pouco antes de se chegar a Santa Cruz, o qual consiste em fazer a travessia em pelotas de couro, especie de saccos puxados a reboque por um nadador e no qual pessoas e cargas são passadas de uma para a outra margem do rio depois de demorada travessia. Lá os carros passam amarrados a pedaços da raiz do *tôco* (talvez o *Aspidosperma macrocarpum* MARTIUS, no Brazil conhecido com o nome de *guatambú*) planta que, pela fraca densidade da madeira (0,739 a 0,835 segundo ED. NAVARRO DE ANDRADE e OCTAVIO VECCHI, para o *guatambú*), nesse orgão é usada como fluctuador. O *tôco* no rio Tucabáca é apenas elemento auxiliar da travessia.

MANOEL CORREIA nos deu algumas informações sobre a existencia de triatomas para os lados de Santiago, Santa Cruz, Cochabamba, etc.. Dá-lhes o nome de *banchuca*, corruptéla de *vinchuca*, pelo qual os triatomas são conhe-

cidos em grande parte da America hespanhola. Distingue o nosso informante, como outras pessôas com quem conversámos, os *jejenes* ou Ceratopogonineas, a que denominamos maruins, dos *bariguins* ou *mariguins*, que descreve como brancos e um pouco maiores. Chegámos a conclusão de que essa ultima designação se applica em todo o Oriente da Bolivia aos simulideos ou borrachudos, mais raramente aos phlebótomos.

Das 13 horas e meia ás 14 e meia, occupámo-nos com os arranjos para a travessia dos animaes e da carga que comnosco viaja, pois os carros só deverão chegar durante a noite.

Uma vez na margem direita, pudemos observar os extensos camalotes de *Pistia stratiotes* L., com muitas dezenas de metros de extensão, os quaes fecham completamente a passagem do Tucabáca a jusante do passo que atravessámos. Esse aspecto contrasta accentuadamente com o da matta aquatica que se desenvolve a montante, a qual encerra árvores possantes, incluindo algumas palmeiras, sub-matta bastante viçosa, mas poucas lianas. Toda essa vegetação, nas occasiões de grande secca, fica em terra firme e, momentos ha, bem raros, é verdade, em que só um filete d'agua percorre a formação. Nessa matta e na que, com menor pujança, se desenvolveu nos arredores, as maitácas (*Psittacidae-Pionidae*) fazem um ruido constante durante todo o dia, não raro os *pica-páos* (*Picidae*) acompanhando-as com suas martelladas. Nessa matta, atiramos sobre um grupo de quatro lontras, não conseguindo. dada a grande copia de mosquitos, fazer uma pontaria efficaz.

A's 15 horas e meia, deixámos o passo do Tucabáca que fica pouco antes da estaca do kilometro 31, a contar de Santa Ana.

O nome de Tucabáca deriva da designação *tucabacach*, pela qual é conhecida a anhúma (*Chauna cristata* (SW.)) no idioma chiquitano.

Logo depois de partirmos da margem direita do Tucabáca, encontrámos outra casa habitada. Seguimos pela estrada arenosa, sobre uma rocha ferruginosa (limonito), até atingirmos o kilometro 44, em frente ao marco do qual tomámos o caminho á esquerda que vae dar á fazenda de Los Naranjos. Deixam-se, então, para o Norte as serraniás que vão constituir a serra de Santiago, serranias que tambem se denominam Sunzas Chicas e cujos recortes caprichosos se desenhão ao longe no horizonte com agulhas, quédas abruptas, picos e taboleiros de fórmãs fantasticas, que commumente se observam nos terrenos em cuja composição entra o quartzito.

Passámos atravez de cerrados em que predominam mimoseas, bauhinias e euphorbiaceas e uma alta caapoeira para além da qual se encontram plantações de milho, canna, bananas e algodão, este de uma variedade local, denominada *algodón del pais*. Depois de atravessarmos um bello palmar, chegámos ao estabelecimento agricola de Los Naranjos, propriedade de Don MANOEL PINTOS, ás 19 horas e 50 minutos.

Don MANOEL PINTOS é de nacionalidade hespanhola e está estabelecido ha poucos annos na fazenda a que chegámos, onde se occupa sobretudo de criação de gado vaccum de que estão lá reunidas 300 cabeças á custa das quaes está incipiente uma industria local de lacticinios, superada que tem sido até agora pelas occupações de *fletero*.

Soubemos aqui que os selvagens têm andado por muito perto e que estiveram ha poucos dias cosinhando peixe e fructos selvagens a cerca de 200 metros das casas da fazenda. Presentidos, os indios fugiram abandonando uma panella de barro que nos foi mostrada. Não nos surprehendeu a noticia da proximidade dos indios, pois, além das informações colhidas no Tucabáca, nós mesmo tínhamos avistado ao longe, ao abandonar a

estrada real, os fógos que elles ateavam a mais de uma legua ao Sul do rio.

Chamam aqui a essa raça de indios que frequentam a região, de *potoreros* e dizem que a umas vinte e duas leguas daqui, para os lados de San Miguel, existem grandes grupamentos dessa raça. Em Los Naranjos, o proprietario prohibiu que se perseguissem os indigenas e comprehendeu a necessidade de cessar a pratica corrente de recebê-los sempre a tiro e a vantagem que haveria em tentar entrar em boas relações com elles. Esse modo de proceder constitue ainda, infelizmente, uma excepção e muitos moradores persistem em considerar os indios selvagens como *sus contrarios*, na phrase de MANOEL CORREIA, phrase que bem caracteriza a opinião corrente sobre o assumpto.

A grande secca deste anno e a fome que se seguiu á perda das colheitas, bem como perseguições extensas e morticínios que dizem terem soffrido os indigenas nos ultimos tempos em regiões mais meridionaes, devem ser as causas que têm accarretado este anno uma actividade muito maior do elemento selvicola. Parece que as tribus potoreras venham sendo recalçadas por outros elementos que fogem da guerra que lhes é movida em certas partes do Chaco.

Los Naranjos foi o primeiro ponto da travessia, desde Puerto Suarez, em que encontrámos anophelinas. Tambem as ceratopogonineas demonstraram desde logo sua presença.

29—I—1925.

Pela manhã pudemos ver as instalações da fazenda onde quasi tudo se produz para o consumo: vélas, sabão, cigarros, etc., além dos productos agricolas usuaes. Na fazenda residem cerca de 50 pessoas. O pessoal estava se preparando para carregar cinco carros de bois com 1200 kilos de borracha cada um, materia prima essa que vinha do rio

Guaporé ou Iténez. Era essa a principal industria do Oriente boliviano ha alguns annos passados: transportar a borrachá extrahida nas regiões marginaes do Guaporé, industria que occupava muitos homens e enriquecia não raro o *fletero*. A crise da gomma, acabou de uma vez com o serviço de transportes e, em logares como Santa Ana, onde chegaram a se reunir, segundo nos informaram, até trezentos carros a um tempo, muito raro é o dia em que passa um desses vehiculos. Aqui, como em toda a zona que percorremos, quasi não existe o dinheiro, os negocios sendo feitos pela troca de mercadorias, *cambalache*, na terminologia local.

A fazenda é atravessada pelo rio Agua Caliente que passa a cerca de duzentos metros da casa e que vae desaguar no Tucabáca a umas quatro leguas de Los Naranjos. O rio é navegavel por pequenas canôas em certas partes de seu curso. Aqui é apenas um ribeiro nesta época de secca, nos pontos mais largos tem cinco metros de uma a outra margem e a profundidade é pequena. Além disso, o leito é atravancado por galhos de arvore e camalotes de *Eichhornia* e de *Pistia* e por outras plantas aquaticas. Pelas margens, ás vezes pantanosas, do leito principal e dum braço que passa mais proximo das casas da fazenda, encontrámos conchas, sem, comtudo, achar um só exemplar de mollusco vivo.

Aqui, como em Puerto Suarez, são communs os *puchiches*, nome pelo qual se designam pyodermites diversas, principalmente a furunculose. No tratamento dos *puchiches* empregam uma orchidea que vive sobre as palmeiras motacú ou acury e que denominam *hitabái* (*Catasetum inconstans* HOEHNE). Para isso utilisam certas partes da planta amollecidas por um aquecimento prévio e esfregam-as na superficie da lesão.

A *Tunga penetrans*, o bicho de pé, denominado tambem *nigua* ou *pique*, é

bastante frequente. O berne ou *bôro*, *Dermatobia cyaniventris*, que usam extrahir com tabaco, não é raro.

Os carros que conduzem nossa bagagem, passaram o Tucabáca e seguiram pela estrada principal, vindo o *fletero* apenas a Los Naranjos.

30—I—1925.

Os nossos mosquiteiros continuam a se revelar insufficiente protecção contra os jejenes, cujas irritantes picadas nos despertam logo ao clarear o dia. Pelas malhas largas do filó atravessam todas as ceratopogonineas e muitos culicideos, principalmente os exemplares de menor tamanho. Só insectos maiores, culicideos, tabanideos e phlebótomos podem ser evitados pelos mosquiteiros communs. Na região que atravessámos é imprescindível o uso do mosquiteiro de *algodãozinho*, sem duvida muito mais quente e permitindo muito menor arejamento que o de filó, mas tambem protegendo efficazmente da picada de quaesquer hematophagos.

Em companhia de Don MANOEL PINTOS, seguimos hoje a cavallo por uma picada, aberta atravez do cerrado aproveitando antiga trilha dos selvagens, até a Laguna do Lagarto, *pasana* distante tres ou quatro kilometros na direcção de Concepción, localidade que fica a uma legua para o Sul. A meio kilometro de Concepción, fica a *Tapéra de los Bárbaros*, local onde existem restos de arruinadas cabanas dos selvagens. Na volta atravessámos extensas formações de carandá, de motacú, de *guapá* ou tabóca e de peri ou *junquillo*, esta ultima, grande especie de cyperacea que attinge até 2 e meio e 3 metros de altura, vivendo em logares pantanosos e inundados. Havia alguns mosquitos, principalmente *Culex scapularis*.

Na volta, o ajudante MURCE matou um bello exemplar de anhúma, ave conhecida aqui pelos nomes de *tucabacach* ou *tapacaré*.

No passeio de hoje vimos ao longe fogos provavelmente ateados pelos selvagens.

Desde que partimos de Puerto Suarez não tem chovido e o calor tem sido todos os dias intenso, cahindo a temperatura á noite. Hoje esperavamos chuva, mas vieram apenas choviscos.

No terreiro da fazenda assistimos diariamente a operação de expôr aos raios solares a carne de boi que é collocada sobre tendaes em que fica protegida da approximação dos animaes do terreiro. Só de vez em quando é preciso espantar um *sucha* ou urubú, ave que, com o gavião, ahi chamado *túi*, raramente deixa de ser visto nas proximidades da casa.

31—I—1925.

Impossibilitados de partir hontem, por não terem sido encontrados nos campos da fazenda os nossos animaes, só hoje deixaremos Los Naranjos. Don MANOEL PINTOS forneceu-nos dois muares para substituir os bois que aqui ficam a curar-se e descansar, pois ainda estão abertas as feridas produzidas durante a viagem até Corumbá e elles estão muito fatigados pelas marchas diurnas que são obrigados a fazer para nos acompanhar. Tambem os cavallos já estão cansados e foram igualmente substituidos. Partiremos, pois, com uma tropa só de muares, sendo seis de montaria e dois de carga, além dos carros de bois que já estão adeante.

Deixámos Los Naranjos ás 8 horas e meia, tomando pelo caminho que Don MANOEL PINTOS fez recentemente abrir e do qual torna-se a avistar a serrania de Santiago. Vamos atravessando successivamente campos artificiaes, caapoeiras, carandásal, tudo isso numa pequena extensão de tres ou quatro kilometros. Dahi, passa-se a uma região arenosa em que se vê de espaço a espaço aflorar a rocha ferruginosa (limonito) que desde o Tucabáca acompanhámos e no qual se

alternam as formações vegetativas de *avahyói* e *chaparral* e mattas pouco cerradas. Assim seguimos até Agua Retirada, local bastante frequentado pelos indios selvagens, o qual attingimos ás 11 horas e meia. De lá, por um terreno accidentado com varios pequenos cerros, fomos até Escobita, onde chegámos ás 12 horas e meia. Nesses dois pontos encontrámos telheiro e no primeiro tambem moscas excessivamente abundantes e agua um pouco afastada da *pascana* (agua retirada).

Chegámos a San Lorenzo ás 14 horas, encontrando no trajecto um casal que viajava em bois e, um kilometro antes da *pascana*, um *chaco* com casa habitada. Assim que chegámos a San Lorenzo, a chuva que ameaçava cahiu e veio com trovoadas.

De Los Naranjos á estrada carreteira fizemos 11 kilometros, attingindo esta ultima á altura do kilometro 53 e seguindo-a até o kilometro 71, cujo marco fica a poucos metros da *pascana* de San Lorenzo. Da *pascana*, transferimos o nosso pouso para a casa de uma das moradoras no local, de modo a dar espaço para a dormida dos camaradas que não podiam essa noite ficar desabrigados por causa da chuva. Nessa casa, encontrámos recursos representados por leite e ovos.

Em San Lorenzo existem muitos *je-jenes*, mas poucos mosquitos.

1—II—1925.

Deixámos o pouso ás 6 horas e meia da manhã e, pelas 8 horas e meia passavamos por Tunama (*tuna* é uma cactacea do genero *Opuntia* que dá fructos comestiveis e serve de forragem; *tunama* é o diminutivo de *tuna*). Atravessámos uma formação quasi exclusivamente de *arbolera*, matta rala ou, melhor, cerrado, de arvores baixas, onde o grito dos barbados (*Cebus caraya* HUMBOLDT) se fazia ouvir ao longe. Ao Norte, vinha a serra de Santiago, cujos

primeiros contrafortes começámos a subir pelas 9 horas e meia da manhã.

Onde o terreno não é arenoso, aflora a mesma rocha ferruginosa (limonito) que vinhamos sempre encontrando.

Pouco antes das 10 horas, passámos o caminho que conduz á fazenda Florida e, por fim, ás 10 horas e pouco chegámos a Agua Caliente, no kilometro 92 da estrada de rodagem, a contar de Santa Ana.

Em Agua Caliente, nos alojámos na casa pertencente ao Sr. WALTER LEHM que a construiu com o intuito de aproveitar as fontes thermaes, denominadas Los Hervores, que constituem as cabeceiras do rio Agua Caliente.

Os *hervores* se estendem por perto de 400 metros e constam de mais de vinte fontes, borbulhando de uma areia limpa e formando bellos tanques naturaes cercados de densa vegetação tropical que dá uma sombra magnifica a esses locais. A temperatura da agua a 10 cm. abaixo da superficie era, ás 13 horas, de 41°C. e, meio metro abaixo desse ponto, se elevava de mais um decimo de gráo. Em torno dos *hervores*, á superficie da agua, junto das margens ou apoiada sobre qualquer tronco de arvore fluctuante, cresce uma espessa vegetação de algas microscopicas que formam uma camada de um verde escuro quasi negro. Na agua nadam numerosos peixes de poucos centimetros de tamanho. Na areia do fundo que se começa a encontrar a perto de trinta centimetros de profundidade, pode um homem facilmente immergir o corpo inteiro. Ha um pequeno desprendimento gazoso ao nivel de cada fonte.

As fontes thermaes de Agua Caliente são frequentadas por doentes vindos ás vezes de muito longe, de Guayarámirim, do Madeira, do Iténez, de Santa Cruz e de outras partes do Brazil e da Bolivia.

As fontes thermaes pertencem á nação boliviana e os terrenos proximos, ao Sr. WALTER LEHM.

Junto a alguns dos *hervores*, o terreno foi preparado para o banho e lá construídas toscas barracas de folhas de motacú, barracas que são utilizadas como primitivas camaras de vapor para obter depois do banho a transpiração abundante a que os regionaes emprestam grande valor therapeutico. Aliás, tal precaução de camaras de vapor deve ser raramente necessaria, a julgar pela nossa experiencia de hoje, quando, por um calor senegalesco, voltámos do banho atravez de centenas de metros de um areal profundo requeimado pelo sol.

Abaixo dos *hervores*, com a agua destes nascente, forma-se, uma vasta laguna de fórma alongada, com 60 a 100 metros de largura, constituida por um delgado lençol dagua quente estendido sobre um leito arenoso, donde continuamente se desprendem borbulhas gazozas. O vapor dagua que se estende sobre a lagôa chega para prejudicar as photographias ahí tomadas. Como nos *hervores*, aqui abundam pequeninos peixes e, além disso, nadam á superficie numerosos patos e outras aves aquaticas.

Aqui fomos perseguidos de novo pelos *jejenes* e alguns culicideos, entre os quaes predominava, como habitualmente, o *Culex scapularis*.

2—II—1925.

Partimos de Agua Caliente antes das cinco horas da manhã, acordados que estavamos desde as duas e um quarto para preparativos de viagem. Seguimos até Paquió que attingimos ás cinco e meia pela estrada carreteira que vae a Roboré e, pouco adeante, desviando nosso rumo para o Norte, ás 6 horas e meia começámos a subir lentamente a serra de Santiago. Atravessámos uma formação de *arbolera* por um terreno arenoso em que pouco a pouco vae aflorando cada vez com mais frequencia a mesma rocha (quartzito) da serra de Carmen. Estes

afloramentos se multiplicam á medida que vae augmentando o declive da estrada e, por fim, ás 7 horas e meia, isto é, depois de uma hora de caminhada desde a base, se attinge o alto da serra. Chama-se o local Las Lajitas e desses vastos taboleiros de pedra, mal cobertos por uma vegetação a que as cactaceas e vellosiaceas (*Barbacenia sp.*) dão uma physionomia particular, descortina-se sobre o Chaco um magnifico panorama. Desde as faldas da serra de Santiago, onde serpeia o rio San Rafael, se estende a perder de vista a enorme planicie, onde se vêem esparsas algumas columnas de fumo denunciando os fogos ateados pelos selvagens.

Pouco depois de Las Lajitas, quando ainda subiamos, chegou ao nosso encontro o Sr. Don FAUSTO BORDA, negociante argentino, natural de Tucumán, estabelecido em Santiago de Chiquitos. Depois dessas duas horas de ascensão, chega-se ao alto da serrania e começa-se a descer a vertente septentrional, divisando-se dentro em breve, presas á encosta abrupta e escura da montanha, ás manchas vermelhas das primeiras casas de Santiago de Chiquitos.

Vista a distancia, a serra de Santiago tem um aspecto imponente que lembra um pouco o das Agulhas Negras no Itatiaya, com os rochedos alongados, verticalmente dispostos, que guarnecem os seus cumes.

Pelas 9 horas entrámos no povoado que consta de oitenta ou cem casas de barro, na maioria rebocadas, caiadas, recobertas de folhas de zinco, de telhas ou, mais commumente, de sapê, alinhadas em varias ruas não calçadas e nos quatro lados de uma praça principal em cujo centro se levanta um grande cruzeiro de madeira. Nesta praça, mal se distingue dentre os outros edificios a igreja que se reconhece principalmente pelos tres sinos de bronze pendentes da cobertura de uma varanda igual á das casas particulares. Num desses sinos le-

mos a inscrição: «Santiago ora pro nobis. Año 1767».

Santiago de Chiquitos é séde de uma das divisões administrativas da provincia de Chiquitos e um dos centros de uma vasta região, outr'ora rico dominio dos jesuitas que lhe civilisaram a população constituída pela importante nação dos Chiquitos. O trabalho pertinaz do jesuita trouxe resultados duradouros e, até hoje, toda ou quasi toda a cultura da região é ainda a que, há varios seculos, implantaram os padres da Companhia de Jesus. A' industria autoch!one primitiva e rudimentar, juntou-se a que introduziram os missionarios e, depois disso, quasi nada mais se fez. Parou ahí a evolução desses povos, tal como aconteceu em outras regiões mais ou menos remotas do Novo Mundo. O serviço militar obrigatorio e a instrucção primaria, que agora estão em vigôr, serão certamente elementos importantes que dentro em breve modificarão esse estado de cousas.

Santiago está a 600 metros acima do nivel do mar e, em seu sólo de terra vermelha ha algumas plantações de café de algodão, de milho e de feijão. A criação do gado e a industria domestica de tecelagem são praticadas com bastante successo.

Tentámos inutilmente capturar mosquitos e triatomas. Informaram-nos que estes ultimos não existem por aqui e sim mais para o interior do paiz. De facto, as casas, em sua maioria, não parecem adequadas ao desenvolvimento desses insectos.

Os naturaes de Santiago, em sua quasi totalidade indios chiquitos de sangue mais ou menos puro, celebram hoje a festa de Nossa Senhora da Candelaria e, desde a nossa chegada, notamos o ar festivo e aspecto movimentado do arraial. Não existe sacerdote para o serviço religioso o qual é attendido por um qualquer dos indios que, todos, conhecem bem os mistéres de sacristão. Já haviam

terminado os officios religiosos da manhã, quando chegámos a Santiago e apenas pudemos ouvir o som grave dos tambôres partindo de dentro da igreja. Logo depois, appareceram em passo solenne de procissão acompanhando a orchestra de violinos, flautas e tambôres, os caciques do povoado que percorreram as ruas da cidade empunhando seus longos bastões ou bengalas encastoadas de prata. Vestem os homens da terra, quasi todos á hespanhola: calça ampla, jaqueta curta e chapéo de palha de abas largas. Toda a roupa é de algodão tecido no proprio paiz. A' cinta trazem enrolada larga faixa da mesma fazenda. Os caciques, nessa peregrinação, percorrem as casas dos moradores mais notaveis e delles recebem aguardente, ás vezes, retribuindo com pequenos presentes, entre os quaes nesse dia figuram as vélas de cêra. O attractivo da bebida faz com que dentro em pouco ao grupo se agreguem muitos outros individuos, homens e mulheres, que no fim de algum tempo estão bastante excitados para dar inicio ás dansas regionaes. Destas, foi o *taquirari* ou *chovena* que tivemos oportunidade de assistir: homens e mulheres, alternando de mãos dadas formam a roda e, numa agitação incessante, fazem gyrar o circulo formado num e noutro sentido, elevando e baixando rythmicamente os braços. São movimentos de grande simplicidade que bem revelam o character primitivo da arte. Toda essa dança se faz em plena rua, durante o dia e prolonga-se pela noite a dentro até a manhã do dia seguinte.

São as mulheres e, principalmente, as que já passaram dos seus tempos de mocidade, as mais entusiastas para dançar e, durante o dia inteiro, com uma resistencia invejavel, entregam-se aos fatigantes movimentos que são de rigor na *chovena*. A maioria veste, como unica peça de indumentaria, o *tipói*, especie de camisola não cintada, de mangas muito

curtas, bastante ampla, que lhes cahe dos hombros até os pés. Muito raras são as que dispõem de vestidos á européa e de *toilettes* comprehendendo blusa e saia. Na cabeça, geralmente descoberta, trazem ás vezes um chapéo de palha igual ao dos homens, de abas largas, que as protege do rigor do sol.

O corregedor de Santiago, Sr. CANDIDO PEINADO, teve a gentileza de nos dar muitas informações e de nos proporcionar occasião de assistir algumas dessas scenas, em que a aguardente de canna representa *magna pars*. Pudemos assim obter um bom numero de photographias, apezar da opposição que faz a maioria dos indigenas para se deixar retratar. A distribuição de bebidas remove, porém, taes difficuldades e, era ao principal cacique de Santiago, ANTONIO ME'RIDA, que cabia o papel de distribuir a aguardente que elle começava sempre por offerecer ao corregedor, como representante da autoridade superior.

Indios selvagens e nomades existem tambem pelos arredores, ao que parece em numero não muito pequeno e, dizem que nucleos importantes dessa população selvicola existem a umas sessenta leguas para o Sul. Tudo, porém, que se consegue saber a respeito de taes indios se limita a informações vagas nas quaes nem sempre se deve confiar.

A lei boliviana pune severamente os crimes comettidos contra os indios selvagens, mas nem por isso os actos de violencia que elles praticam de vez em quando, têm deixado de provocar terribes represalias em que perdem a vida numerosos indigenas. A pratica, tambem em vóga no Brazil, de capturar as creanças dos selvagens é muito espalhada. O Sr. FAUSTO BORDA tem em seu poder um rapaz actualmente fóra de Santiago e o Sr. CANDIDO PEINADO, uma menina de cerca de 9 annos com que conversámos e que photographámos. Esta ultima é muito timida deante de extra-

nhos e está sempre resentida com o facto de ser considerada e mostrada como *barbara*; apezar disso, mostrou-se meiga e, um collar que lhe foi presenteado acabou de conquistar suas sympathias. Essa menina foi capturada ha dois annos e, vinte dias depois, já se podia exprimir regularmente em hespanhol, lingua que hoje fala perfeitamente.

Afirmam alguns regionaes que, entre os nomes proprios usados pelos indios das tribus potoreras, encontra-se um certo numero de origem hespanhola, o que presupporia relações directas ou indirectas (por meio de outros grupos indigenas) em uma época qualquer com individuos civilizados. Assim, a indiasinha criada pelo Sr. CANDIDO PEINADO, a qual tem o nome de «Jesú», já teria trazido esse nome da tribu em que nascera. Citam tambem uma outra *barbara* que já veio das florestas com o nome de «Lucia». A menina Jesú dá muitas informações sobre os usos e costumes dos indios de sua raça, mas tivemos a impressão de que taes dados devem ser postos de quarentena. Por outro lado, em Santiago de Chiquitos, nem de Jesú, nem de outras creanças indias capturadas, tem sido possivel ás pessôas com quem conversámos obter informações seguras a respeito da lingua e do vocabulario dos selvagens.

Durante a noite inteira ouvimos o ruido da *chovena* que era dansada cada vez com maior entusiasmo.

3—II—1925.

De manhã não havia terminado o barulho da *chovena* e, muito menos tinham passado as consequencias do festejo da vespera. Os nossos tres *mozos* acordaram tarde e fatigados e não nos foi possivel partir como esperavamos hoje pela manhã.

Os festeiros de hontem, desde cedo se agglomeram em frente á igreja, quasi todos trazendo em bolsas de palha os

bôlos de cera que vêm offerecer para o fabrico das vélas consumidas no templo. Alguns delles, por ordem do corregedor, foram reunidos para curar os effeitos da aguardente por uma bôa exposição ao sol, capinando as ruas e a praça central do povoado. Assistimos á scena da capina, trabalho que é realizado com uma enxada differente das usadas no Brazil, em fórma de pá, que se maneja empurrando para deante e não puxando para trás como as nossas. Depois da capina, mulheres culpadas do mesmo excesso de alegria da vespera, vêm completar a limpeza e varrer o terreno capinado.

Não foi sómente a aguardente a responsavel pela embriaguez dos festeiros.

A bebida nacional dos indios da Bolivia Oriental, a *chicha*, teve nisso sua larga parte. E' ella fabricada com milho fermentado ou não por diversos processos. Em um delles, o grão é moído, misturado com agua e deixado fermentar espontaneamente: é a *chicha* aqui chamada *cruceña*, que tambem ás vezes é consumida no estado fresco. O indio, porém, costuma preparar a *chicha* por outro processo: o milho é mascado ou mastigado pelas mulheres e a massa obtida, á qual se denomina *muco*, encontrada a venda, se emprega diluida e deixada fermentar e ferver por varias vezes.

Além dos festejos acima referidos, outras cerimoniaes, desportos e dansas estão em vóga entre os chiquitanos.

No tempo do carnaval os festejos terminam pelas scenas de penitencia de quarta-feira de cinzas, com offeras de grandes quantidades de milho á igreja local e flagellação á porta da mesma, onde a posição de penitente é por vezes disputada com energia pelos individuos presentes. Nessas festas de carnaval, apparecem os festeiros ornamentados com *petas* (pequenas tartarugas) e com *horneados* ou roscas feitas de milho.

Tivemos aqui noticia de uma planta de que já em Los Naranjos nos haviam

falado, a *papita de vibora*, muito preconizada em todo o Oriente boliviano para o tratamento das picadas de cobra. Pelo que dizem, entretanto, analysada e experimentada em São Paulo, talvez no Instituto de Butantan, não foram confirmadas as suas allegadas qualidades de antidoto do veneno ophidico.

Tambem aqui pela primeira vez nos começaram a falar da existencia das quininas, tendo mesmo nos mostrado algumas rubiaceas a que attribuem propriedades febrifugas.

O ricino (*Ricinus communis* L.), aqui denominado *macororó*, é muito empregado como purgativo e o pinhão de purga (*Jatropha curcas* L.), aqui conhecido com o nome de *piñon* é usado tambem como purgativo e como hemostatico.

Outra planta cujos fructos fornecem oleo medicinal é o *pessoé* (*Pterodon pubescens* BENTH.) empregado para o tratamento das feridas de máo caracter e das desordens menstruaes.

Com o nome de *icilla* se usa tambem aqui, como anti-rheumatico uma planta que não pudemos identificar por não termos tido oportunidade de encontral-a.

Soubemos tambem da existencia de um insecto vesicante, vivendo sobre plantas e denominado *tutcharê* e de uma abelha que produz um mel tão apreciado quanto é temida a sua ferroadada: é a *cicaê*.

Uma outra crença dos regionaes que tem um grande interesse sob o ponto de vista medico é da existencia de uma variedade de mel de páo, denominada *miel ichú*, que ingerida produz uma doença em que, a symptomas geraes duradouros, se associa uma erupção cutanea especial que mais adeante descreveremos. Dizem os regionaes que o *miel ichú* se distingue por ser mais fluido e mais abundante que as variedades innocuas dessa substancia. Sobre a realidade das manifestações cutaneas e dos symptomas geraes attribuidos ao enve-

nenamento pelo mel não ha duvida possivel, pois nós mesmo observámos dois individuos accomettidos do mal. Por demonstrar resta apenas o que se refere á relação de causa e effeito entre o mel ingerido e a molestia observada. Ora, do estudo a que procedemos dessa affecção, resultou a convicção nossa de que na realidade se tratava, não de intoxicação pelo mel, mas de casos typicos de verruga do Perú e febre de Oroya. Adeante trataremos com maior detalhe dessa questão.

Entre os animaes conhecidos na região está o *Lepidosiren paradoxa*, peixe a que chamam *caparú*. As pererécas são denominadas *boréqui* e os gafanhotos *tapuruquisch* (plural: *tapuruquiquia*).

Tivemos noticia de que a séria crise de generos alimentícios que desde Puerto Suarez vimos observando, subsiste ainda nas regiões do Noroeste para onde nos dirigimos. Aqui, em uma casa commercial, a phrase que mais se ouve é *chaa-piik*, que em chiquitano significa: *não ha*.

Durante o dia, visitou-nos o Sr. JOSE' EL HAGE, brasileiro aqui estabelecido com uma propriedade rural denominada «Panoramia», distante pouco kilometros do povoado em direcção a Leste. Com elle, dirigimo-nos para esse lado e, da fazenda, galgámos a encosta da serra de Santiago, attingindo a base dos altos paredões de rocha nua que constituem a massa superior da montanha. No alto desses paredões se elevam columnas de rocha trabalhadas pelo vento, as quaes medem 7 e 8 metros de altura e guarnecem regularmente, como gigantescas ameias de uma fortaleza antiga, todo o tope da montanha. Quatro são os cerros principaes das proximidades de Santiago, pela ordem: San Miserato ou Istchúr, Peensenema, Riabés e San Mathiama. Entre o cerro de Riabés e o de Peensenema, passa o caminho de Santo Corazón, de difficil travessia e só accessivel a mulas. Partindo de Santiago,

em direcção a San José, encontra-se ao fim de meia hora, distante umas duas leguas o cerro de *Taturuqui* (em chiquitano: pedra vermelha). Entre o San Miserato e o Peensenema existe um valle ou desfiladeiro em que os tayóis se destacam pela côr amarello viva de suas flores abundantes. O *paquió* ou *jatobá* (*Hymenoea courbaril* L.), o *soto* ou quebracho (especies de *Aspidosperma* e de *Schinopsis*), o *cuchi* ou aroeira (*Schinus molle* L.), o *algarrobo*, tambem denominado *algarrobillo* ou *cupaci* (*Caesalpineia melanocarpa* GRIS.), o *tajibo* ou piúva (*Tecoma* sp.), o *moloypé* ou agua-pomba, as *embáibas* ou embaúbas (*Cecropia* sp.) e as *maguê* (*maguei* ou *maguey*) ou piteiras (*Fourcraeas* sp.), são plantas com maior ou menor frequencia se encontram pelas mattas da parte oriental da Bolivia.

E' de notar o máo estado da dentadura de quasi todos os regionaes, que perderam desde cedo os incisivos superiores. Nas classes inferiores, pensámos que talvez o habito de mastigarem o milho para a fabricação da *chicha*, representasse um papel nessa destruição dos dentes. Deve-se, porém, notar que entre as pessôas de maior educação, que nem se entregam a essas praticas de mastigação, nem fazem uso da *chicha* preparada com o *muco*, tambem se nota o mesmo estado máo de conservação da bocca.

Da antiga igreja dos jesuitas, encontrámos como vestigio duas columnas de madeira lavrada, uma aproveitada para a installação de um relógio de sol e outra servindo de meio-fio á entrada de uma das ruas na praça principal de Santiago.

4—II—1925.

Despedimo-nos de Don FAUSTO BORDA, que gentilmente nos hospedara, e partimos de Santiago de Chiquitos ás 7 horas e meia da manhã, iniciando a

marcha através da mata, descendo a serra lentamente, por uma estrada de pouco declive, em cerca de duas e meia horas. Às 10 horas, chegámos a Tayóí, onde retomámos a estrada da linha telegraphica que havíamos abandonado quando subimos a serra para Santiago. Depois de mais uma legua de caminhada, pelo kilometro 118, a contar de Santa Ana, começámos a avistar ao longe o cerro de Chuchihiy, o mais elevado da zona que percorremos. O trajecto continua a ser feito através dos mesmos terrenos em que a rocha encontrada em Carmen (quartzito) alterna com a rocha ferruginosa (limonito) que desde o Tucabáca tem apparecido. Atravessámos hoje nada menos de quatro regatos, dos quaes o ultimo e mais volumoso é o rio Roboré, um dos formadores do San Rafael, o qual tem agora cinco á dez metros de largura por uns dez a quinze centímetros de profundidade. Logo depois de atravessal-o, ás 11 horas e um quarto, chegámos a Roboré, séde de uma guarnição que estava sob o commando do capitão, então tenente, BENITEZ, que dispõe de algumas dezenas de praças. Ahi se encontram bons quarteis, com alojamentos para cerca de mil homens e varios outros edificios egualmente de boa construcção, os melhores que se podem ver em toda a região, de Puerto Suarez e San José.

Em Roboré, atacaram-nos os *jeje-nes*.

Depois de almoçarmos no *boliche* existente, partimos novamente ás 15 horas e 40 minutos, com destino á Fazenda de Los Troncos. A travessia, feita por uma larga estrada arenosa em que aflora de vez em quando o limonito do Tucabáca, no fim de hora e meia conduzi-nos através de mata rala ao ponto de destino.

Em Los Troncos existe uma população de 250 habitantes, dos quaes 70 homens se occupando do trabalho agricola.

Na occasião em que passavamos, esse numero estava reduzido de cerca de 25 rapazes chamados nesse mesmo dia a prestar serviços militares. Ahi se encontram todos os recursos necesarios, inclusive telegrapho a legua e meia de distancia, em Roboré, que é o ponto terminal da linha telegraphica vinda de Puerto Suarez.

5—II—1925.

Los Troncos é propriedade de uma empresa em que tem interesses a Companhia Sul-Americana Belga S. A. e está sob a administração de seu fundador e socio da empresa, Sr. RICARDO MUELLER. É a mais importante fazenda de toda a região, desde Santa Cruz até Puerto Suarez, comprehendendo uma área de 8550 hectares, incluindo a estancia de Las Lomas que com ella confina. O Sr. RICARDO MUELLER se occupa agora principalmente da cultura do algodão, de que tem plantados 50 hectares de terreno. Ahi figuram, a titulo de experiencia para a escolha das fórmulas mais adaptaveis á região, cerca de 10 variedades de algodão, provenientes de varios paizes, entre os quaes o Japão, o Egypto, a Argentina e o Brazil, além da variedade indigena chamada *algodón del pais* e de algumas variedades seleccionadas já na propria fazenda. Do Brazil vimos plantações de *cuyabano*, *nova-paulista* e *carióba*, estes ultimos provenientes de Salto Grande.

O algodão nativo tem fibra longa, até de 35 millímetros, mas o inconveniente de uma floração tardia que o torna sujeito aos effeitos perniciosos da geada e dos diversos parasitos. Destes, o *curuquêre* (*Alabama argillacea* (Hübner)) e a *lagarta rosada* (*Platyedra gossypiella* (Saunders)) já appareceram em Los Troncos e, si não foram elles ainda assignalados em outras plantações da região, pensa o Sr. MUELLER que isso se deve á pequena intensidade com que é

cultivado o algodão pelos outros plantadores. Os nova-paulista aqui plantados ha 70 dias estão floridos apesar da falta de chuvas que muito os tem prejudicado.

Los Troncos está a 361 metros acima do nivel do mar, junto ás casas da fazenda, os campos estando a 383 metros de altitude. A temperatura minima observada foi até agora de 1°C., no mez de Agosto ás 6 horas da manhã e a maxima, inteiramente excepcional, aliás, foi de 41°C., no mez de Dezembro, ás 12 horas. As maximas habituaes são de 37 a 39°C.. O Sr. RICARDO MUELLER vem tomando ha muitos annos com regularidade estes dados thermometricos.

Para a população de 250 pessôas que acima assignalámos, existem 102 menores de 15 annos. Nasceram em Los Troncos de 1916 até a data de nossa passagem 75 creanças, das quaes 22 do sexo masculino e 53 do sexo feminino, distribuidas annualmente da seguinte fórma:

Anno	Nascimentos	Meninas	Meninos
1916	7	6	1
1917	7	6	1
1918	6	5	1
1919	7	3	4
1920	3	2	1
1921	4	4	0
1922	11	7	4
1923	9	5	4
1924	18	13	5
1925 (36 dias)	3	2	1
Total	75	53	22

Morreram nesse periodo em Los Troncos 47 pessôas, em sua maioria creanças, nesse numero incluidas as vic-

timas da pandemia de grippe, de 1919 (Outubro) a 1921. Nos diversos annos houve a seguinte mortalidade:

Anno	Numero de mortes	Observações
1916	Nenhuma	----
1917	1	de 14 mezes.
1918	1	de 3 e meio mezes.
1919	9	6 menores de 10 annos.
1920	10	9 creanças.
1921	19	11 creanças.
1922	5	2 creanças.
1923	Nenhuma	----
1924	2	1 creança de 3 mezes.

Na fazenda estão installadas varias officinas que executam trabalhos de ferraria, carpintaria, olaria, moagem de canna, fabrico de assucar e de aguardente, etc.. Ha uma escola regularmente frequentada pelos filhos dos trabalhadores e uma pequena bibliotheca, chegando á fazenda os numeros mais recentes das principaes revistas e jornaes da Argentina e da Allemanha.

O Sr. RICARDO MUELLER esteve nos dando informações tambem sobre a geographia da região. Por elle soubemos que os rios San Luis, San Manoel e Ura-civiquia se juntam e formam a Laguna Sacuará, da qual sahe o rio San Rafael. Este cahe no Agua Caliente na altura de Bella Vista, continuando o curso dos dois com este ultimo nome. O Agua Caliente, como vimos, vae ter ao Tucabáca o qual se perde nos pantanaes ao Sul de Santa Ana. E' desses pantanaes, quasi totalmente inexplorados e desconhecidos, que emerge o Tucabáca, então com o nome de Otuques, o qual vae ter á Bahia Negra, não se sabendo, porém, quasi

nada a respeito da ultima parte do curso desse rio.

Aqui foi festejado o dia da Candalaria, a 2 do mez corrente, e durante os festejos foi jogado o *guatoró*, jogo de bóla feito com a cabeça e analogo ao *zicunáti* praticado por alguns grupamentos indigenas de Matto Grosso. Os indios chiquitanos exercitam esse *sport*, utilizando pelótas de borracha. O *javaré*, bailado comparavel ao original *maxixe* brasileiro, está em vóga entre as populações indigenas civilisadas dessa região.

6—II—1925.

Hoje o Sr. RICARDO MUELLER trouxe-nos alguns exemplares de *vinchuca*. Tratava-se do *Triatoma sordida*. Colhemos tambem alguns *C. scapularis* e *jejenes*. Talvez aos ventos fortes que têm reinado se deva a grande raridade de mosquitos em Los Troncos, por estes ultimos dias. As moscas, porém, existem em abundancia, o que é, aliás, a regra em todas as localidades que vimos atravessando nesta viagem.

Aqui a quasi totalidade das casas é de telhas e as poucas existentes cobertas com carandá estão sendo substituidas.

Além do carandá, tambem uma especie de sapê grosso, denominada *sujo* é usada para a cobertura das casas.

Os gafanhotos apparecem e causam sensiveis estragos, como em toda a região, sendo combatidos pelo systema das trincheiras e do fogo.

Desde Puerto Suarez até aqui, existe o impaludismo, sendo empregado o quinine em fraca dóse para combatel-o. Na occasião em que atravessámos o paiz, a estação malarica não havia chegado.

O mal de caderas, produzido pelo *Trypanosoma equinum*, existe em Los Troncos e em outros pontos do Oriente Boliviano. Tanto na viagem de ida como na de volta, tivemos occasião de utilizar cavallos tratados pelo Bayer 205, verificando em dois delles residuos da doença.

Um estava magro e fraco, arrastando um pouco os quartos trazeiros. O outro, injectado, depois de descansar tres mezes nos foi entregue para vir até Puerto Suarez; estava gordo e, a principio, valente, mas por duas vezes, quando o encilhavam cahiu redondamente ao sólo, sendo por fim considerado inutilisado.

Deixámos Los Troncos ás 9 horas da manhã e proseguimos atravez da arborera por caminho ora arenoso ora pedregoso com muitos trechos de atoleiros e encrespados. Passámos primeiro San Pedro a cerca de 2 kilometros de distancia e, depois, Limoncito, propriedade do Sr. JOSE' EL HAGE, mais cinco kilometros adiante e cujas dependencias se vão encontrando por um bom trecho da estrada. Depois, passámos em Jupeê e Pasto Ancho, duas pascanas, e, por fim, Puenlesito, onde ha uma casa velha. A's 14 horas chegámos a Motacusito, o terceiro do nome que se encontra desde Puerto Suarez, onde o Sr. CUPERTINO VANEGAS se estabelecera ha tempos, dando ao agrupamento de cinco ou seis casas lá existente o nome de «Colonia 6 de Agosto», relembrando a data da independencia nacional da Bolivia. Motacusito tem cerca de quinze habitantes e fica na base do cerro de Chuchihy, cujos paredões calculados em 700 metros de altura se elevam a uma altitude de 1150 metros acima do nivel do mar, segundo os dados que colhemos. Desta massa se destaca uma torre de rocha avermelhada que, em frente ao cerro de Chuchihy, constitue um simile de colossal castello arruinado. Ao que parece poucos civilisados têm até hoje subido ao alto deste cerro, ao passo que a presença de fogos, de vez em quando lá observados, faz suppôr que o mesmo não aconteça com os indios selvagens.

De Motacusito, a umas duas leguas para Noroeste, avistam-se os tres picos de Turuguapá que formam no horizonte um recorte ainda mais bizarro que os da

serrania de Santiago. Todas essas montanhas em que se observam quedas abruptas e paredes a pique, deixam ver ao nível da rocha nua uma combinação de manchas verde claro de lichenes e avermelhadas do quartzito.

Pelo percurso encontrámos o *C. scapularis*, em quantidade moderada, tal qual ocorrera em Los Troncos. Esse trajecto, feito atravez de uma zona frequentada pelos selvagens, não deixa de ter seus riscos, pois não ha dois mezes foi atacado uma tropa de correio, a meia legua de Jupeê. Pelas 6 horas da tarde, appareceram *jejenes*, dia claro ainda.

Ao anoitecer, justamente ás 19 horas, partimos com destino a Ipiás, atravessando matta de arvores altas, embora pouco densamente dispostas, na qual quasi não penetrava o luar. Assim viajámos talvez uma hora, transpondo pelo caminho uma pequena altura logo abaixo do cerro de Turuguapá (*Turuguapá* vem do chiquitano, *tjuruch-porta* e *guapá-tabóca*). Depois, penetrámos na planicie onde o luar nos illuminou perfeitamente a estrada e onde a caválgadã se transformou em agradável passeio.

Eram 9 horas da noite, ameaçados pela chuva, continuámos a caminhada, e, quasi sempre atravez de um areal tremendo, ainda maior nas duas ultimas leguas do percurso, tomámos pelo chamado «camiño viejo» justamente para evitar ainda mais areia.

7—II—1925.

Chegámos a Ipiás (em chiquitano, *braço*) á meia hora depois da meia noite e só pela 1 hora e meia é que dormimos, sem ser perseguidos por mosquitos. Tinhamos, então, feito onze leguas de marcha.

Encerrada por varios contrafortes da serra de Ipiás, desenvolve-se para o nascente uma vasta planicie, em cujo centro está installada uma das dependencias da Companhia Sul-Americana Belga. Ahi

se encontra uma bôa casa, agua de má qualidade pelas condições precarias, aliás communs a toda a zona, de captação e utilização. O terreno é alagadiço e nelle se espraia essa nascente cuja agua vem do alto do Ipiás.

Deixámos a fazenda de Ipiás ás 8 horas e um quarto e seguimos pela formação de *arbolera*, em todo o percurso atravessando terrenos arenosos, ás vezes povoados de uma infinidade de insectos terricolas que perfuravam no sólo innumerous orificios dos seus ninhos, esvoaçando tambem em volta dos nossos animaes com toda a apparencia de mutucas verdes e amarellas.

Aqui, pela primeira vez no trajecto, encontrámos um tatú (*Tatus novemcinctus* (L.)), facto que tem importancia para a epidemiologia da molestia de CHAGAS, sabido que é ser esse animal o principal reservatorio de virus existindo em estado selvagem na natureza.

Pelo meio dia, passámos por San Lorenzo, grande planicie com bom pasto para os animaes e agua que desce da serra do Ipiás.

Chegámos pelas 13 horas e meia ás Tapéras de San Juan, antiga fazenda de jesuitas que segundo a tradição ahi tinham reunido um rebanho de dez mil rezes. As ruinas propriamente ditas estão um pouco afastadas do caminho e as casas actualmente existentes, em numero de seis, estão grupadas em frente a uma lagôa em que a agua, neste periodo de secca, é escondida pela luxuriante vegetação aquatica sobre a qual pousam varios pernaltas. Ahi se encontra por pequenos grupos a anhumã (*Chauna cristata* SW.), bem mansa, deixando-se approximar a menos de vinte metros. Ha muitos maruins, mas, principalmente, verdadeiras nuvens de mutucas que nos atacaram furiosamente, no que alguns mosquitos tambem as auxiliaram. Contra estes e contra as mutucas, valeu-nos o nosso mosquiteiro de filó bem fino; os

maruins, porém, passavam em grande numero pelas malhas relativamente largas e não nos deixavam um momento de socego. De noite, babas e habitas em grande numero entraram também em acção, mal nos permittindo qualquer trabalho.

8—II—1925.

Partimos de Las Tapéras ás 4 horas da manhã e tocámos com rapidez, auxiliados pelo luar de que aproveitámos até as 6 horas, quando rompeu o dia. Tíhamos feito já um bom percurso quando percebemos haver deixado o caminho mais curto e feito uma grande errada. Era tarde para corrigirmos a falta e continuámos em direcção a Uruguayto, que attingimos pouco depois de 8 horas, após passarmos pelo povoado de Dolores, ás 6 horas da manhã. Em Uruguayto, que é apenas uma pascana sem agua, fizemos uma parada e soffremos o ataque violento dos mosquitos que já no percurso nos picavam constantemente.

De Uruguayto, tomámos o caminho para San José de Chiquitos, ponto terminal de nossa viagem. Partimos ás 8 horas e um quarto depois de termos andado já quatro leguas. Foi uma travessia monotona que perfizemos em dez horas de marcha quasi ininterrupta, chegando a San José pouco antes das 14 horas. Pelo meio dia passavamos por Agua Caliente, segunda localidade desse nome que encontravamos, tendo pouco antes recolhido uma série de grandes cogumelos de chapéo da familia das agaricaceas, medindo mais de 50 cm. de altura os quaes foram conservados para determinação.

Pouco antes de San José, attingiu-nos a chuva que vinha ameaçando ha muito tempo e apanhámos della uma bôa pancada quando estavamos para chegar ao ponto terminal de nossa viagem.

San José, povoado que hoje não conta mais de quinhentos habitantes, é a ca-

pital da provincia de Chiquitos, uma das divisões administrativas do departamento de Santa Cruz. Fundada pelos padres jesuitas que lá tinham a séde de uma de suas mais importantes reduções, foi ahí o centro de um importante dominio de onde irradiou por todo o Oriente da Bolivia o trabalho de catechese e de civilisação dos indigenas.

Na praça principal da cidade se encontra a grande massa de edificações jesuíticas, entre ellas a velha e bella igreja, ameaçando hoje arruinar-se, unico templo construido de pedra existente em toda a região. Além da igreja, as edificações comprehendem uma capella mortuaria, uma torre isolada e uma ala de edificio primitivamente destinado a residencia dos padres e hoje occupado por familias indigenas. O todo era cercado de imponente muralha de pedra que abrangia uma vasta área quadrangular. Tal construcção está hoje reduzida a pequenos fragmentos, tendo sido demolida para dar espaço para logradouros publicos e casas do povoado.

Alojámo-nos fóra do arraial numa propriedade do Sr. FRITZ HABEGGER, cidadão suiso, cego ha vinte cinco annos, aqui residente ha vinte e oito.

9—II—1925.

O dia foi dedicado a arrumações, pois estamos installando na praça central do povoado um ambulatorio para attender aos doentes que apparecerem.

Em casa, onde nos perseguem numerosos mosquitos e maruins durante todo o dia, veio procurar-nos desde hontem o geologo Dr. FRIEDRICH RECK, do qual infelizmente nos desencontrámos justamente no dia em que elle partia para a cidade de Santa Cruz de la Sierra. Seu ajudante, o Sr. EUGEN KLUMPP, como elle natural da Allemanha, veio visitar-nos em nome do Dr. RECK que, na falta de um medico no local, exerce

como a pessoa de maior cultura as funções de *oficial de sanidad*.

Desde o dia de hoje, começámos a ter convites para diversas reuniões sociais e pudemos, então, conhecer muitos dos costumes da chamada *raza cruceña*, constituída pelos representantes da população de origem hespanhola, muitos dos quaes realmente são naturaes de Santa Cruz de la Sierra ou descendem de moradores dessa cidade. São principalmente os bailes a diversão da sociedade de San José e, delles, uma variedade grande existe desde os da melhor classe até os *búri* em que a população indigena se entrega aos bailados característicos que acima descrevemos e a um consumo profuso de aguardente. E' de notar, aliás, o grande consumo de bebidas alcoolicas no Oriente da Bolivia como tambem na região limitrophe do Brazil, consumo sensivelmente maior que noutros estados da federação.

10—II—1925.

Em companhia dos Srs. FRITZ HABEGGER e L. GERICKE, este ultimo professor de uma escola masculina do local, fomos visitar uma colleção de objectos de indios potoreros reunida na parte mais oriental da Bolivia pelo Sr. Don PEDRO FLORES. Nessa colleção não figuravam flexas que, entretanto, tivemos occasião de ver em Roboré. Além de arcos e de uma macana de dimensões regulares, vimos pequenos machados de ferro e pontas do mesmo metal aproveitados pelos indigenas de utensilios de nossa industria que cahiram em seu poder, um cachimbo simplesmente tubular, uma campainha mettalica feita de duas laminas de ferro enroladas em cone e dispostas uma dentro da outra como sineta e badalo, aparelhos de madeira para accender fogo, flautas, uma colher de páo, viseiras de pennas de maítaca e, tambem, de outras aves (gavião ?), tecidos de algodão, sapatos de

madeira destinados á marcha nos lodaes e constituídos por pesadas laboas amarradas á sola dos pés como alpercatas, collares de contas, tecidos diversos, sos.. Essa colleção, um pouco desfalcada por occasião do seu empacotamento, foi por nós adquirida e entregue ao Museu Nacional do Rio de Janeiro em cujos mostruarios actualmente figura.

11—II—1925.

Hoje, em companhia do cura de San José, padre F. MARCIANO TREU, subimos á torre e visitámos a velha igreja dos jesuitas. A torre, alcançada pelo raio ha poucos annos, ameaça entrar em ruinas si não forem tomadas providencias immediatas para resguardar esse monumento de valor historico. Da igreja todos os objectos e decorações dispostos na parte inferior do edificio estão regularmente conservados, o mesmo não acontecendo com a ornamentação da parte superior do templo. E' notavel a riqueza de imagens que possui a igreja de São José e que, em tempos idos, permittiu reconstituição em procissões e scenarios fixos de numerosas passagens da historia do christianismo. Facil é comprehender o alcance e utilidade para a catechése desse processo de fixação na memoria visual do indio, muito mais desenvolvida certamente que a sua capacidade de assimilação para a palavra oral. Contam os regionaes que, entre as imagens da igreja de San José existia uma, toda vermelha, representando o demonio e guardada em compartimento especial, onde, como severo castigo, eram antigamente encerradas as mulheres que faltavam á fidelidade conjugal.

12—II—1925.

Pela manhã examinamos varios exemplares de barbeiros (*Triatoma sordida*), nymphas e larvas, aqui capturados e que verificámos não estarem infectados.

Segundo informações colhidas, ha raros casos de bocio, dos quaes só hoje vimos dois. Um delles parece poder se referir ao syndromo clinico de molestia de CHAGAS, em sua fórma cardiaca. O impaludismo existe occorrendo dessa infecção e da ancylostomose não pequeno numero de casos. A blenorragia é frequentissima. Da syphilis, poucas informações pudemos colher. Toda a população, com muito raras excepções, tem máos dentes. As doenças do aparelho digestivo e as dos olhos são das mais frequentes. O *mal de ojos* é uma conjunctivite frequentissima. Epidermophyceas e deshydroses dos pés, incluidas sob a designação generica de *sabañone*, tambem não são raras.

Muitas enfermas vinham se queixando de perturbações subseqüentes á gravidez e ao parto, estados esses que, convém assignalar, eram na região attingidos com extraordinaria precocidade.

13—II—1925.

Pela manhã attendemos apenas a doentes antigos.

Quando temos tempo, ouvimos com interesse a conversa quasi sempre animada que não raro tem por assumpto a politica local ou do departamento de Santa Cruz. Parece-nos, então, que estamos num povoado do interior do Brazil e, a semelhança da lingua concorre para manter a illusão.

A par disso, nota-se apenas a pequena actividade que reina no povoado com suas ruas desertas. Foram-se os bons tempos da borracha, cujos frétes alimentavam uma vida muito mais intensa.

Desde que aqui chegámos, tem chovido regularmente todos os dias. As pequenas pancadas, porém, seguramente não bastarão para difficultar nossa viagem de volta.

14—II—1925.

Pela manhã attendemos a doentes novos.

Hoje, como de costume a clinica não nos deixou tempo de sobra. Entretanto, preveniu-nos o Sr. EUGEN KLUMPP de que estava preparada para ás 19 horas e meia uma serenata que era dedicada á Commissão Medica. Esta, de facto, se realisou e terminou por um baile, como era de prevêr.

15—II—1925.

Logo depois da missa que foi cantada e acompanhada por musica de tambôr, começaram a apparecer doentes, ápezar de ser domingo.

Pelas 10 horas de hoje sahiram os caciques do povoado percorrendo as ruas acompanhados de tocadores de violino, flauta e tambôr.

A agua para San José é apanhada no riacho do mesmo nome, o qual se fórma a custa de nascentes das montanhas da redondeza. Não existe qualquer systema de captação ou de canalisação. O rio São José, neste tempo de secca simples ribeirão de dois metros, mais ou menos, de largura, em seu trajecto a Oeste da cidade serve ao mesmo tempo para os diversos mistéres do banho, da lavagem de roupa e da colheita da agua potavel e para o consumo domestico. A agua é limpida, não se mostra salôbra apezar de nella vegetarem characeas e tem as outras propriedades organolepticas normaes.

16—II—1925.

Attendemos pela manhã e á tarde a doentes novos. Continuum as chuvas, mas desta vez cahiu um forte temporal.

17—II—1925.

Hoje um grupo de moradores de San José offereceu á Commissão Medica um «churrasco a la criolla». Teve logar a festa campestre na localidade denominada Sutos, a 2 kilometros da villa, onde existe uma interessante quéda dagua de uns vinte metros de altura e uma bella

hacia natural. Não longe de lá estão as ruínas de Santa Cruz, *la Vieja*, hoje simples montões de terra e elevações de terreno, no meio dos quaes mal é possível divisar, por entre a vegetação, o local occupado pelos edificios mais importantes da antiga cidade. Na volta, a chuva alcançou-nos desde a partida até quasi a entrada do povoado onde chegámos pelas 13 horas e meia. A' tarde continuámos a attender aos doentes que appareceram ao ambulatorio.

Hoje Don ADOLFO JUSTINIANO, a primeira autoridade da provincia, offereceu-nos um baile de despedida que correu animado até uma hora da manhã.

18—II—1925.

Em companhia de Don ENRIQUE CUELLAR, intendente dos fortins de Chiquitos, devemos partir de San José em direcção a Las Tapéras, via Reyes, localidade esta ultima onde Don ENRIQUE está installado com um estabelecimento agricola.

A despedida do povoado accarreta systematicamente para os nossos peões um excesso tal de libações que raramente no dia e hora marcados estão elles em condições de partir. E' um defeito que se deve desculpar deante das muitas boas qualidades que possuem. Deixámos nosso capataz PEDRO JUSTINIANO e, para substituil-o, contractámos a MANOEL PEINADO, de Agua Caliente, perto de San José.

Só pelas 11 horas e 20 minutos pudemos partir de San José de Chiquitos, Iamos, Don ENRIQUE, seu filho Don RAUL, estudante de direito, o ajudante MURCE, dois *mozos* e nós. Andámos os primeiros 200 metros para fazer a primeira parada e concertar a carga mal arrumada pelos camaradas alcoolizados. Pouco adiante succedeu o mesmo, e o incidente se foi repelindo de tal modo que em paradas perdemos mais de uma hora. Passámos Agua Caliente seguindo sempre o mesmo

caminho que percorrermos na ida. Mais uma legua, mudámos de rumo, passámos por Taucas e entrámos no novo caminho aberto por Don ENRIQUE, pelo qual economisamos 13 kilometros na distancia entre San José e Ipiás. Galgámos o cerro que nos separava da fazenda de Reyes, através uma extensão de sólo pedregoso em que as duas rochas differentes (quartzito e limonito), que encontrámos em Carmen e no Tucabáca, afloravam por toda a parte. Assim, atravessámos zona de matta, de cerrado e de guapasa, esta ultima na qual encontrámos floridos e seccos alguns exemplares do guapá, no meio de outros verdejantes. Soubemos, então, e pudemos verificar praticamente a informação de que o guapá é uma forragem muito apreciada para alimentação pelos cavallos e muares. Depois de perseguidos por todo o trajecto pelo quasi infallivel *Culex scapularis*, chegámos ás 17 horas e 45 minutos á fazenda de Reyes. Tem ella cinco mil hectares de terras que comprehendem mattas, pastos e terrenos cultivados com canna, milho, fructas e hortaliças, além de gramineas plantadas para forragem. Nesses tres ultimos productos agricolas é a fazenda de Reyes, si não a unica pelo menos a que maior producção arrecada annualmente.

Em Reyes capturámos um exemplar de anophelina, unico desde que partirmos de Los Naranjos; tambem, de phlebotomos apanhámos um exemplar em San José, depois de os ter inutilmente procurado desde que deixáramos Carmen.

19—II—1925.

Occupámos a manhã em examinar varios doentes de ancylostomose, um de *sabañone* e outro com perturbações cardiacas. Fomos informado de que no local não ha bocio e tambem triatomas não foi possível conseguir. Ainda assistimos aos curativos demorados que foi necessario fazer nos animaes de nossa

tropa os quaes, não de todo refeitos da caminhada, voltavam a entrar em ac'ividade.

Deixámos Reyes ás 15 horas, seguindo através da *arbolera* e de duas leguas de *avahyóí*, além de acompanharmos e atravessarmos alguns trechos de *mon'te alto*. Don ENRIQUE CUE'LLAR teve a gentileza de conduzir-nos. Durante a marcha pudemos recolher algumas informações sobre a constituição dos diversos typos de vegetação que vinhamos observando e procurando definir desde o principio da viagem.

Avahyóí é uma formação campestre de arvores bastante altas, mas finas, espaçadas, no intervallo das quaes ha uma vegetação herbacea em que faltam quasi completamente monocotyledoneas: no mais, ahí apparecem compostas, leguminosas, convolvulaceas, raras bromeliaceas, ás vezes, tambem, solanaceas. Não ha *loboroche*s e as cactaceas são pouco frequentes, existindo, entretanto, a *urumbéva* (*Cereus peruvianus* MILL.).

Arbolera é uma formação campestre de arvores baixas, muito espaçadas, cujos intervallos são occupados por gramineas utilizadas para a alimentação do gado. Em Reyes se encontra essa vegetação representada.

Chaparral é uma formação campestre, densa, de arbustos espinhosos e delgados que a tornam difficilmente penetravel. Um exemplo é a caalinga dos arredores de Puerto Suarez.

Bosque ou *mon'te alto* é uma formação florestal de arvores altas, fortes, bastante densamente dispostas.

Proseguimos pelo caminho aberto por Don ENRIQUE até as 19 e meia horas da noite, quando chegámos ás cabeceiras das Tapéras de San Juan, acampado ao ar livre, junto a uma ramada levantada por índios empregados de um fazendeiro de San José. Muito impressionou os pobres boiadeiros a nossa lampada de acetyleno com a qual, pensavam, conseguia-

mos queimar a agua em vez do kerosene, para ter luz.

20—II--1924.

Dessa ramada, junto a qual estavam reunidas muitas rezes trazidas para aproveitar as aguadas permanentes que existem no local, partimos ás 5 horas e 20 minutos da manhã. Meia hora depois atravessavamos a Agua Brava, localidade assim denominada em consecuencia dos grandes alagadiços lá existentes e, depois de uma legua de marcha, attingimos o ponto em que o caminho de Don ENRIQUE cruza com a estrada real. Lá nos despedimos desse nosso amigo e de seu filho RAMIRO, menino de treze annos que já se revela um pratico sertanista e conhecedor da região.

Pela estrada real, tocámos para Ipiás, costeando a serrania do mesmo nome através das formações de *avahyóí* e de *arbolera*, para chegar enfim á *pampa abierta*, em que está uma das fazendas exploradas por Don OTTO HELBINGER, propriedade da Companhia Sul-Americana Belga, onde já, na ida, havíamos pernoitado.

Lá, ao ruido de uma nuvem de vespas que haviam installado seus ninhos em plena espessura das paredes da habitação, passámos algumas horas para descanso e almoço.

Apezar dos atrazos costumeiros, partimos de novo ás 13 horas e 45 minutos. Atravessámos *avahyóí* e, em seguida *bosque alto*, chegando pouco depois das 19 horas em Motacusito. Já, então, havia meia hora que viajavamos no escuro, tendo o caminho illuminado apenas pelos relampagos continuos que annunciavam imminente tempestade. Fomos felizes, a chuva nos tendo alcançado no momento exacto em que apeavamos á porta da casa do Sr. Don LESPIANO VANEGAS que teve a amabilidade de nos hospedar. O dono da casa é filho dum velho minerador da região, Sr. CUPERTINO VANEGAS, ha

pouco fallecido, depois de uma vida toda dedicada a explorações do sertão e á procura de minerios uteis ou preciosos. A collecção que reunira foi ter ás mãos do geologo allemão, Dr. HERMANN, que percorreu não ha muito a região, vindo a fallecer pouco tempo depois.

Em casa de Don LESPIANO, colhe-mos novamente a informação de existencia de aldeamentos de indios potore-ros para o Sul, informação que concordantemente nos fôra dada em Los Naranjos, em Los Troncos e em outras localidades. As mattas de Motacusito, as mais importantes de toda a zona percorrida, são de tempos a tempos frequentadas pelos grupos de indios potore-ros que vagueiam desde perto de Puerto Suarez até Santa Cruz de la Sierra, mais ou menos nomades, apenas ramadas construindo. Por toda a parte informam positivamente nesse sentido: «Hay harto barbarismo, señor», é a resposta frequentemente dada a interrogações sobre o assumpto.

21—II—1925.

Deixámos a Colonia 6 de Agosto, em Motacusito, ás 7 horas e meia da manhã e, pelo terreno ora arenoso ora pedregoso e um tanto accidentado, chegámos até Los Troncos, ás 12 horas e meia. Pouco depois, já se ouvia o ruido dos tambôres preparatorio para os festejos carnavalescos e, ás 17 horas, a *comparsa*, ou *cordão* carnavalesco, estava constituída e vinha cumprimentar a autoridade, representada pelo Sr. RICARDO MUELLER. A' frente do grupo vinha um preto, ex-soldado brasileiro, natural de São Paulo, que ha oito annos trabalha na fazenda.

A marcha da *comparsa*, feita ao som de tambôres, violinos e flautas, era acompanhada da dança de quatro figuras mascaradas, uma das quaes era o chefe do grupo. A visita foi recebida com as honras do estylo, isto é, com a necessaria

quantidade de aguardente. Pouco depois, os mais entusiastas dentre os indios começavam a dansar o *laquirári* ou *chovêna*, de todas a dança preferida, ao som da musica que se ouviu até hora adeantada da noite.

22—II—1925.

É hoje domingo de Carnaval.

A's quatro horas da manhã foi iniciado o batuque e ás cinco teve logar o primeiro jogo de *butucúm*, lueta simulada de arco e flechas, estas protegidas na ponta com uma bola de borracha. A's oito horas houve missa ou, melhor, reza, presidida sempre pelo mesmo negro que accumula, com as de chefe de grupo carnavalesco, as funcções de sacristão exercidas com a mais completa gravidade. Rezaram e cantaram durante uma meia hora e, depois, homens e mulheres vieram fazer uma visita cerimonial ao Sr. RICARDO MUELLER e a sua senhora. Recebidos no mais amplo compartimento da casa, sentaram-se os homens nos bancos dispostos ao redor da sala e as mulheres ao chão, a um canto, dispostas em fileiras diagonaes, de pernas cruzadas como orientaes, todos em completos silencio.

O administrador e sua senhora distribuiram primeiro cigarros, a todos indistinctamente. Depois o primeiro começou a offerecer a aguardente que era offerecida em um só calice onde todos bebiam a começar pelo cacique, em seguida os outros homens e, por fim, as mulheres. Terminada essa primeira distribuição, recebeu o cacique uma nova porção de aguardente de que primeiro offereceu, sempre no mesmo vaso, ao Sr. MUELLER, depois ao ajudante DALMIRO, depois a nós, passando em seguida aos demais homens e ás mulheres.

Terminada essa segunda distribuição, o cacique participou ao administrador que havia escolhido novo *intendente* ou ajudante. Approvada a escolha, foi feita

a apresentação do indicado ao Sr. MUELLER e, depois, uma apresentação geral pelo cacique aos presentes. Estes successivamente se foram levantando e abraçando o nomeado e o cacique passou a participar ao administrador que havia escolhido novo *fiscal*, em substituição ao que vinha servindo desde o carnaval passado. Repeliu-se a mesma scena anterior e, em seguida, o cacique tomou a palavra em tom solemne.

Falou em chiquitano durante uns dez minutos e do discurso só entendemos algumas palavras derivadas do hespanhol e referentes quasi todas a personagens religiosos, Jesus, Maria, Candelaria, etc. Explicou-nos o Sr. MUELLER que elle fazia uma prelecção sobre a significação da festa. Terminado o discurso, despediram-se os visitantes e prepararam-se para a segunda sessão do jogo do *butucúm*.

Pelas 11 horas, teve logar esse jogo, precedido então de demorada passeata dos dois *grupos* ou *comparsas* contrarios. O combate simulado teve logar no grande terreiro que fica em frente ao cruzeiro da fazenda, junto ao qual estavam o cacique e mais alguns indios graduados. As evoluções realisadas pelos combatentes têm certa semelhança com as que se viam até alguns annos atrás executadas por mascarados do Carnaval do Rio. Executam os indios tambem uma série de saltos, sem parar um momento, para assim melhor evitar as flechadas do adversario. Estas, apezar de protegida a ponta das flechas, não deixam de produzir golpes dolorosos. O individuo alcançado por uma flecha entra a perseguir a pessoa que a lançou até attingil-a tambem. Conseguido esse resultado, abraçam-se em signal de reconciliação. O jogo, que dura uns vinte minutos, termina por outra passeata, finda a qual todos os circumstantes acompanham os indios recém-nomeados até as suas respectivas casas, onde lhes é de novo offerecida aguardente.

Algun tempo depois, começavam todos a reunir-se de novo junto ás casas principaes da fazenda a espera da hora do almoço que os moradores de Los Troncos offereciam aos visinhos de Las Lomas que os tinham vindo visitar. Amanhã, os papeis estarão invertidos e os de Los Troncos serão os convidados. Depois do almoço que é acompanhado de musica, rezam, de joelhos, acompanhados por um violino, exprimindo-se como de costume no idioma chiquitano.

A musica, desde pela manhã até agora, não cessou um momento e, cada um de per si ou todos a um tempo, se fazem os musicos ouvir ao violino, á flauta ou ao tambôr.

A's 13 horas e um quarto, partimos de Los Troncos para San Roque onde vive um irmão do Sr. RICARDO MUELLER, o Sr. OTTO MUELLER. Fazemos de novo um percurso que não tinhamos feito na viagem de ida.

Atravessámos muitos corregos, passando por Tayói, Santa Maria e Santiagoma. Desde Roboré, viemos acompanhando a linha telegraphica e encontrando muitos marcos kilometricos da série que começa em Santa Ana, estando Roboré a 122 kilometros desse ultimo povoado. A's 19 horas, passámos o marco do kilometro 102 e, logo depois, entrámos, á esquerda da estrada, nos caminhos que levam a San Roque onde encontrámos o Sr. OTTO MUELLER que ha vinte annos reside no Oriente da Bolivia.

23—II—1925.

A's 7 horas e 40 minutos da manhã partimos de San Roque, continuando por baixo da serra de Santiago para evitar a demora que a passagem pelo povoado de Santiago em dias de Carnaval certamente accarretaria. Dirigimo-nos para Agua Caliente (kilometro 91 de Santa Ana), lá chegando ás 9 horas e 30 minutos, depois de atravessar zonas de *avahyói* e matto alto.

Em Agua Caliente, aproveitámos o excellente banho thermal, verificando que a agua, como quando passámos para San José, estava a 41°C. de temperatura. De lá partimos ás 14 horas e 45 minutos, atravez de formação quasi constantemente de *avahyóí*, formação que perto de Agua Caliente reveste um aspecto especial, devido á composição da sub-matta quasi exclusivamente formada por bromeliaceas terrícolas denominadas *caravalás* ou *caraquatás* (*Bromelia serra* GRIS. e *Aechmea polystachya* (VELL.) MEZ.).

Chegámos a San Lorenzo (kilometro 71 de Santa Ana) ás 19 horas, pouco depois lá encontrando o Sr. JOSE' EL HAGE que vinha de Puerto Suarez. Por elle tivemos informações que no Tacuaral já havia agua, não correndo nós mais o risco de uma travessia de noventa kilometros de zona inteiramente secca, condição em que se achava a região até bem poucos dias.

En San Lorenzo tambem quasi não havia agua. Para obtel-a, precisámos cavar um poço que, em duas horas, rendeu cerca de um litro dagua que foi guardada, juntamente com a agua salôbra de Agua Caliente, que enchia os canlis, para preparar-se o café na manhã seguinte.

24—II—1925.

Tinhamos nos deitado hontem depois das 23 horas e á uma e meia da madrugada de hoje eramos despertados pelos *mozos*, com a phrase habitual: «El café, mi doctor!». Já elles estavam de pé e, como aconteceu frequentemente nessa viagem de volta, desde pela meia noite se preparavam para a partida. Só depois de tomarmos o café vimos as horas e resolvemos aconselhal-os a aproveitar o resto da noite para dormir, visto que estavam todos os animaes encilhados. Foi o que fizemos e, só deixámos San Lorenzo ás 5 horas e um quarto da

manhã, chegando a Los Naranjos ás 11 horas.

Por toda a parte não tem chovido e a secca occasionou a perda completa das plantações de milho, quasi toda a de feijão e, até mesmo a de mandioca já seccou.

Soubemos em Los Naranjos, por Don MANOEL PINTOS, que sabbado ullimo cerca de 40 *barbaros* (indios potoreros) se haviam aproximado da fazenda em attitude pacifica. O grupo que incluia homens, mulheres e creanças, se dispersou ao ser presentido pelo pessoal da fazenda que entrelanto, não havia feito menção de atacal-os.

O tempo, que vinha se tornando ameaçador desde a manhã, trouxe apenas chuviscos que mal amaináram o forte calor que reinava. O vento logo espalhou as nuvens e o tempo tornou-se de novo firme.

Não foi possivel, como era de esperar, encontrar hoje os bois que aqui deixaramos descansando e, por isso, adiamos a partida que estava marcada para amanhã de manhã.

25—II—1925.

Esta noite e hoje pela manhã estivemos colhendo mosquitos e maruins, estes ullimos atacando em pleno dia. A maioria dos mosquitos é constituida por anophelinas dentro de casa e, fóra della, por culicineas.

Mais uma vez, reforma-se a nossa tropa. Viajarei agora até Puerto Suarez em um cavallo de Don MANOEL PINTOS. E' o quarto animal que monto, o segundo cavallo, nesta viagem. A mula em que vim estava muito cansada e mal dava conta do recado. A mula do ajudante DALMIRO vem ajnda forte, apesar de *lastimada* pela *montura*, como aqui se diz, isto é, machucada pela sella. Os dois machos de Don MANOEL, que vinham com a carga, estão magros e tambem muito *lastimados*. O unico animal em boas condições é um macho per-

tendente á Commissão Ferroviaria, no qual viaja sempre um dos *mozos*. Voltaremos a viajar com uma tropa mixta: 1 cavallo, 1 mula, 1 macho e 4 bois, além do carro que traz a bagagem pesada, agora reduzida a quarenta e poucas arrobas de onze e meio kilos. Este, deve ter partido de San José no dia 19 e, si não houver atrazo, chegar a Puerto Suarez um mez depois. Dividiremos a tropa em duas secções. A primeira comprehenderá 2 bois de carga, 1 de reserva e 1 de montaria para o mozo MANOEL PEINADO. Esta secção partirá cada tarde depois de 15 horas ou cada madrugada pela 1 hora, viajando á noite e de madrugada até, no maximo 8 ou 9 horas da manhã; fará essa tropa marchas vagarosas á razão de 3 ou 4 kilometros por hora, até 8 a 10 leguas por dia. A outra secção comprehenderá o cavallo e os muares e servirá para o ajudante MURCE, o mozo HIJINIO SANABRIA e para nós. Viajaremos de madrugada e á tarde, á razão de uma legua por hora, descansando nas *pascanas* durante as horas quentes do dia e acampando sempre que possivel ao cair da noite.

Em Los Naranjos tivemos occasião de examinar dois doentes que nos foram apresentados como atacados de *ichú*, isto é, da enfermidade que aqui dizem ser produzida por um mel venenoso, que já acima citámos, denominado *miel ichú*. Um delles era um menino, PANCHO, com quem tratamos varias vezes na viagem de ida e, nelle, já haviam desaparecido quasi todos os symptomas da doença. Outro era um homem, indio, de 50 annos presumiveis, que havia tomado grande quantidade do mel incriminado, durante as festas do anno novo. Poucos dias depois se manifestou a molestia por perturbações do aparelho digestivo que até hoje persistem e pela erupção cutanea característica. No momento, essa erupção consiste em cerca de 30 lesões espalhadas pela face, espaldas, membros superiores e inferiores. Essas

lesões se apresentam sob a fórma de uma saliencia papulosa rubra, especie de papula hemorrhagica, de tres millimetros a um centimetro de diametro, hemispherica quando pequena, em calote de esphera quando em estado mais adiantado de evolução, de superficie lisa, não ulcerada. A principio toda a superficie da lesão é continua; depois, rompe-se um ponto central que deixa sahir certa quantidade de sangue que apparece coagulado na superficie de cada uma das lesões mais antigas. Diz o doente que as lesões são dolorosas e pruriginosas (provavelmente se referia elle ás dôres osseas e musculares). As lesões podem se infectar e suppurar, após a acção das unhas; mas quando isso não acontece, a lesão evoluindo naturalmente nunca suppura. As lesões no caso que observámos não eram confluentes e mostravam um contorno perfeitamente circular. A elevação sobre a superficie da pelle era apenas de 2 a 4 millimetros, as maiores apresentando, dahi, um aspecto quasi nummular. As lesões seccam e desaparecem para dar logar a novas de aspecto identico. O tratamento dessa molestia é feito na região com o sôro de leite tomado em grandes quantidades e durante longo periodo de tempo. A terminação da molestia, segundo as informações que pudemos colher em diversas localidades da região, Los Naranjos, Santiago de Chiquitos e Los Troncos, as quaes nesse ponto como em quasi todos os referentes ao *ichú* são concordes, pode ser fatal. Temos conhecimento de um caso de terminação letal que occorreu ultimamente nessa ultima região. Segundo a crença popular aqui, qualquer abelha pode produzir o *miel ichú*, dependendo a qualidade venenosa do mel, das plantas utilizadas pelo hymenoptero. Essa crença é contradictada por alguns santiaguenos que denominam *ichú* á abelha unica incriminada da producção do mel nocivo. Na symptomatologia da molestia é sempre referida a coexistencia

da dôr e dos symptomas digestivos e cutaneos. A morte, quando observada, segundo os dados que colhemos, tem lugar sempre depois de um periodo de enfraquecimento mais ou menos longo.

A principio ficámos em séria difficuldade para identificar essa doença que não encontrava similar em nenhuma outra que conhecessemos. Por isso, publicamos a respeito uma curta nota (Boletim do Instituto Brasileiro de Sciencias, a. 1, n. 1, 1925), em que nos limitavamos a referir as nossas observações e a interpretação dada pelos regionaes. Mais tarde, fomos levado a convicção de que o *ichú* era certamente identico á verruga peruana, de que se encontrava um fóco endemico no Oriente da Bolivia. Essa conclusão é tirada do estudo clinico da doença, pois as pesquisas de laboratorio não puderam ser realizadas em nenhum dos dois casos que tivemos occasião de observar, tendo se recusado ambos os doentes a consentir na biopsia das lesões cutaneas.

26—II—1925.

Depois de varias horas perdidas com o estouro dos bois da tropa, a nossa primeira turma partiu com a carga ao amanhecer, deixando nós Los Naranjos ás oito horas da manhã, despedindo-nos de Don MANOEL PINTOS e dos seus que muito nos facilitaram a viagem.

Pelo caminho que leva á Fazenda, legua e meia, attingimos a estrada real quasi no kilometro 43 e chegámos a Tucabáca, no kilometro 31 de Santa Ana, ás 11 horas e meia. O cavallo em que viajamos vem offegante e chegou apresentando corrimento nasal que confirmava nossa primeira impressão de que era mormoso.

Encontrámos o rio Tucabáca vasio com profundidade de menos de meio metro e, em alguns pontos, tres a cinco metros de largura. Acampámos á margem direita, á sombra das muitas arvores que

um mez antes encontraramos emergindo bem do meio leito do rio. O calor está insupportavel, pois não temos chuvas ha muitos dias. Apesar disso, fomos informados de que ha agua para beber por toda parte e de que o Tacuaral não está inundado. E' que para lá tem chovido, desde Puerto Suarez até Santa Ana. No acampamento do Tucabáca ha poucos insectos, estando quasi ausentes os mosquitos. Occupámos o nosso tempo, enquanto os *mozos* encilhavam ou pegavam os animaes, apanhando alguns insectos pela matta dos arredores. O ajudante MURCE matou um grande pica-páo de cabeça vermelha em cuja pelle foram encontrados pediculideos.

A chuva fina começou então a cair e a perturbar o trabalho.

Pouco depois das 16 horas seguimos em direcção a Ternero Muerto, distante pouco mais de duas leguas. Deixavamos assim o caminho percorrido na ida, atravez da serra de Tucabáca e passando por baixo desta, chegámos ao ponto de destino ás 18 horas, atravessando no percurso a formação de *avahyóí*, sobre todas as demais predominante desde Motacusito. Por aqui os coqueiros *totaí* crescem em verdadeiros palmares e vê-se grande numero de exemplares delles derrubados para a extracção da farinha.

Nestas épochas de secca e de crise de meios de subsistencia, o coqueiro *totaí* representa quasi uma providencia para a população chiquitana e o recurso supremo, que não falta e de que lançam mão *barbaros* e indios civilizados, é a derrubada da palmeira. A farinha de *totaí* é extrahida do caule do vegetal, cuja porção medullar é triturada e fornece a materia prima de varias iguarias indigenas mesmo o proprio pão podendo com ella ser preparado. Tambem os fructos do *totaí* são comestiveis e fornecem oleo utilisavel para fins industriaes.

Outra palmeira de muita valia é o *motacú*, confundido com o acury dos

brazileiros e que fornece o palmito saboroso.

Em Ternero Muerto ha uma estancia em que está reunido algum gado. Os *je-jenes* existem em regular quantidade e os guanacos (*Ornithodoros rostratus* ARA-GÃO) abundam como em quasi toda a região. Destes ultimos tivemos farta colheita, repetindo a observação dos habitos nocturnos desta especie de ixodideo que já em Potrero de Abril tinhamos conseguido fazer. A presença desses guanacos torna possivel a existencia de febres recorrentes que talvez uma observação mais demorada da pathologia regional do Oriente Boliviano venha a demonstrar.

27—II—1925.

Partimos de Ternero Muerto ás 7 horas da manhã, precedidos de varias horas pelos animaes de carga sob a conducção de MANOEL PEINADO. Durante a noite mal pudemos dormir, pois desde a meia noite começara o trabalho de arriamento dos animaes e os cães numerosos e famintos, não deixaram de ladrar um só momento.

Passámos por Palmatal, Pozo Domingo e Recreio, no trajecto encontrando um veado que foi infructiferamente perseguido. Chegámos a Santa Ana ás 11 horas da manhã.

Depois de uns 10 minutos de parada tocámos para Guapama (o nome *guapama*, em chiquitano, significa pequena tabóca, vindo de *guapá*, tabóca e do suffixo diminutivo *ma*). Lá chegámos ao meio dia, ficando em casa de PEDRO JUSTINIANO e HIJINIO SANABRIA, que dispõem de installações relativamente confortaveis e mantidas com ordem e asseio.

Continuámos até agora a não encontrar dois typos de hematophagos conhecidos aqui pelos nomes de *mariguís* e de *garrapatillas*, parecendo que seja a estação impropria a causa de ausencia des-

ses animaes. Já expuzemos o que se deve entender pela primeira dessas designações. A segunda se refere certamente á mesma praga bem conhecida com identico nome no Brazil.

Deixámos Guapama ás 17 horas e meia, tocando para Carmen que attingimos ás 20 e meia horas, depois de ter caminhado 18 kilometros.

Lá nos alcançou um pé de vento que espalhou a chuva que ameaçava. Alojámos-nos na mesma casa de Don JUAN MERCADO que occupamos na viagem de ida.

28—II—1928.

Partimos de Carmen ás 8 horas e 20 minutos, depois de termos verificado a grande diminuição da quantidade dagua existente no local. Tocámos em direcção a Potrerito pelo mesmo caminho arenoso, interrompido de vez em quando por *chapaleos* ou pôças de agua de chuva mais ou menos extensas. Chegámos a Potrerito ás 12 horas e meia, encontrando pelo caminho uma sucure (*Cyclagras gigas* DUM. et BIBR.) e rastros numerosos de porco do matto, de anta e de onça. Depois de uma chuva miuda pelo caminho, ao chegar a Potrerito tivemos a escolher entre a agua lodacenta dos *chapaleos* da estrada, em que as rodas dos carros e as patas dos animaes deixavam os unicos reservatorios bem providos e a agua verde do grande poço artificial de cujo fundo os sapos nos espiavam. Escolhemos a ultima, sem desprezar de todo a primeira, e, esperámos o almoço perseguidos pela multidão de pequenos insectos, moscas, maripôsas, mutucas e abelhas que já eram bem nossos conhecidos.

Cada *mozo* carrega agora uma *macana* ou tacape dos *barbaros* e ella já nos parece um implemento necessario para seu officio de cargueiros: são as *macanas* que conseguimos obter como parte das collecções que reuniamos.

Depois de forte chuvarada de que muito mal nos protegeu o arruinado telheiro da *pascana*, deixámos Potrerito pouco antes das 5 horas e meia da tarde, mandando na frente MANOEL PEINADO que conduzia os bois de carga. As primeiras duas leguas do caminho foram feitas atravez do caminho arenoso consolidado pela chuva. Depois, seguiram-se duas leguas de continuos *chapaleos*, estes ás vezes com centenas de metros de extensão e nos quaes os animaes entravam com agua ou lôdo ás vezes até o tronco. Esse percurso feito á noite, com o auxilio apenas de uma pallida luz de lua nova, foi bastante penoso. Afinal, quasi ás 9 horas da noite, chegámos ao pouso de La Cruz, onde resolvemos acampar embora sem jantar e desprovidos de quaesquer viveres que haviam seguido com MANOEL PEINADO até Yacuzes, contrariamente ás instrucções que lhe haviam dado.

1—III—1925.

Partimos de La Cruz ás seis horas da manhã, esperando encontrar a nossa tropa de bois em Yacuzes e lá tomar o café da manhã, pois nem na vespera jantaramos. Tal, porém, não succedeu e, só em Potrero de Abril conseguimos alcançar a nossa bagagem e ao pé da estrada preparou-se o café.

Pelas 9 horas da manhã seguimos de Potrero de Abril para o Tacuaral onde chegámos ao meio dia, depois de termos encontrado pela manhã rastros de uma anta e de uma manada de porcos do malto.

De La Cruz até o Tacuaral há ainda muitos *chapaleos*, mas já de menor extensão que os encontrados entre Potrerito e La Cruz.

Desta vez o Tacuaral tem bastantes mosquitos, *harla sevandija*, como se diz por aqui.

Na *pascana* encontrámos muitas carapaças da tartaruga aqui chamada *pêta*,

da qual perto de Potrerito capturámos um exemplar que atravessava calmamente a estrada quando passámos. Constitue esse chelonio alimento apreciado pelos chiquitanos, dos quaes muitos costumam preparal-o na propria casca, assando assim sobre o fogo o animal ainda vivo e se debatendo.

Deixámos o Tacuaral pelas 4 horas da tarde e seguimos atravez terreno encrespado mas secco, o qual, no fim de duas horas de caminhada se transformou em continua zona de *chapaleos* e lodaças que por mais de duas leguas se extendia até Motacusito onde chegámos, perseguidos por uma nuvem de mosquitos, depois de cinco horas de viagem.

2—III—1925.

Deve ser hoje o nosso ultimo dia de viagem pelo sertão boliviano e, si nada translornar nossos planos, chegaremos a Corumbá antes da noite.

Já agora o caminho é movimentado e vêm-se moradores dos arredores de Puerto Suarez que passam de machado em punho, uma grande mochila ás costas, canécas e outros instrumentos destinados a melear, isto é, a colher o mel de páo tão apreciado pelos indigenas.

Deixámos Motacusito ás oito horas da manhã e, depois de atravessar duas leguas de quasi continuo lodaçal, attingimos Puerto Suarez pouco antes das dez horas da manhã. Lá encontrámos o Dr. RENE' VALDA, chegado havia pouco do Rio de Janeiro, onde durante mais de um anno frequentara os laboratorios do Instituto Oswaldo Cruz.

Pouco antes das 16 horas, deixámos Puerto Suarez e, sempre atravez de lodaças, passámos o Arroio Concepción ás 18 horas e meia, chegando a Corumbá ás 20 horas da noite, depois de cerca de 850 kilometros de marcha, a cavallo, pelo Oriente da Bolivia.

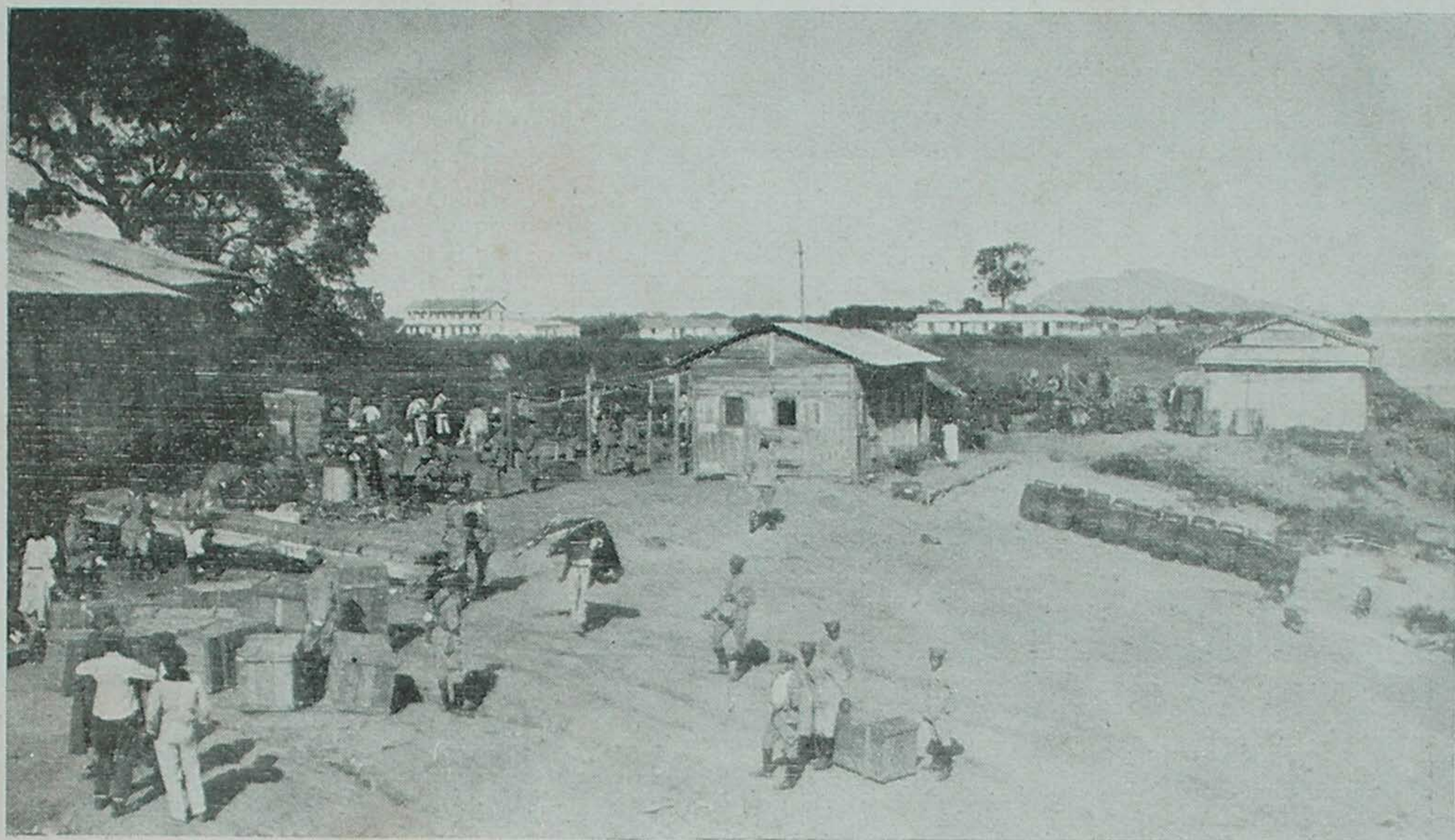


Fig. 2—*Porto Esperança*—Vista geral.



Fig. 3—*Porto Esperança*—Acampamento da Comissão Medica.



Fig. 4—*Porto Esperança*—Boiada atravessando o rio Paraguay.

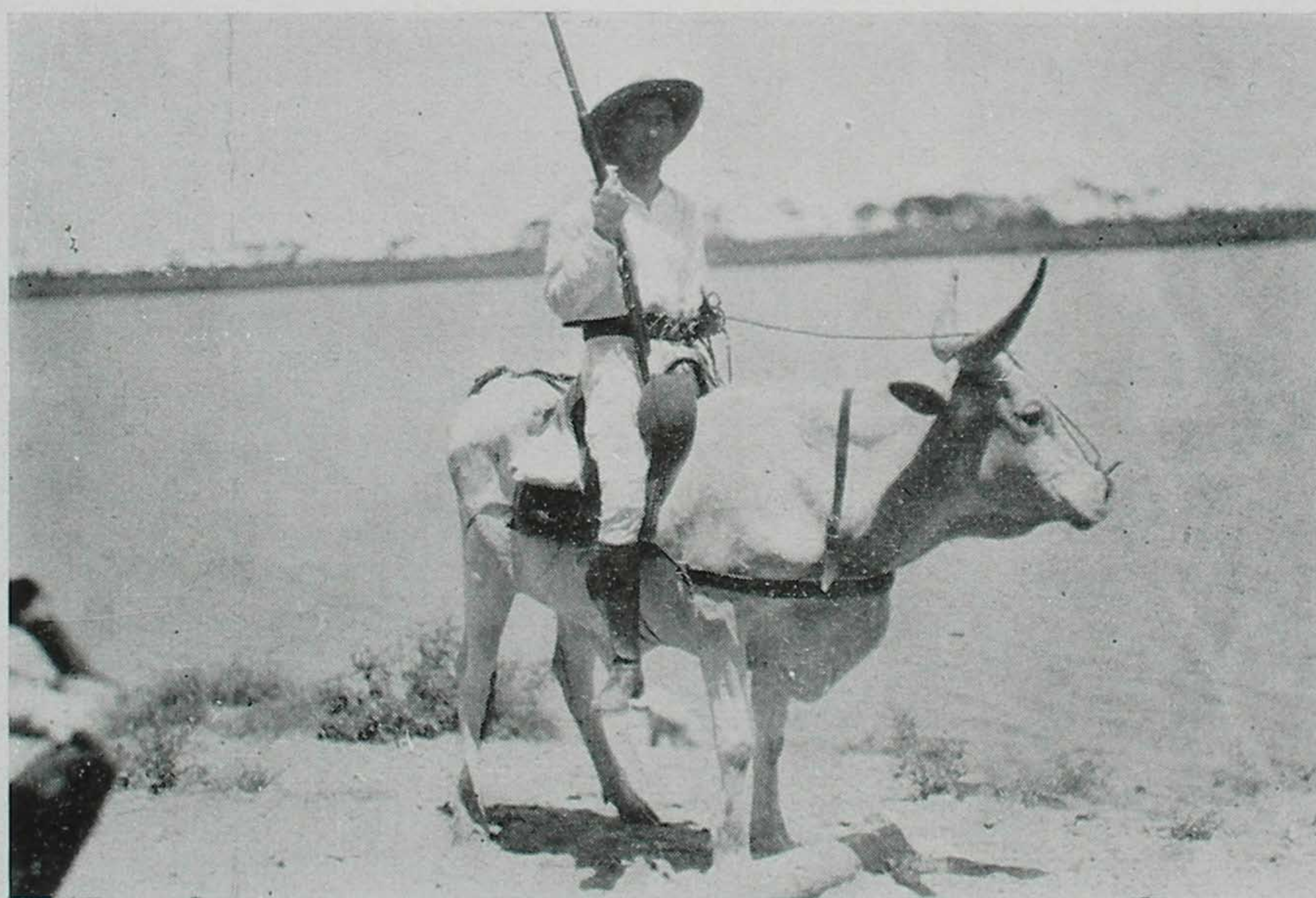


Fig. 5—*Porto Esperança*—Boi de montaria.

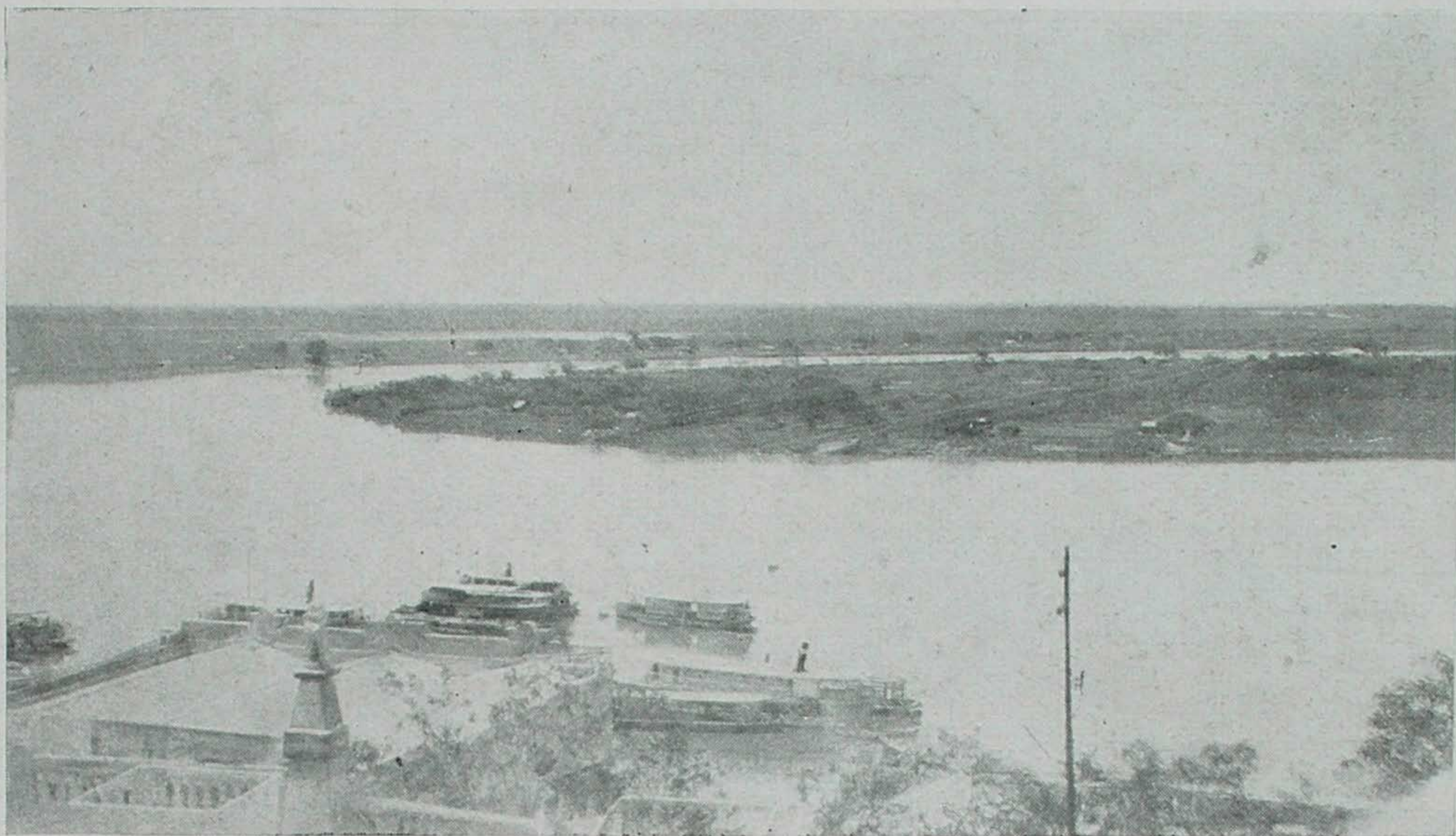


Fig. 6—*Corumbá*—Vista sobre o rio Paraguay e o pantanal no tempo da secca.

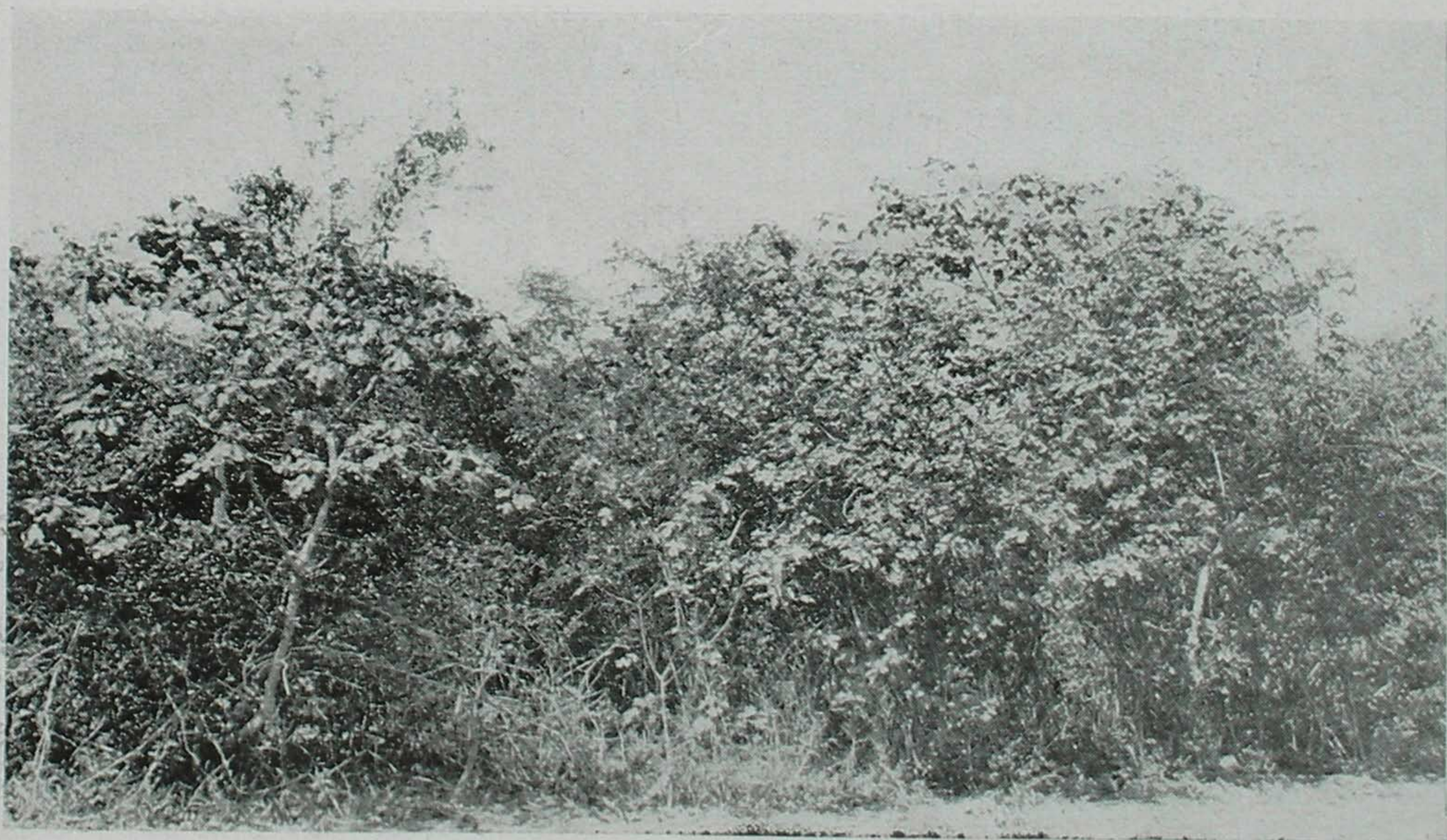


Fig. 7—*Corumbá*—Vegetação xerophila dos arredores.



Fig. 8—*Corumbá*—Vegetação xerophila (caatinga) do calcareo dos arredores.

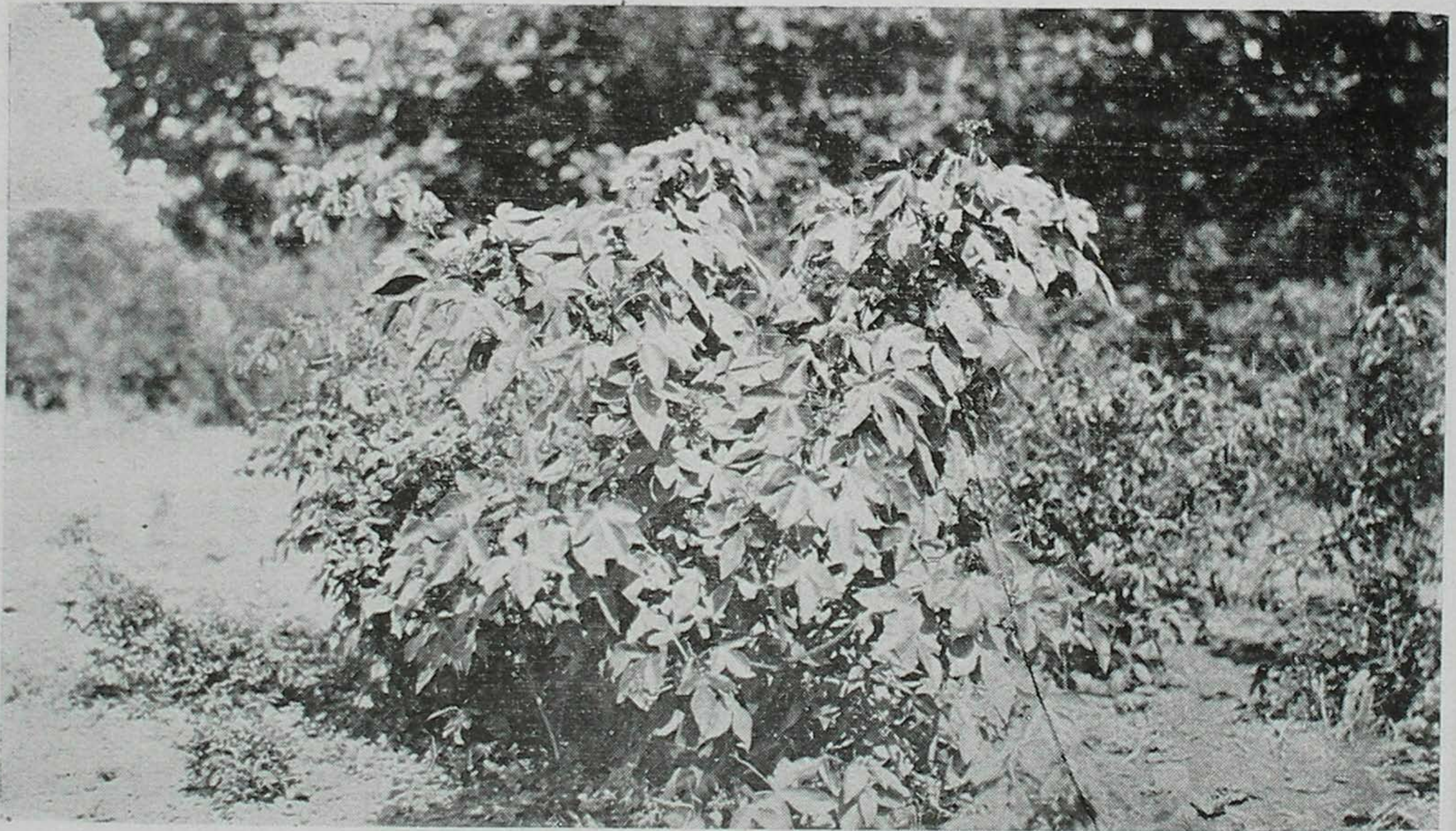


Fig. 9—*Corumbá*—Euphorbiacea typica dos arredores.



Fig. 10—*Corumbá*—Euphorbiaceae typica dos arredores.



Fig. 11—*Ladario*—Entrada do Arsenal Naval.



Fig. 12—*Ladario*—Edifício da administração do Arsenal.

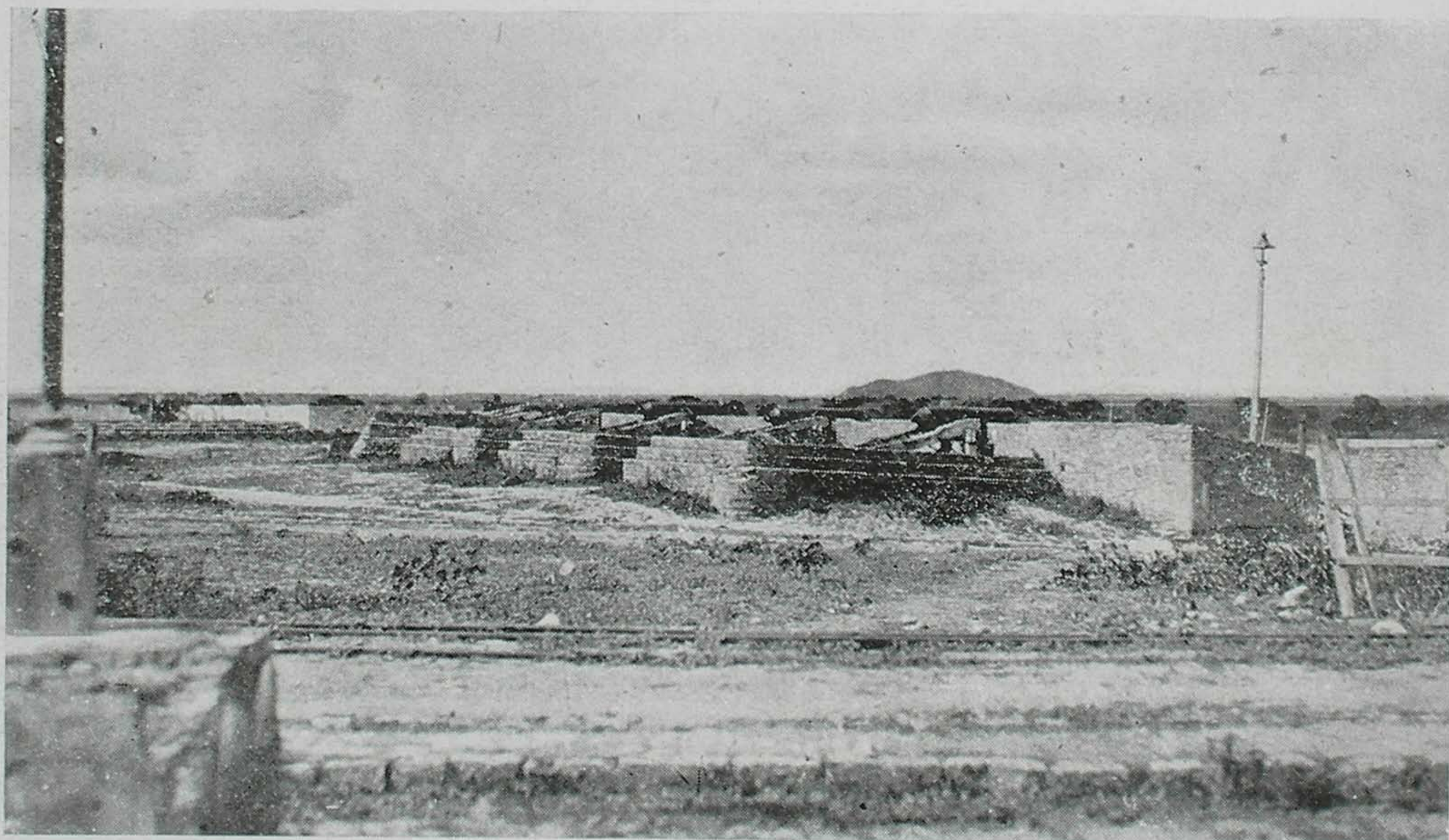


Fig. 13—*Ladario*—Baterias do Arsenal.



Fig. 14—*Ladario*—Vasos de guerra da flotilha brasileira do rio Paraguay. Vêm-se, ao fundo, o monitor “Pernambuco” e, no primeiro plano, o aviso “Oyapock”.



Fig. 15—*Arroyo Concepción*, que serve de fronteira entre o Brazil e a Bolivia, entre Corumbá e Puerto Suarez—O arroio estava totalmente secco quando foi atravessado de automovel pelo pessoal da Comissão Ferroviaria Transcontinental, Consul da Bolivia em Corumbá e autoridades daquela cidade.



Fig. 16—*Puerto Suarez*—Os pneumáticos dos automoveis são ás vezes revestidos de couro para poderem melhor atravessar a estrada aberta na caatinga cuja vegetação é toda eriçada de espinhos.



Fig. 17—*Puerto Suarez*—A Bahia de Caceres no tempo da secca, reduzida a um simples canal de pouca profundidade.

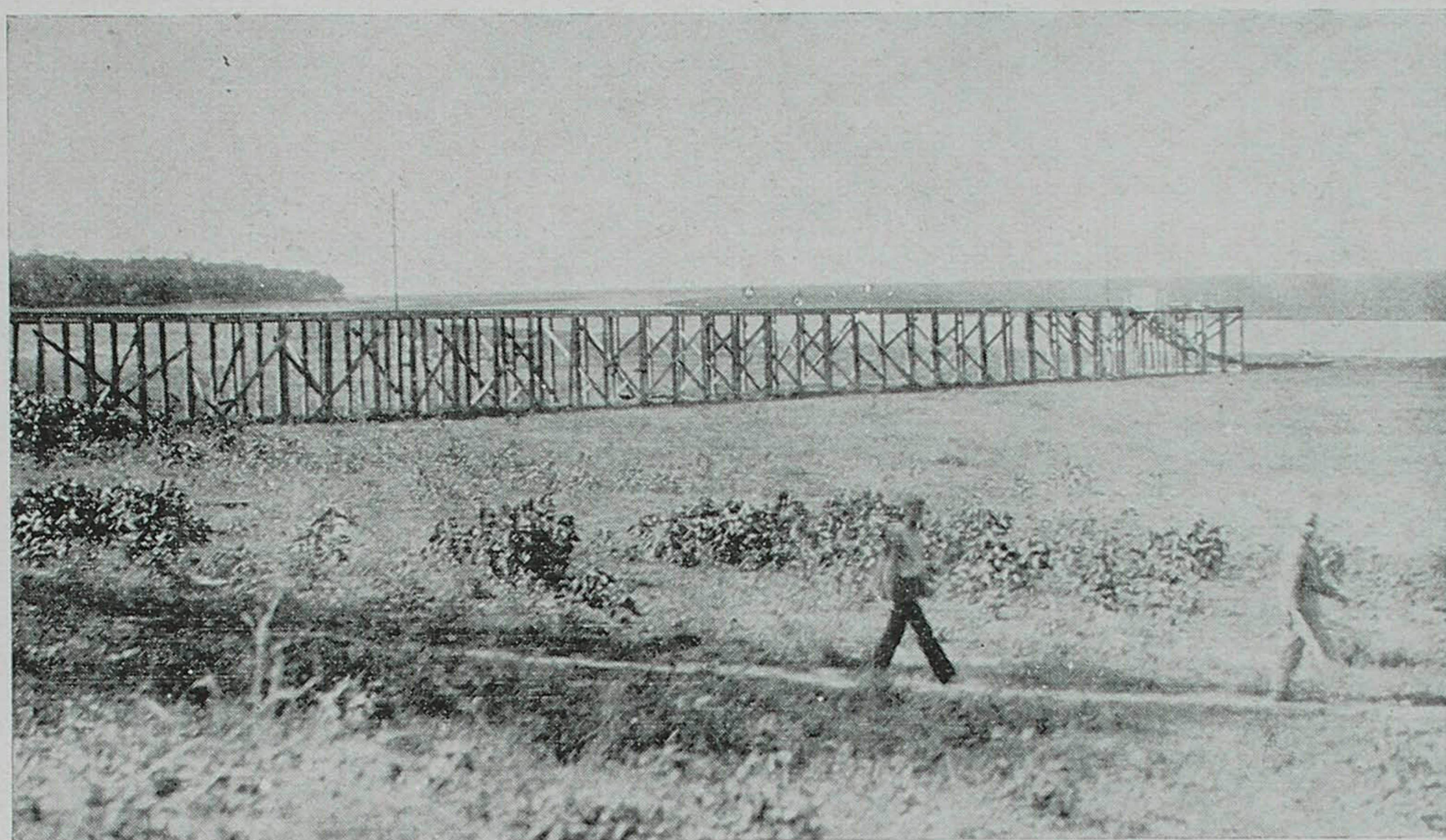


Fig. 18—*Puerto Suarez*—A ponte de desembarque inteiramente a secco, mostrando que o povoado só é porto no tempo das grandes cheias.

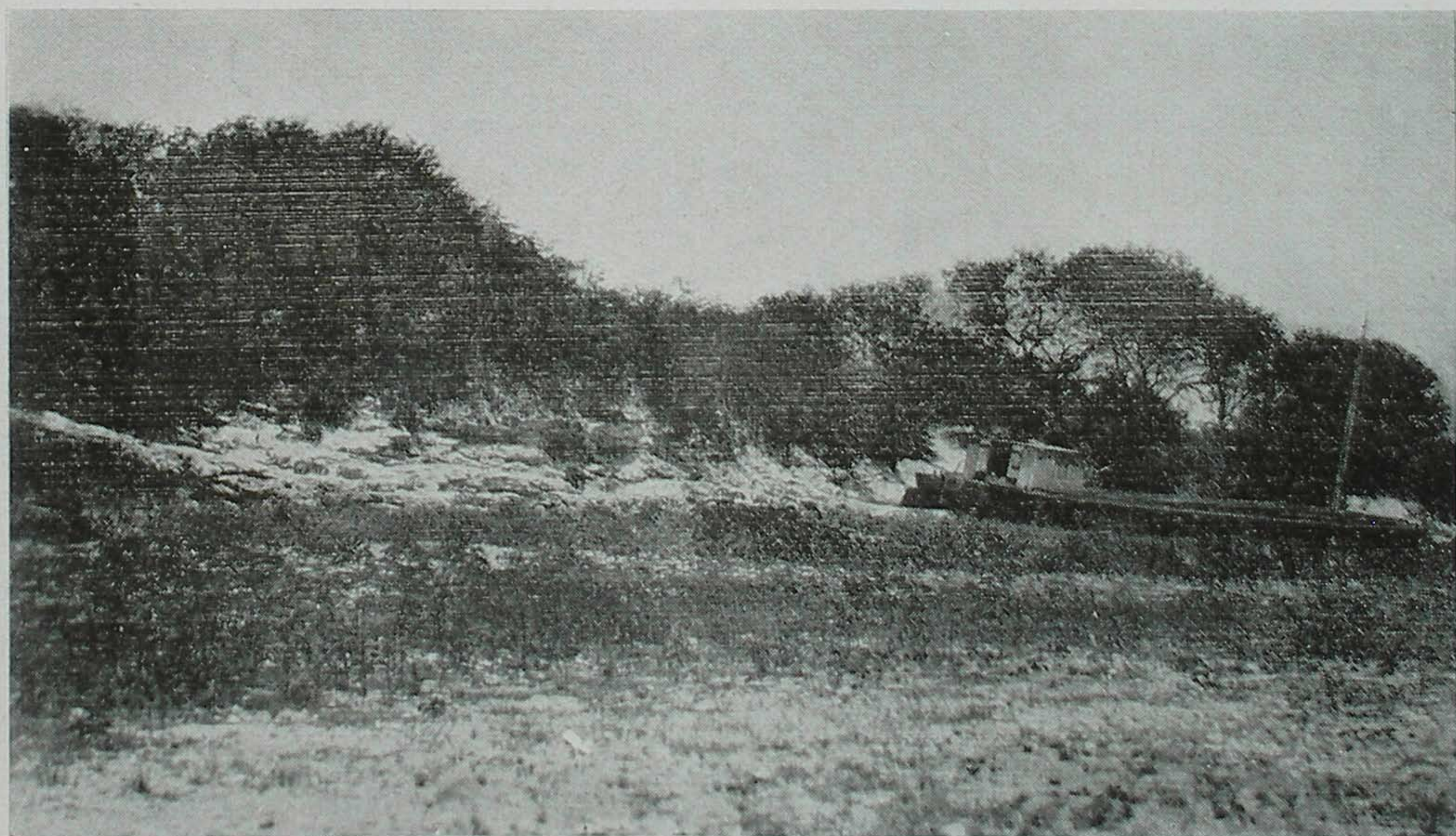


Fig. 19—*Puerto Suarez*—A Bahia de Caceres no tempo da secca, em principios de 1925, mostrando as embarcações encalhadas e inúteis havia então mais de um anno.

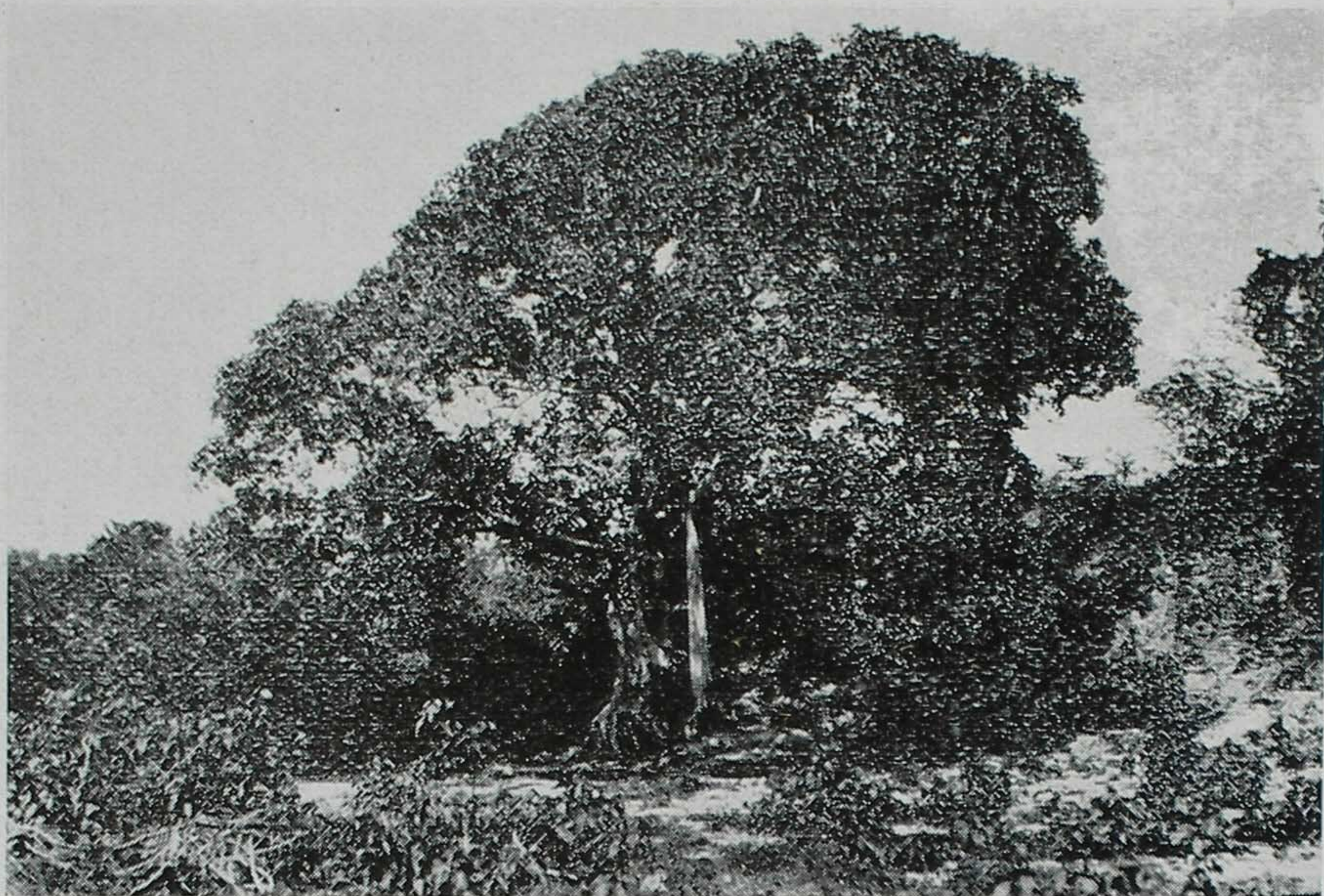


Fig. 20—Puerto Suarez—*Urostigma* sp. (figueira) mostrando grande e espessa raiz adventicia.

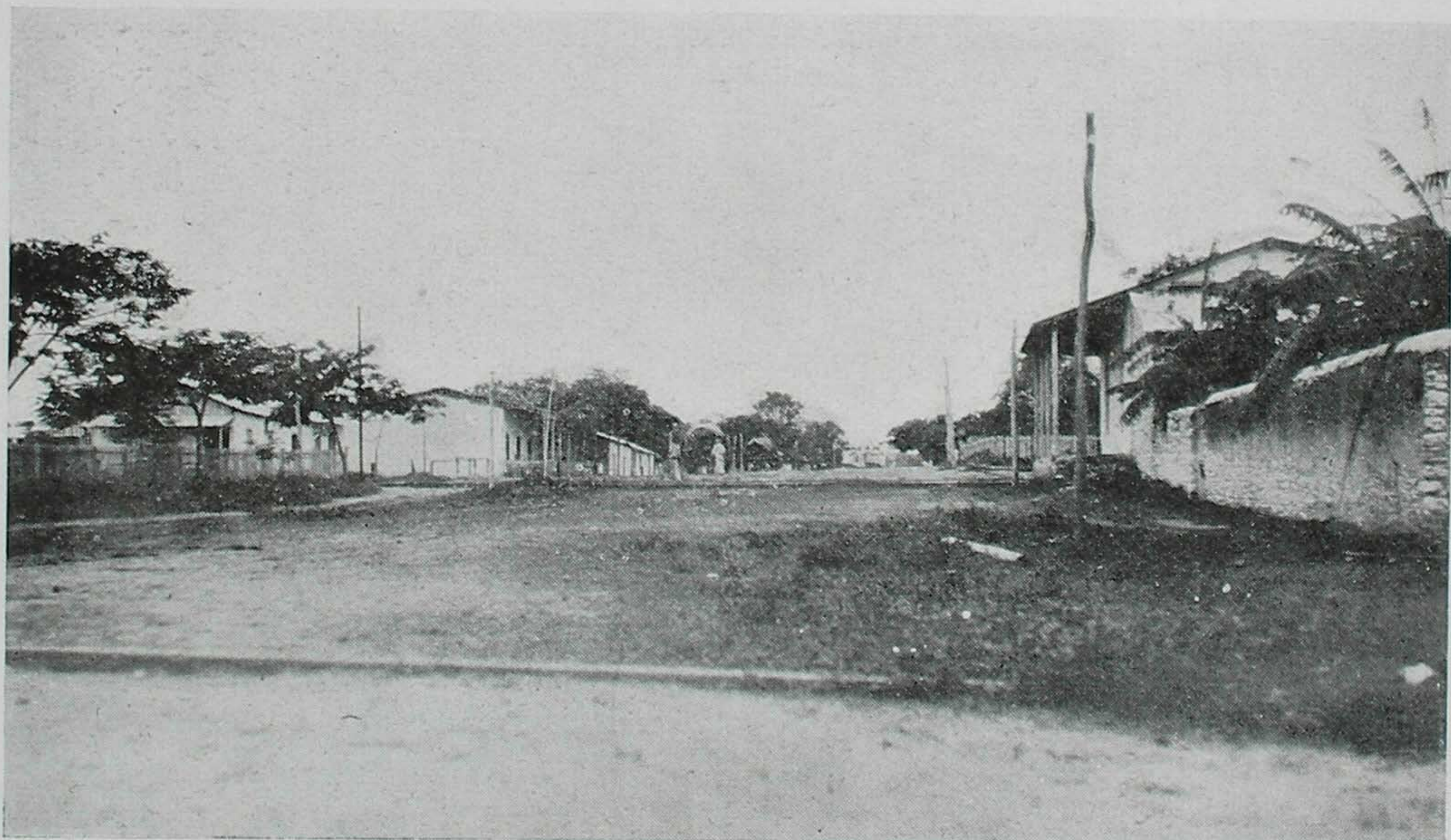


Fig. 21—Puerto Suarez—Povoado.



Fig. 22—*Puerto Suarez*—Arredores do povoado.



Fig. 23—*Puerto Suarez*—Residencia do medico da guarnição militar.



Fig. 24—*Puerto Suarez*—Igreja, coreto e residencia do cura.



Fig. 25—*Puerto Suarez*—Carros de bois que transportaram a bagagem da Comissão Medica até San José de Chiquitos.

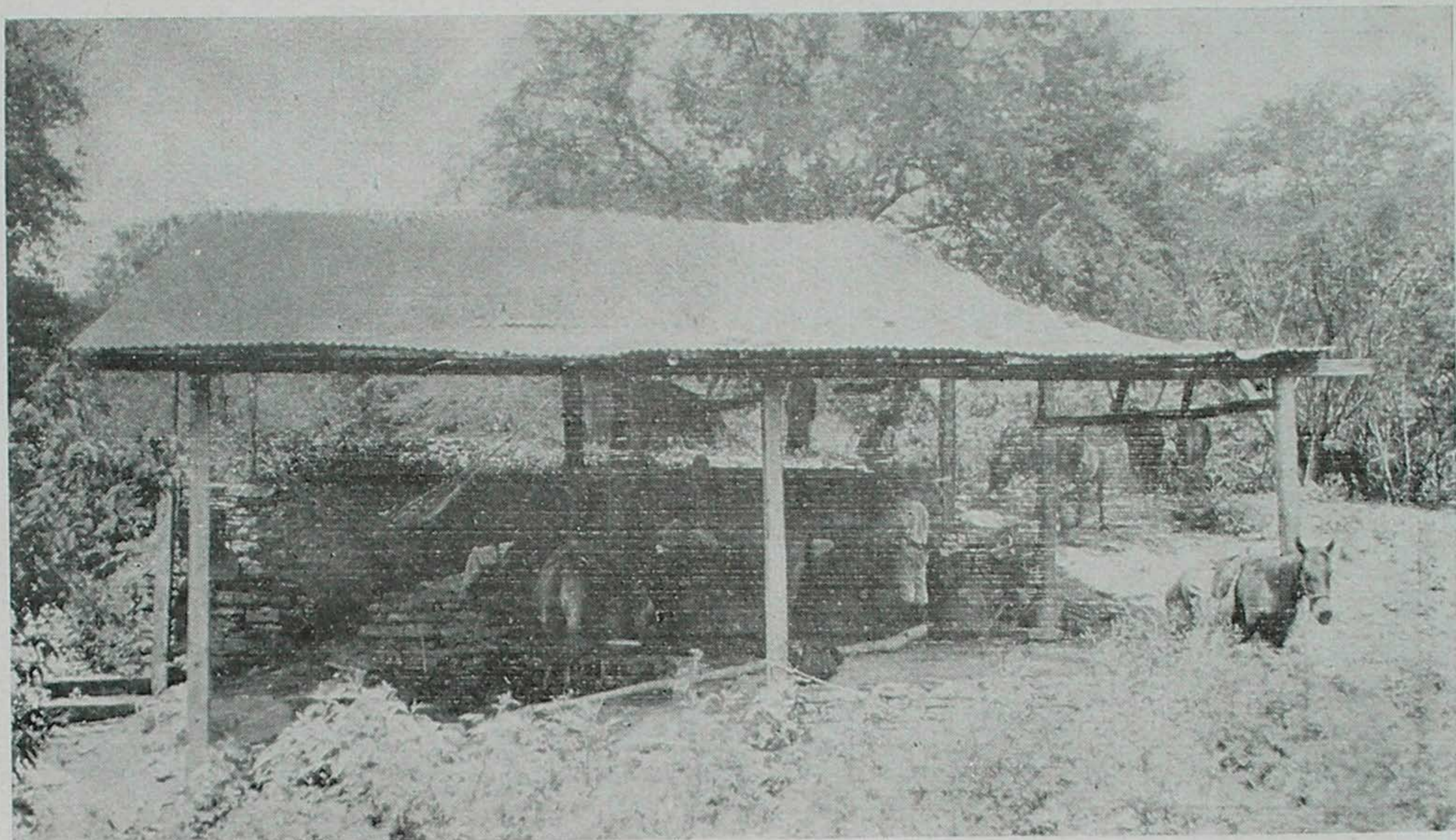


Fig. 26—*Motacuso*—1o e melhor pouso no caminho para o interior. O pessoal e a tropa da Comissão Medica em sua primeira pousada.



Fig. 27—*Tacuaral*—2o pouso no caminho para o interior. No tempo da cheia é um dos pontos mais inundados, devendo às vezes ser atravessado a nado.



Fig. 28—*Tacuara*—Pequeno grupo de lepidopteros que em nuvem percorriam a região.

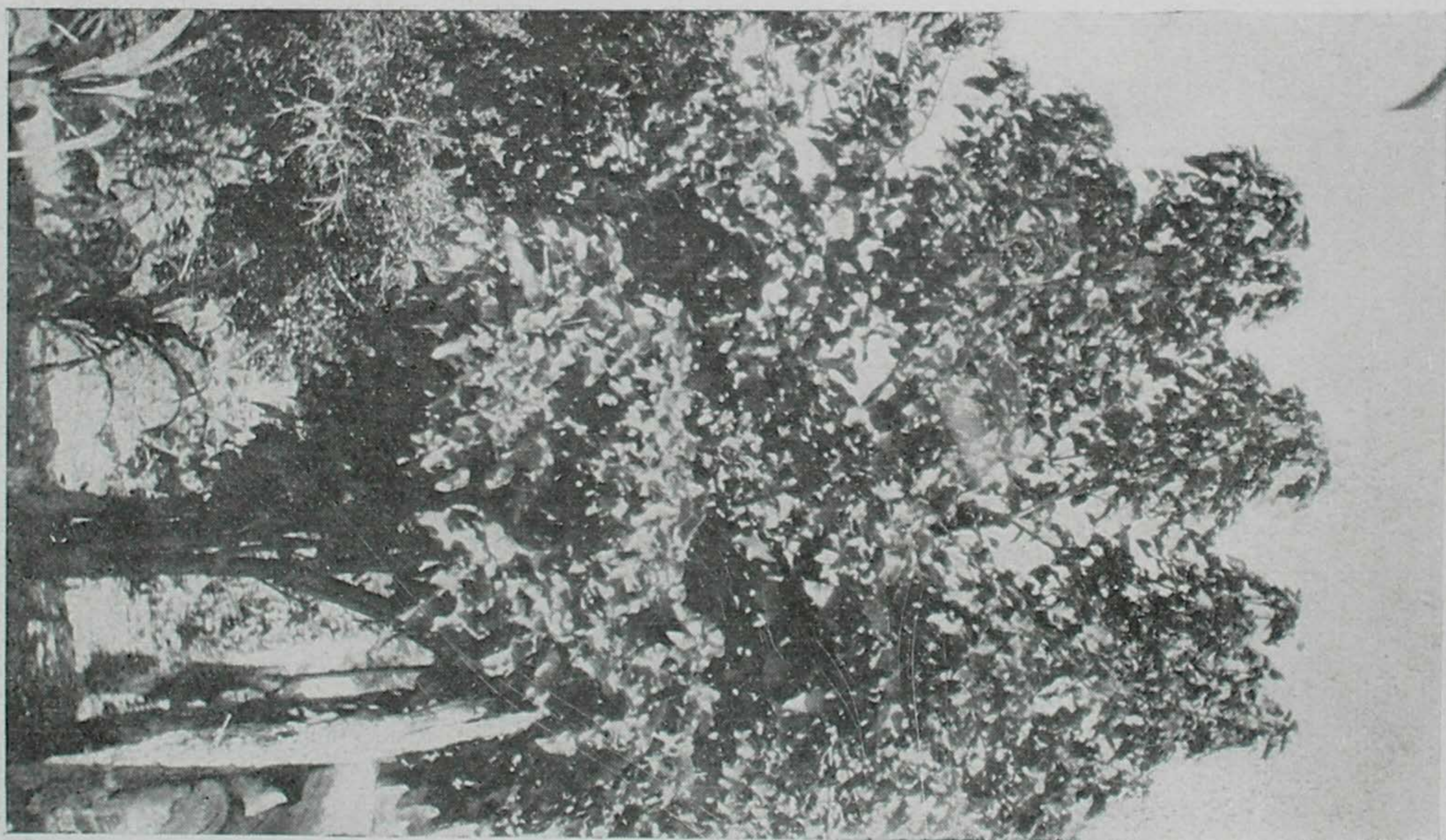


Fig. 29—*Potrero de Abril*—Exemplares de *Jatropha curcas*.

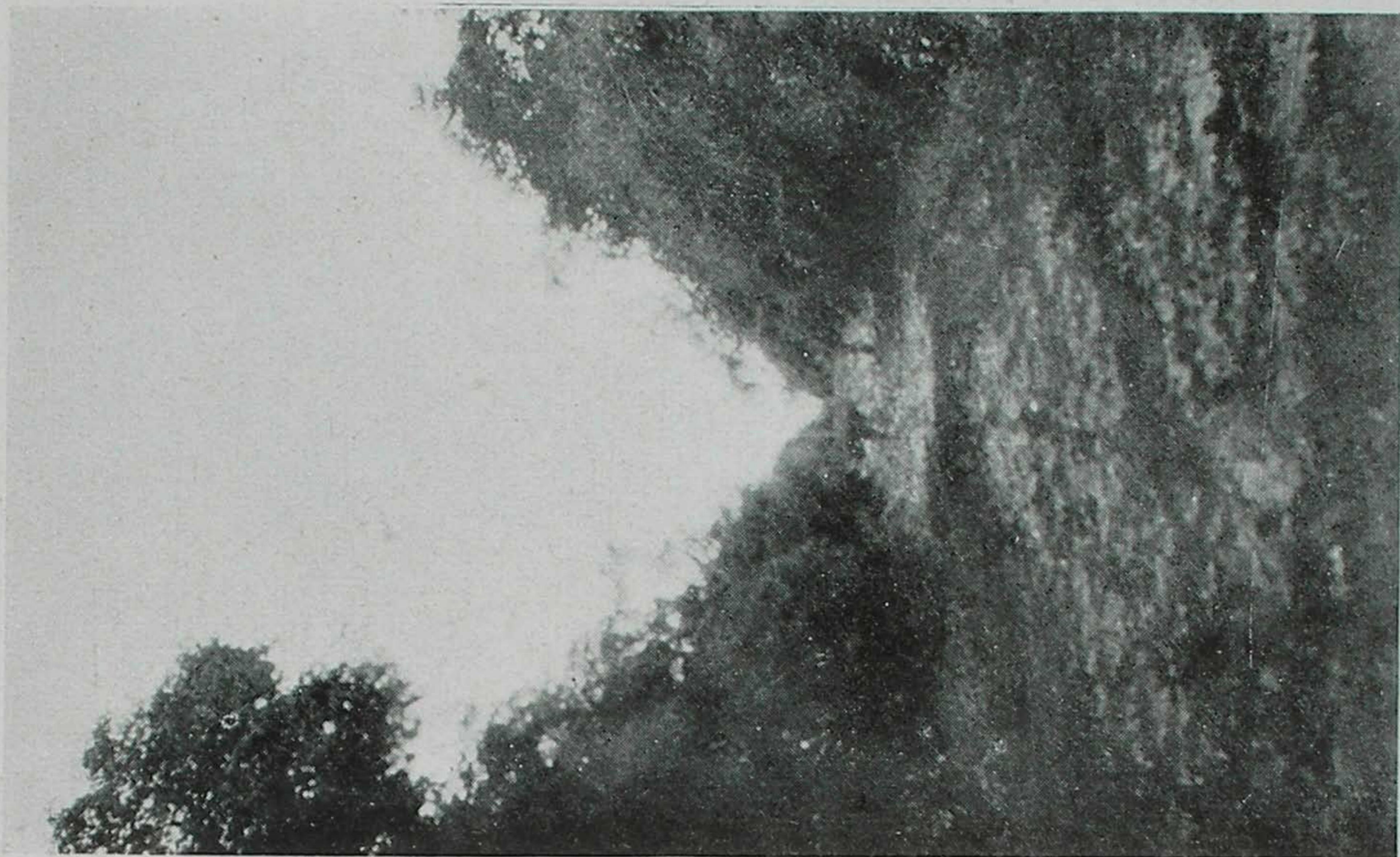


Fig. 30 — *Potrero de Abril*—A estrada.

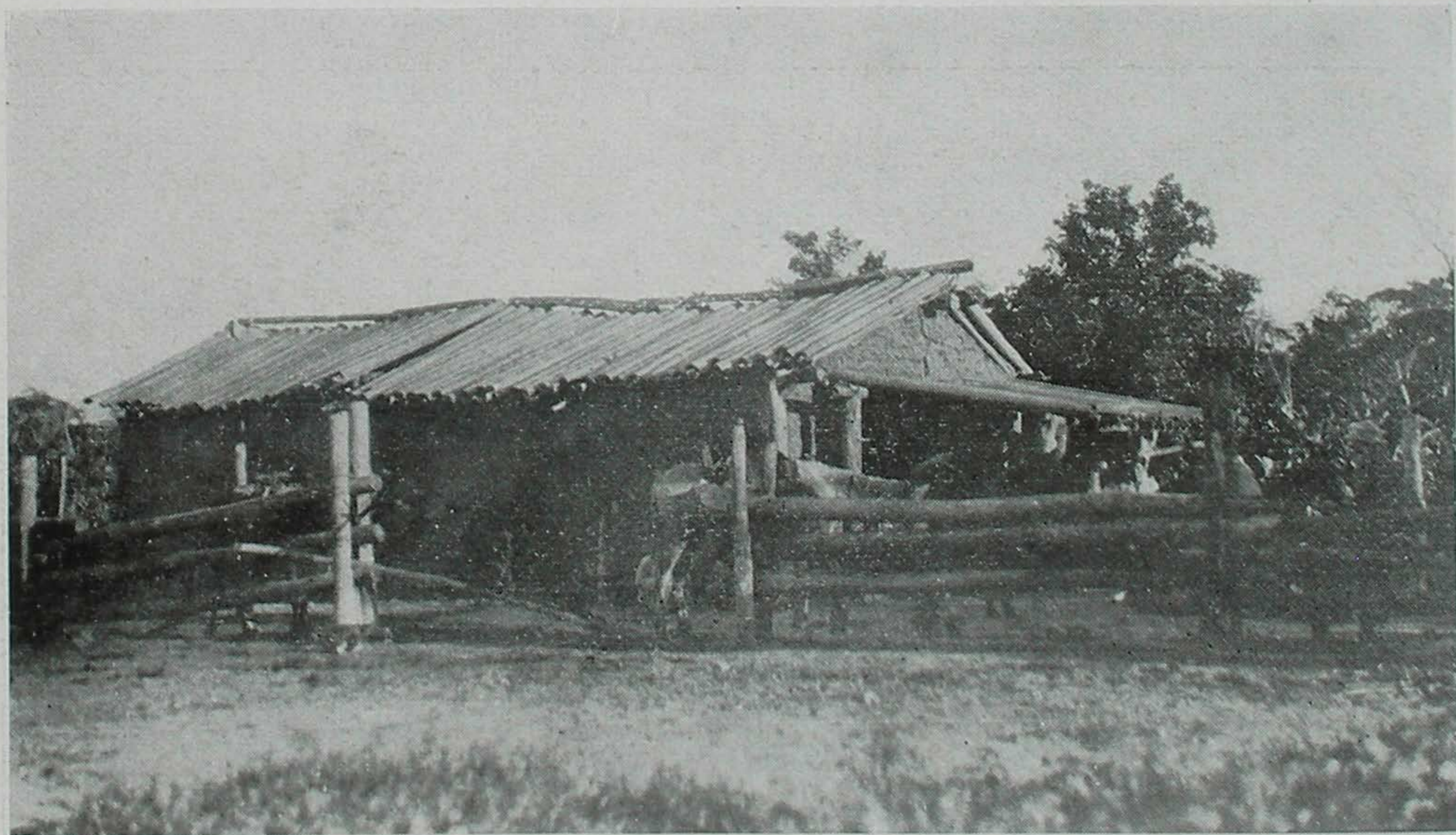


Fig. 31 — *Potrero de Abril*—Fazendola.



Fig. 32—*Potrerito*—Pouso durante a passagem da Comissão Medica. Vêm-se armadas as rês protegidas por mosquiteiros.

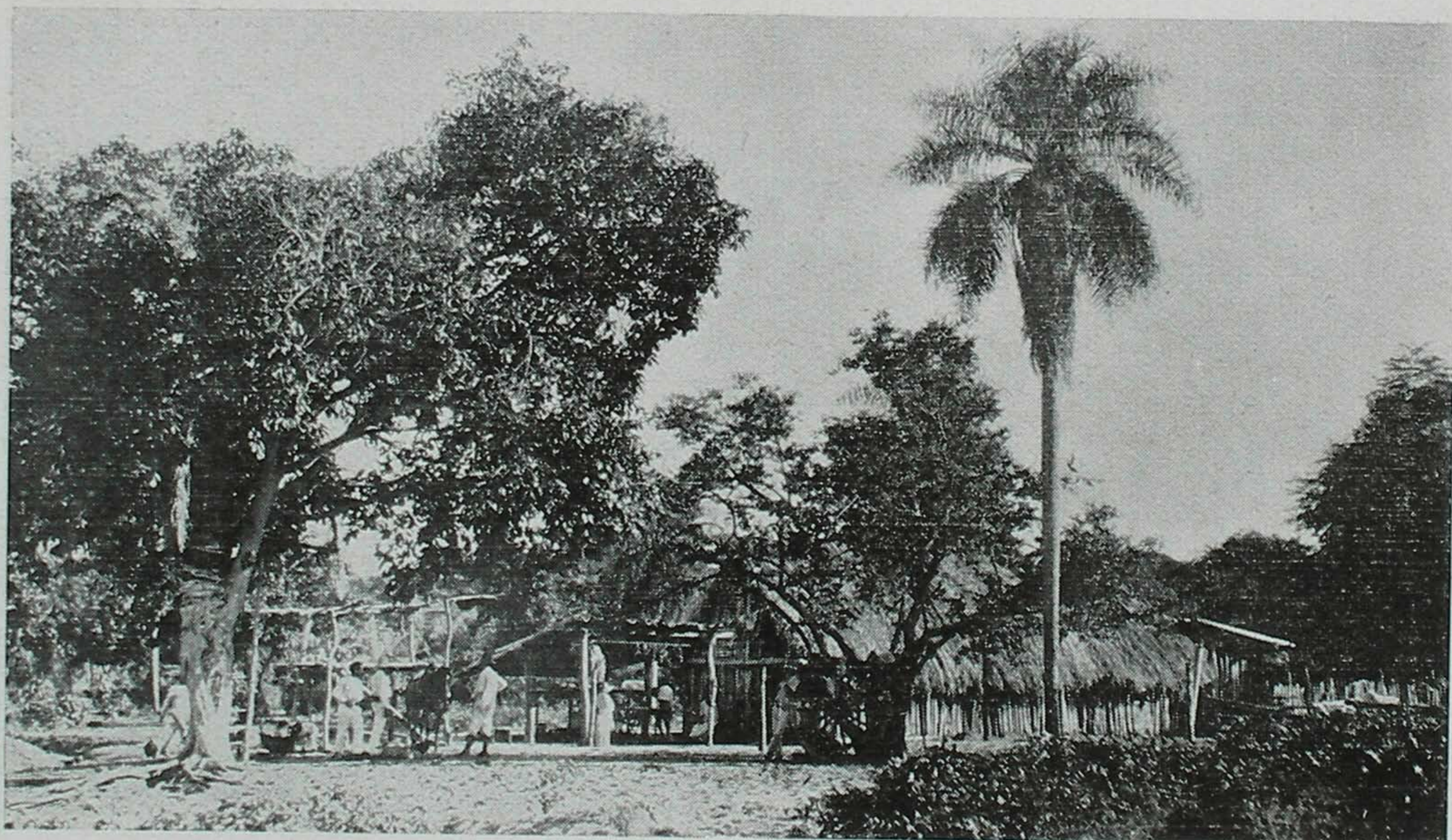


Fig. 33—*Carmen*—Fazendola.

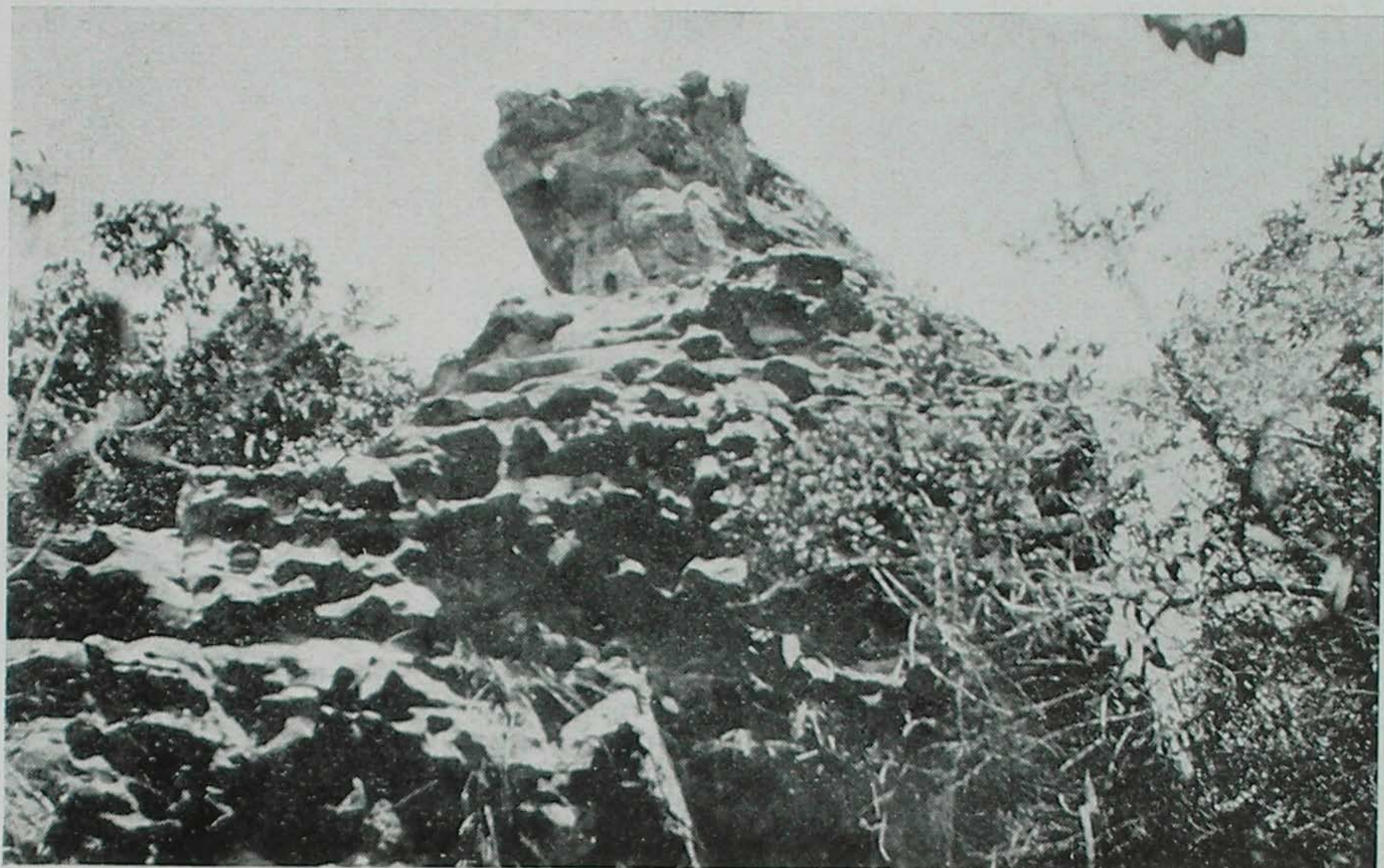


Fig. 34—*Carmen*—Quartzito.

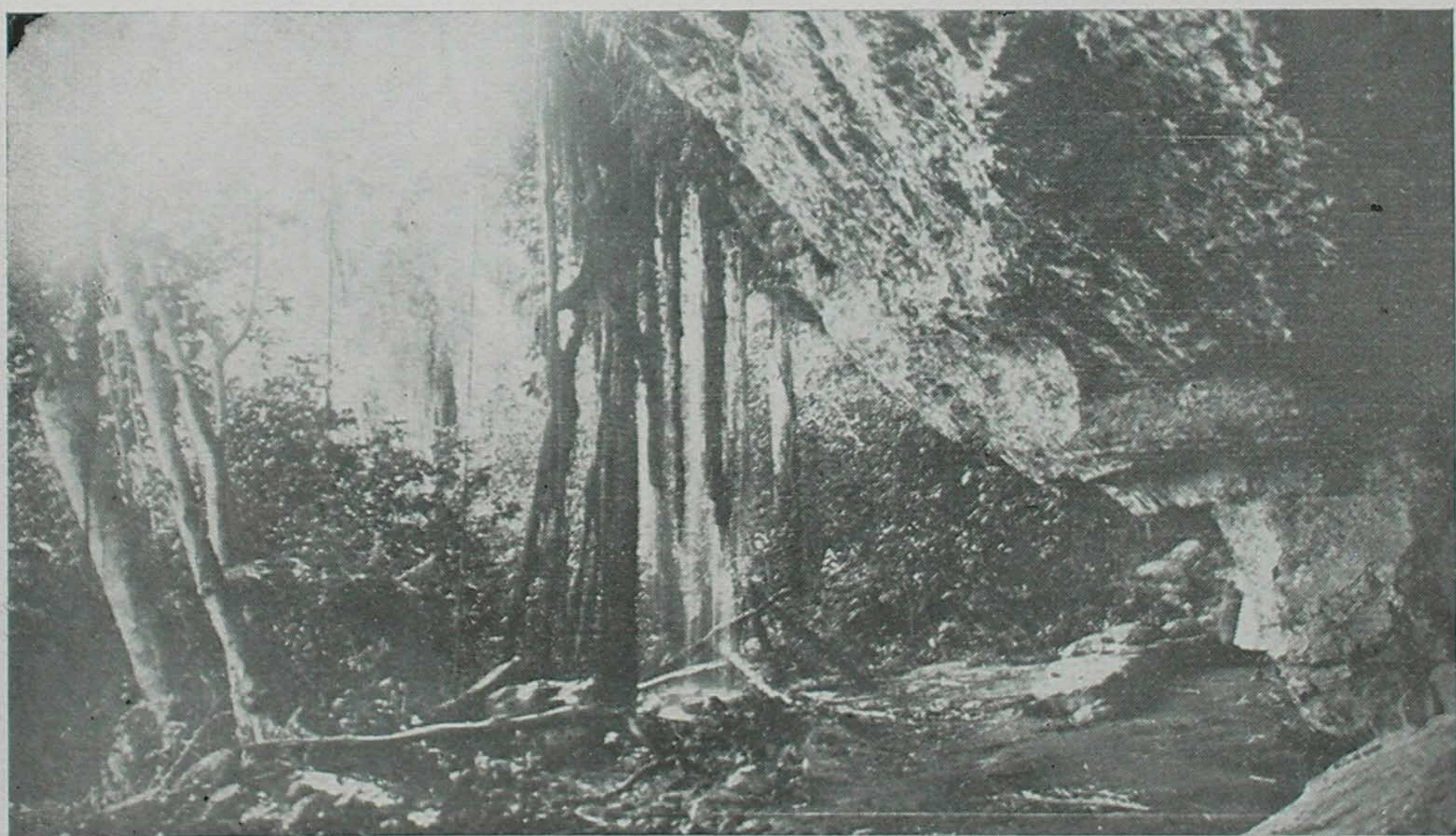


Fig. 35—*Carmen*—O Chorro e a gruta adjacente.

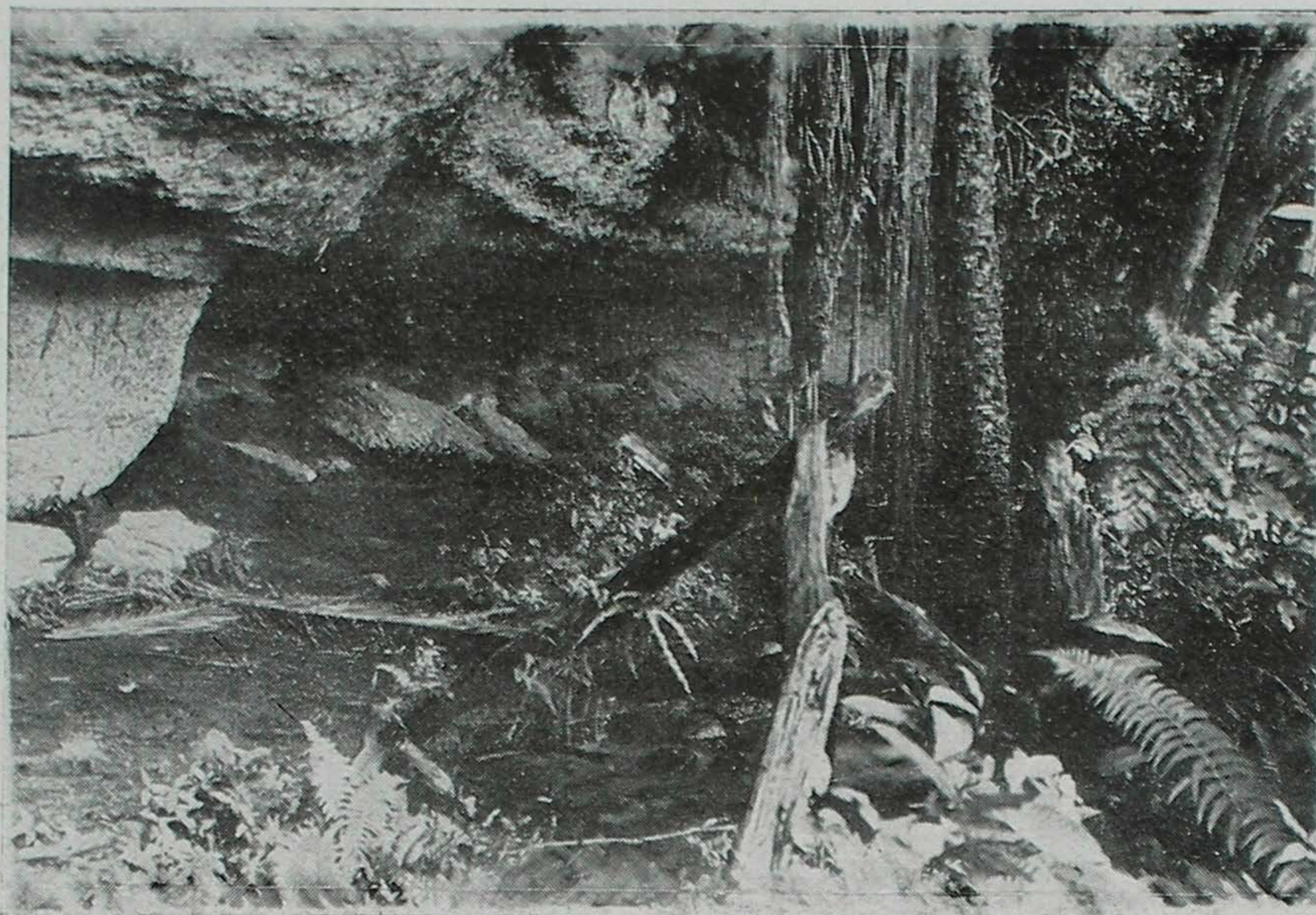


Fig. 36—*Carmen*—Vegetação das cercanias do *Chorro*.

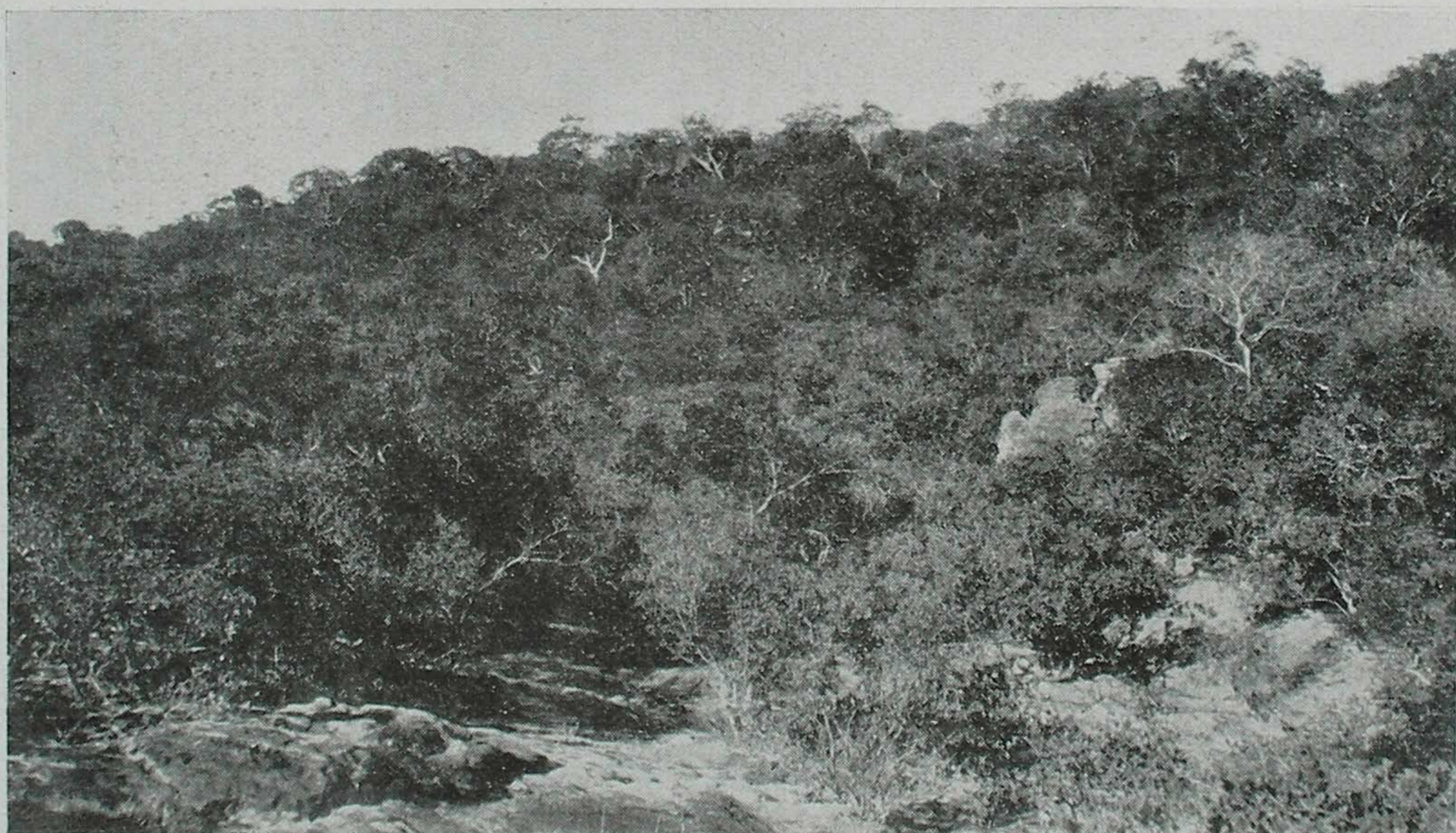


Fig. 37—*Carmen*—Vegetação das collinas dos arredores.

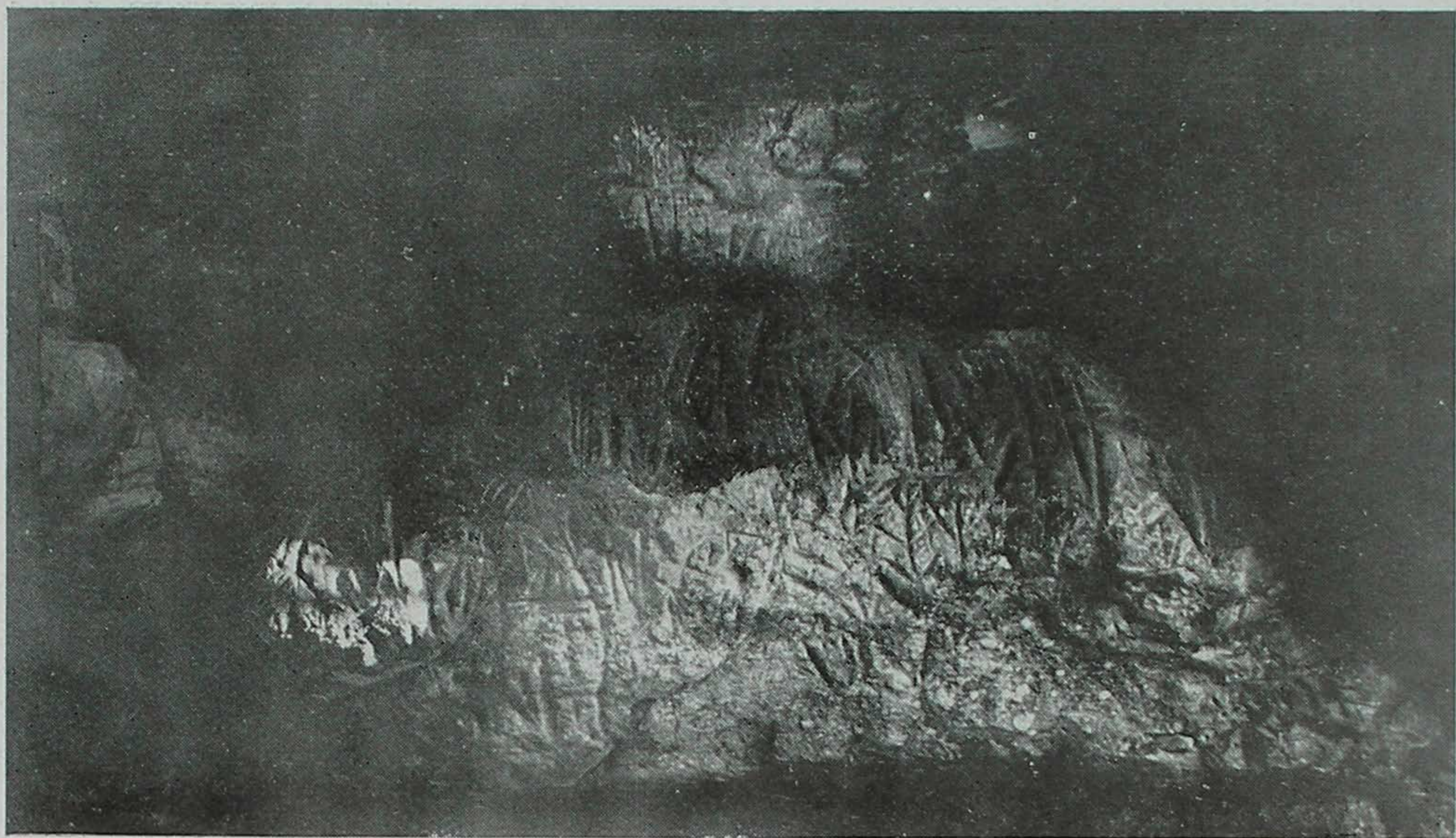


Fig. 38—*Carmen*—Figuras das grutas attribuidas a indigenas.

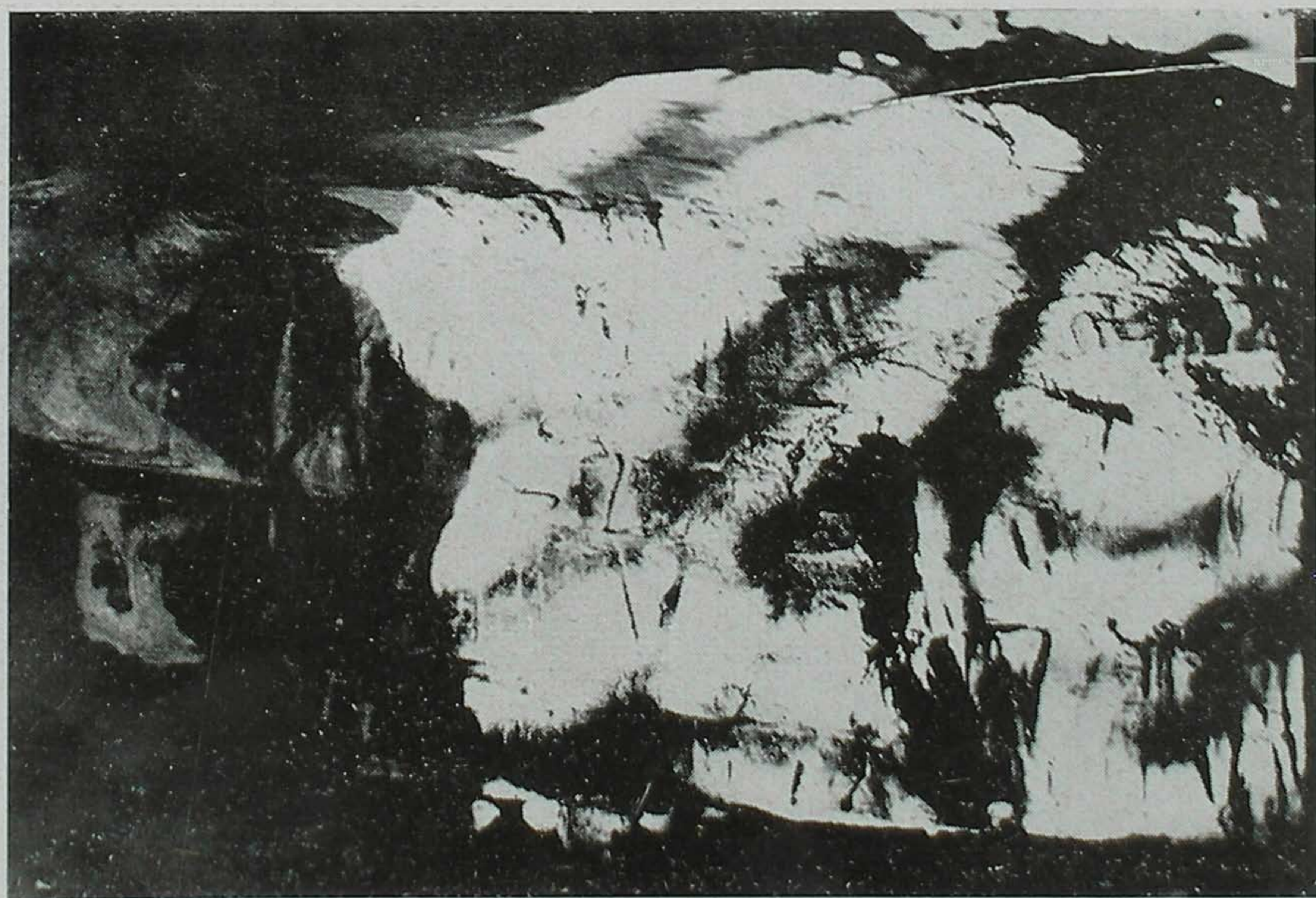


Fig. 39—*Carmen*—Figuras gravadas nas grutas e attribuidas a indigenas.

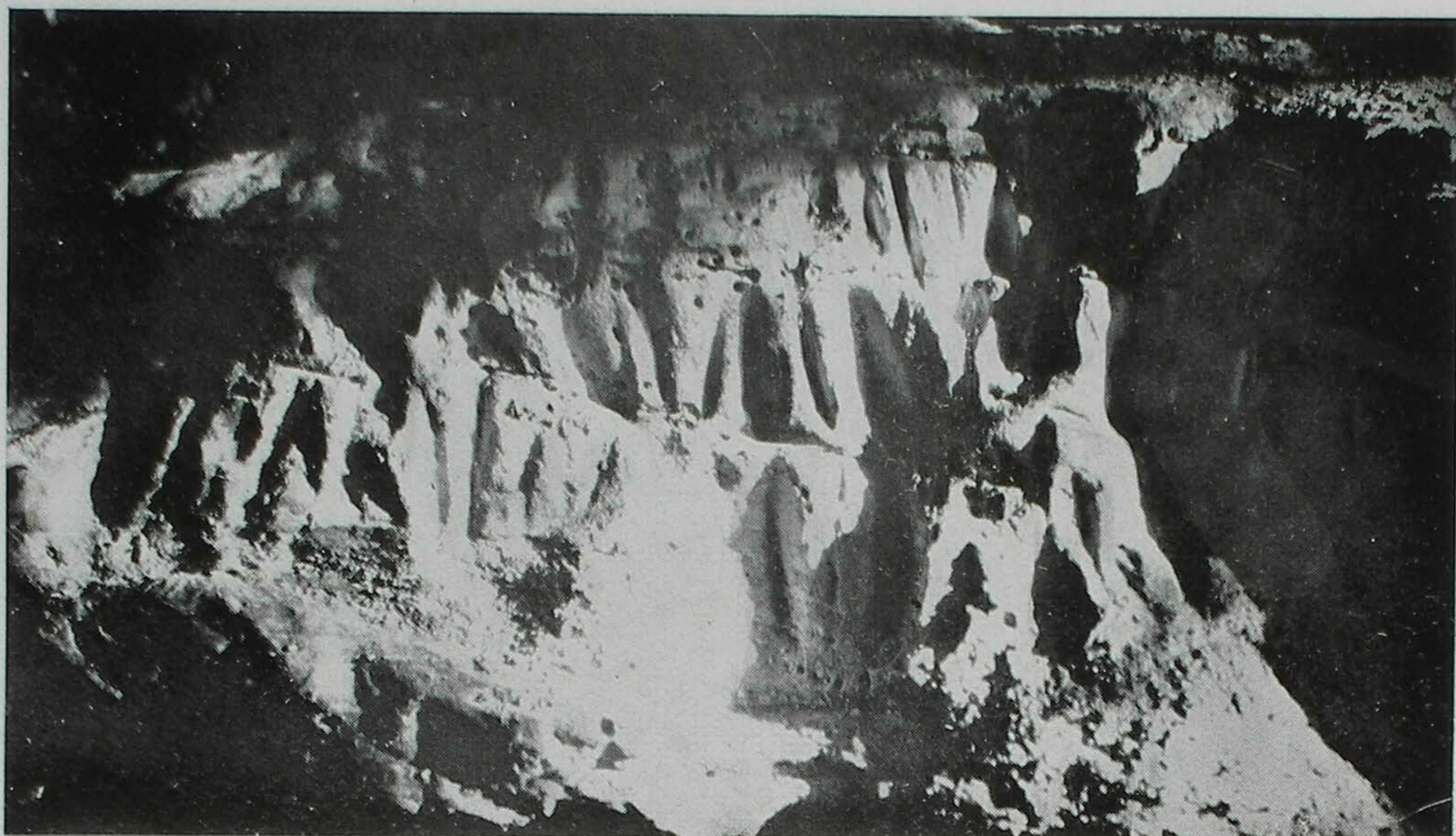


Fig. 40—*Carmen*—Figuras gravadas nas grutas e atribuidas a indigenas.



Fig. 41—*Carmen*—Figuras gravadas nas grutas e atribuidas a indigenas.

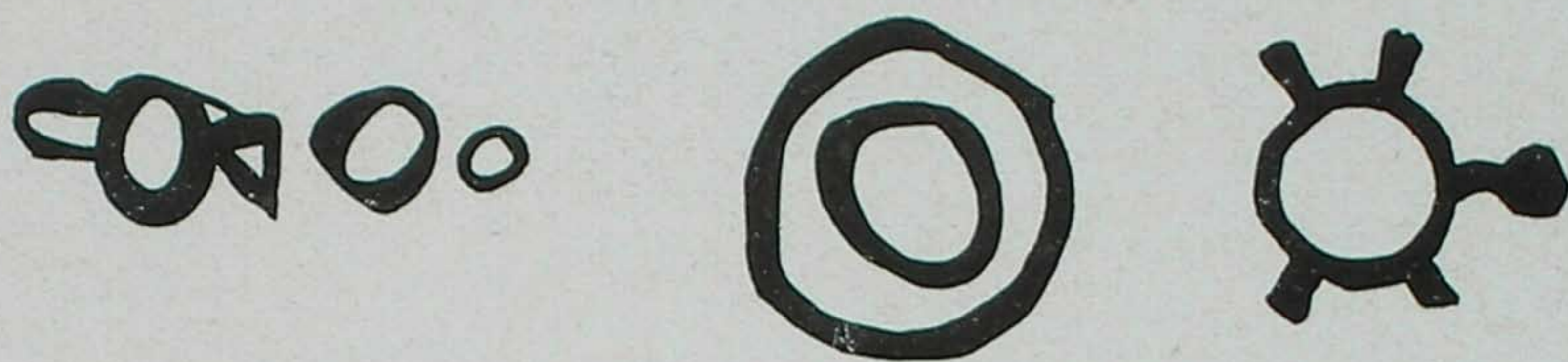


Fig. 42—*Carmen*—Figuras gravadas e pintadas a negro no tecto da gruta e attribuidas a indigenas.

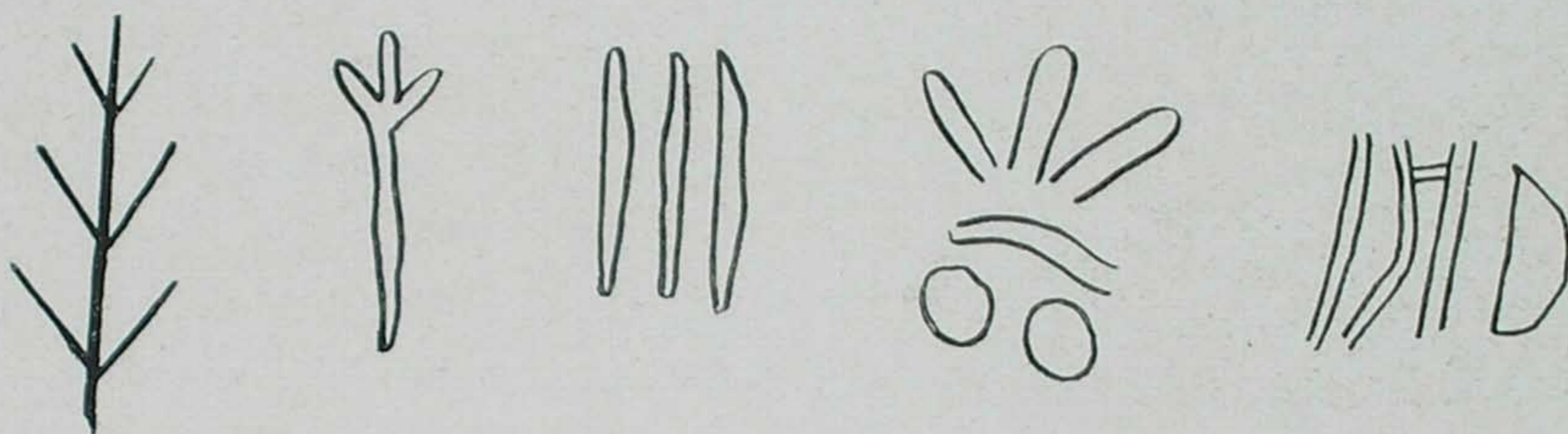


Fig. 43—*Carmen*—Figuras gravadas e pintadas a negro no tecto da gruta e attribuidas a indigenas.



Fig. 44—*Santa Ana*—Acampamento da Comissão Medica nas mattas dos arredores.



Fig. 45—*Santa Ana*—Acampamento da Comissão Medica na matta dos arredores.



Fig. 46—*Santa Ana*—Vista do povoado.



Fig. 47—*Tucabáca*—Um exemplar de *algarrobo*.



Fig 48—*Tucabáca*—Rio Tucabáca ou Otuques no ponto em que é atravessado pela estrada que vae ao interior.



Fig. 49—*Tucabáca*—As canoas conjugadas que servem para a travessia do rio Otuques ou Tucabáca.



Fig. 50—*Tucabáca*—Travessia do rio Otuques ou Tucabáca durante a cheia. Passa o pessoal com a bagagem.

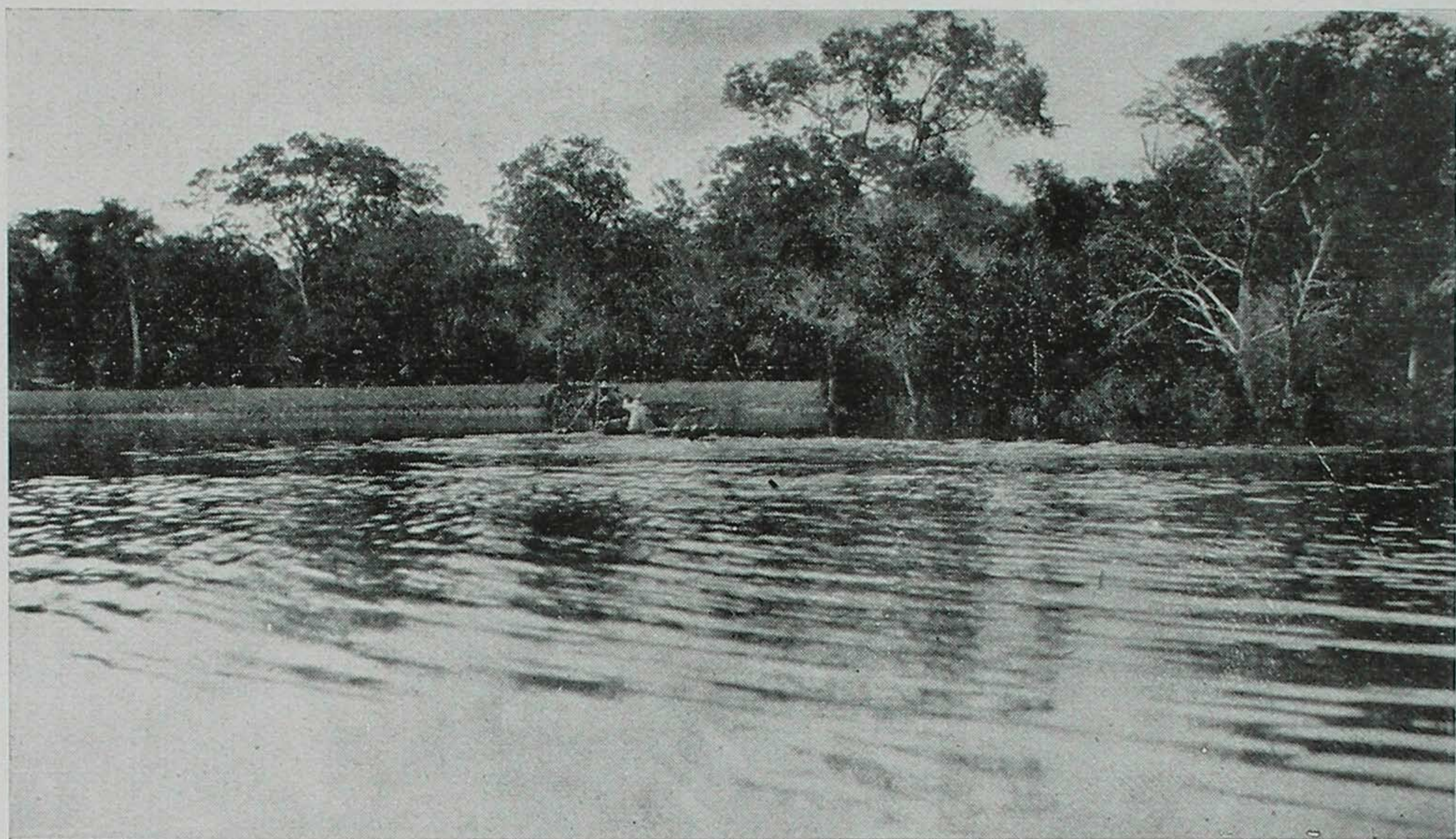


Fig. 51—*Tucabáca*—Travessia do rio Otuques ou Tucabáca durante a cheia. Passam os bois de carga.



Fig. 52—*Tucabáca*—Travessia do rio Otuques ou Tucabáca durante a cheia. Passa a tropa de muares.

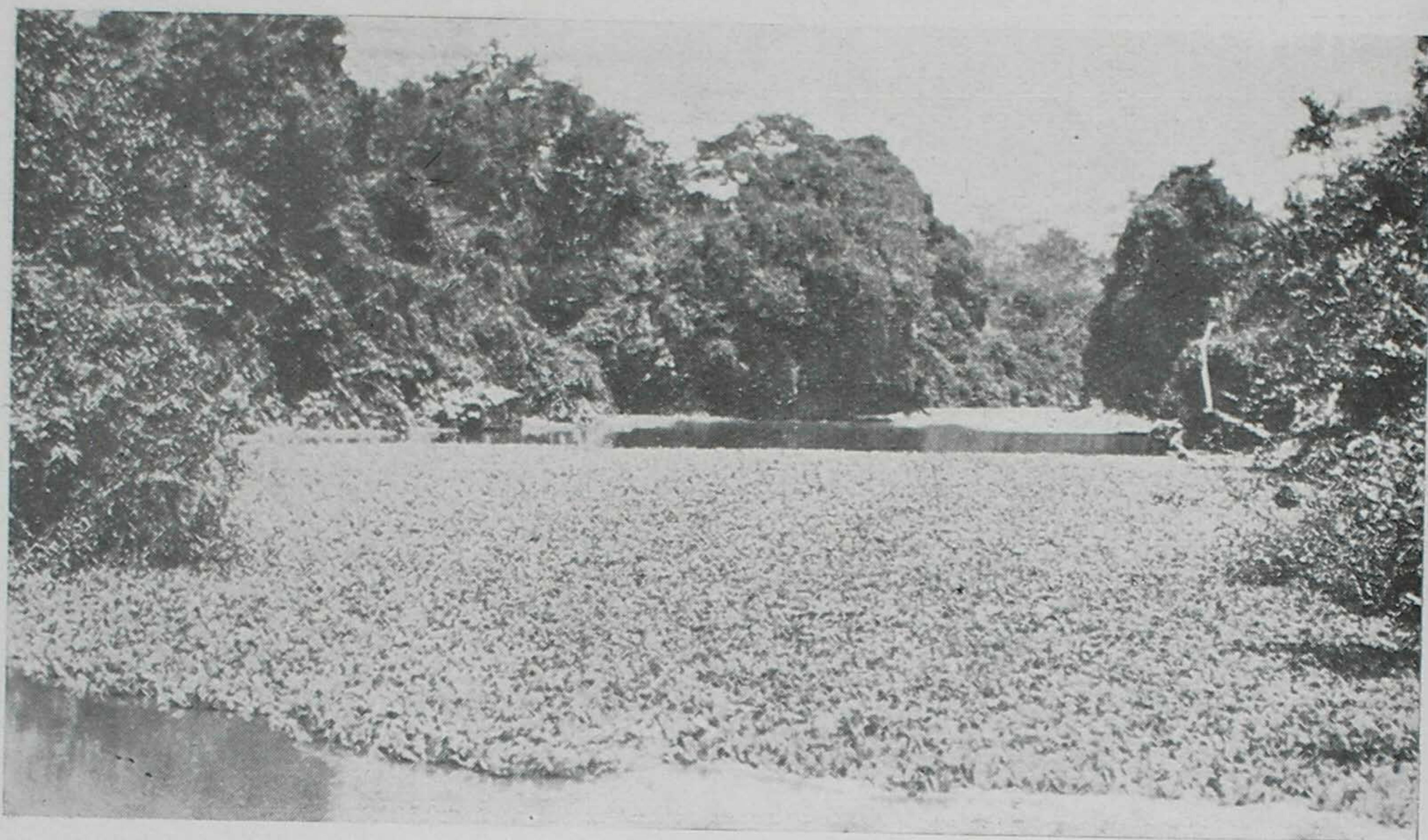


Fig. 53—Tucabáca—Vegetação de *Pistia stratiotes* fechando o rio Otuques ou Tucabáca.

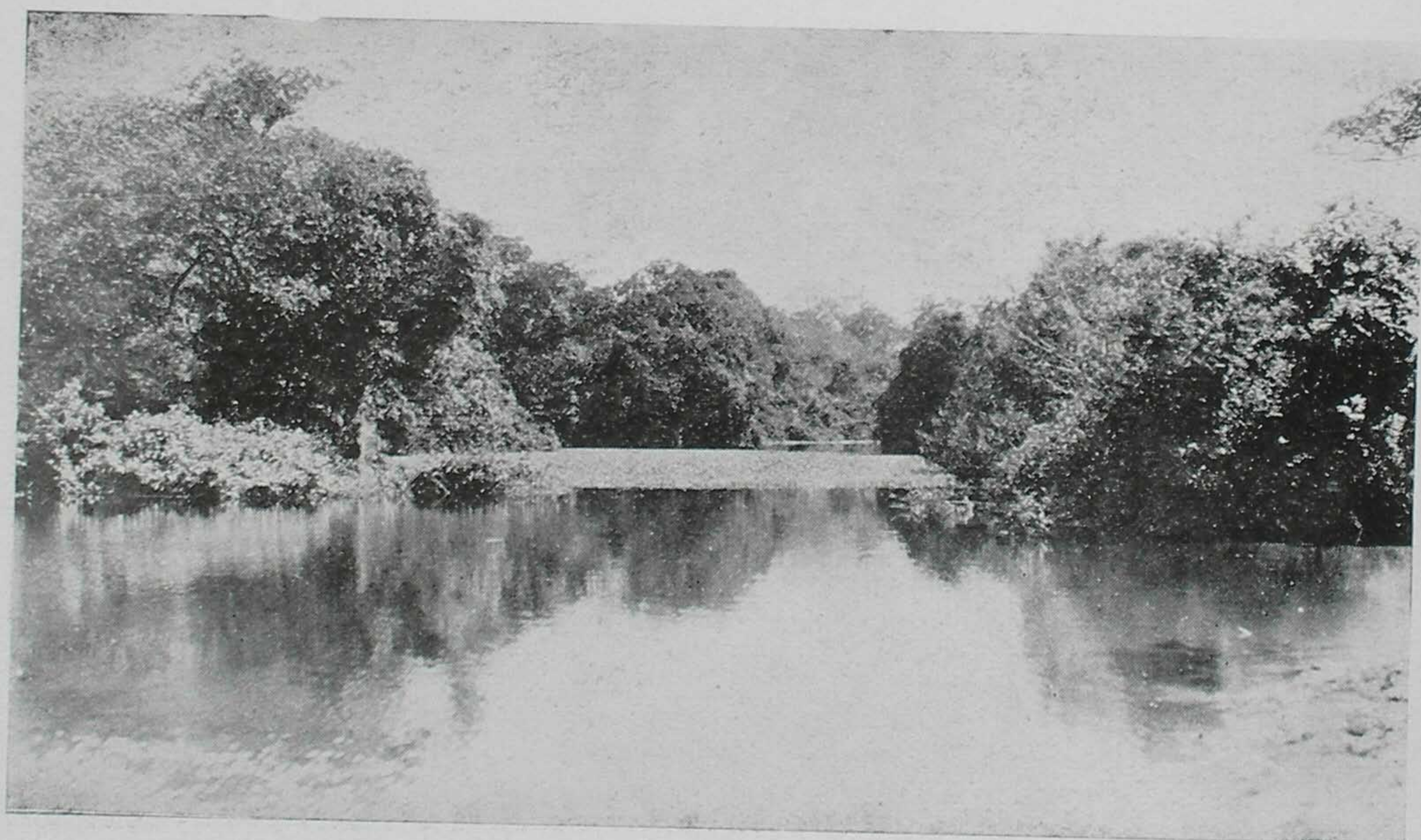


Fig. 54—Tucabáca—Vegetação de *Pistia stratiotes* formando camalotes extensos no rio Otuques ou Tucabáca.

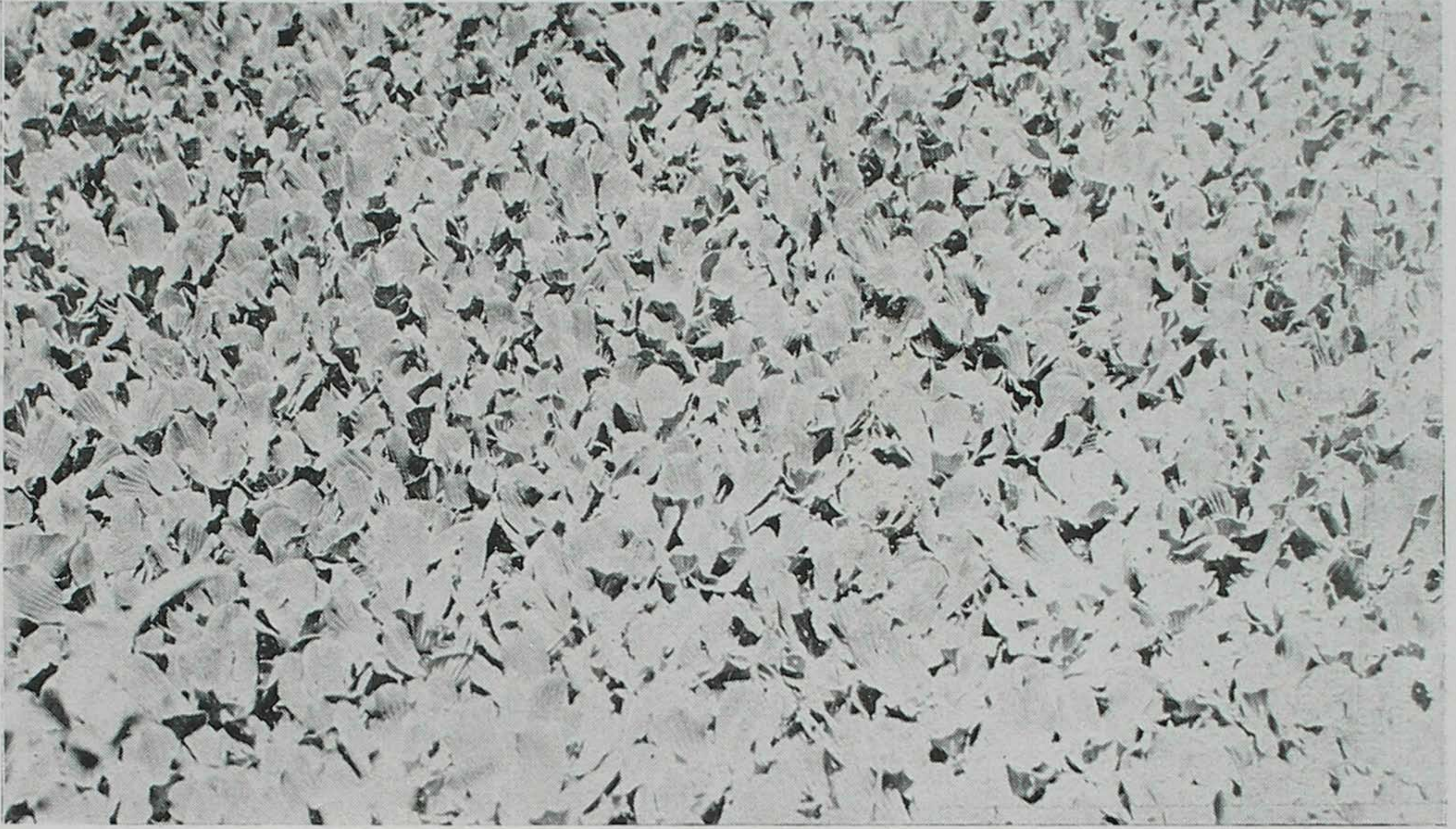


Fig. 55—*Tucabáca*—Vegetação da *Pistia stratiotes* no rio Otuques ou Tucabáca.

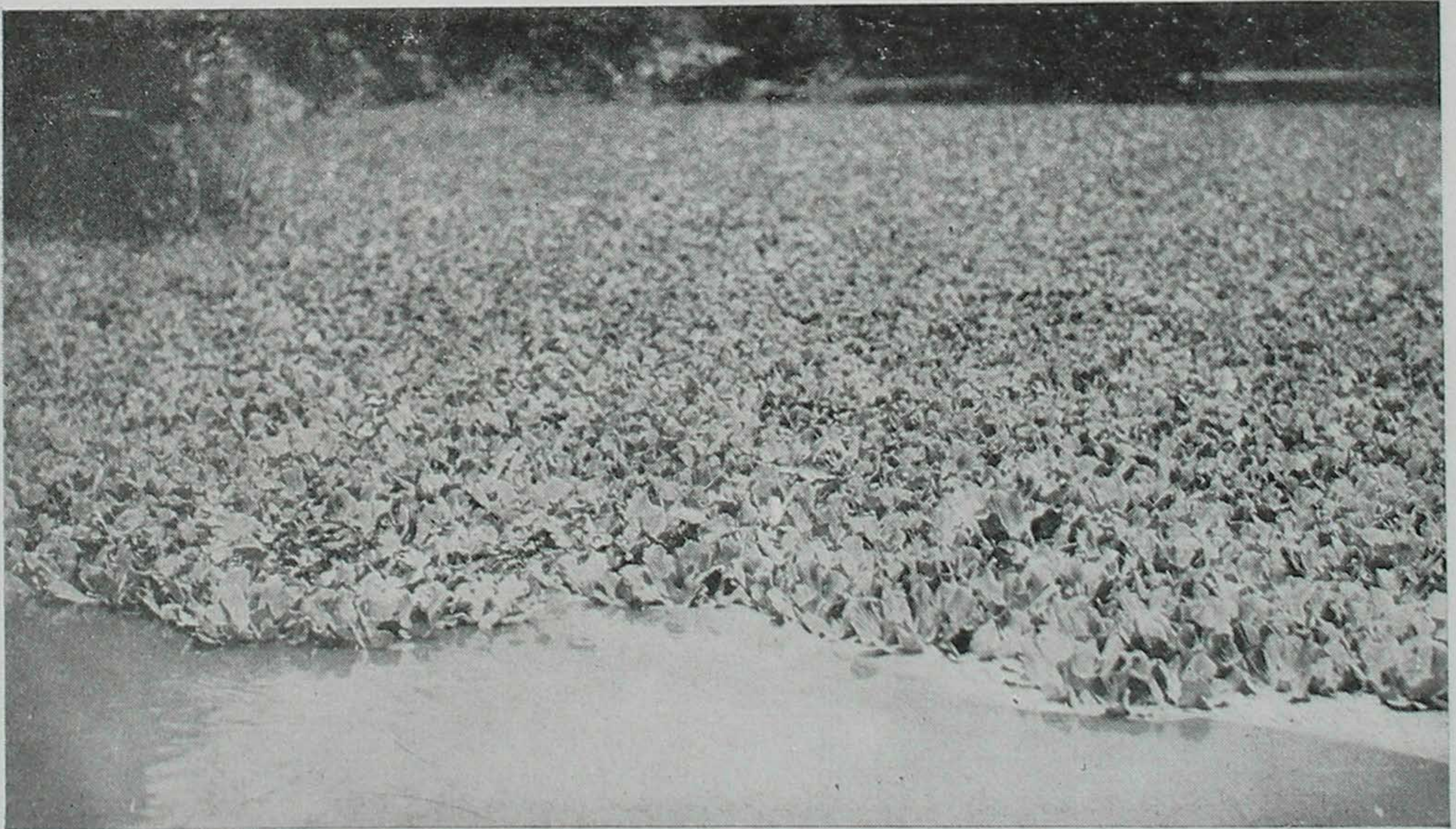


Fig. 56—*Tucabáca*—Vegetação de *Pistia stratiotes* no rio Otuques ou Tucabáca.



Fig. 57—*Tucabáca*—Passo do rio Otuques ou Tucabáca durante a cheia.



Fig. 58—*Tucabáca*—Passo do rio Otuques ou Tucabáca durante a vasante.



Fig. 59—*Santa Ana*—Alpendre que serve de pouso aos viajantes.



Fig. 60—*Tucabáca*—Pouso durante a estadia da Comissão Médica—Vêm-se as rês protegidas por mosquiteiros.

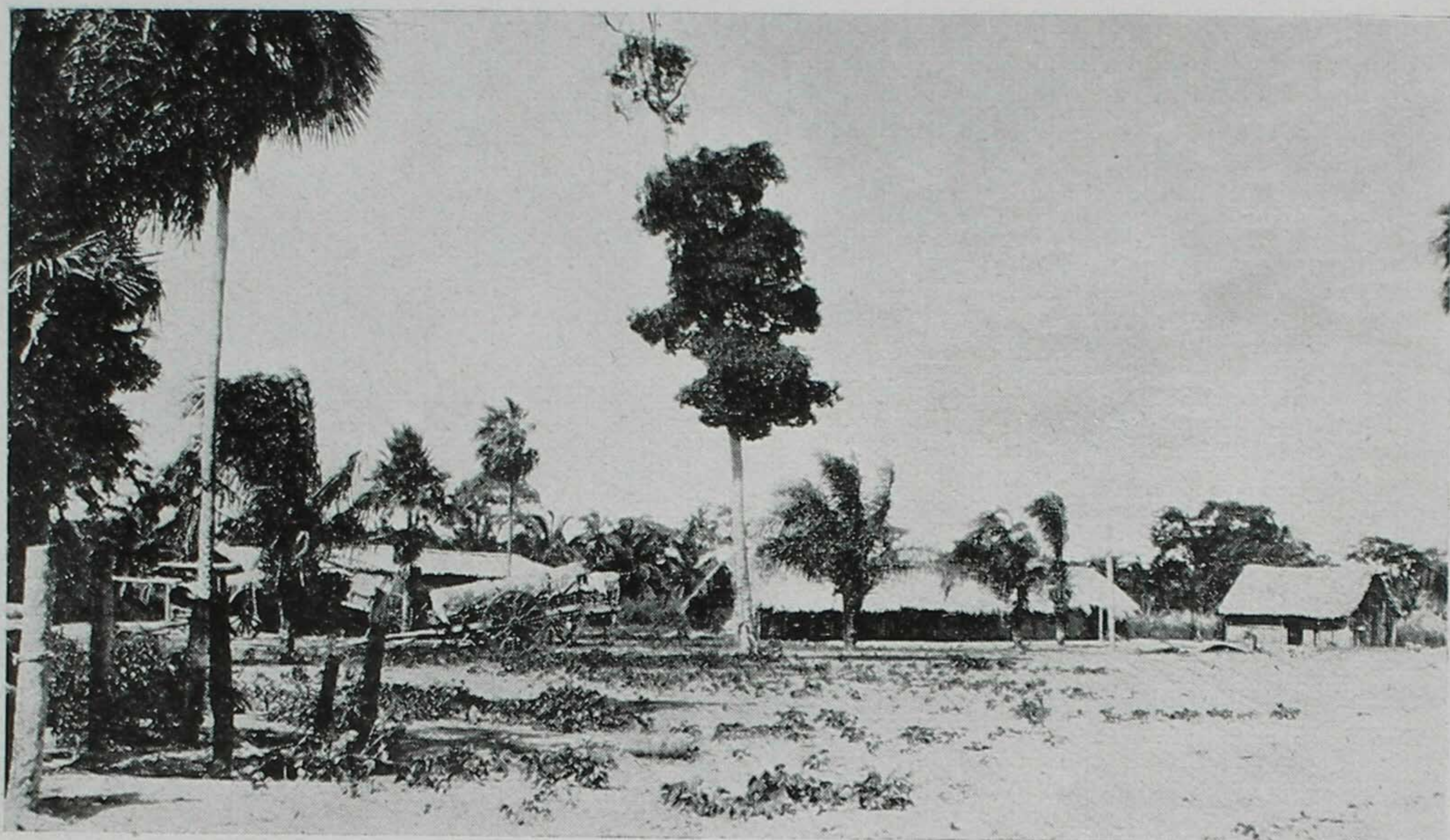


Fig. 61—*Los Naranjos*—Vista da fazenda.

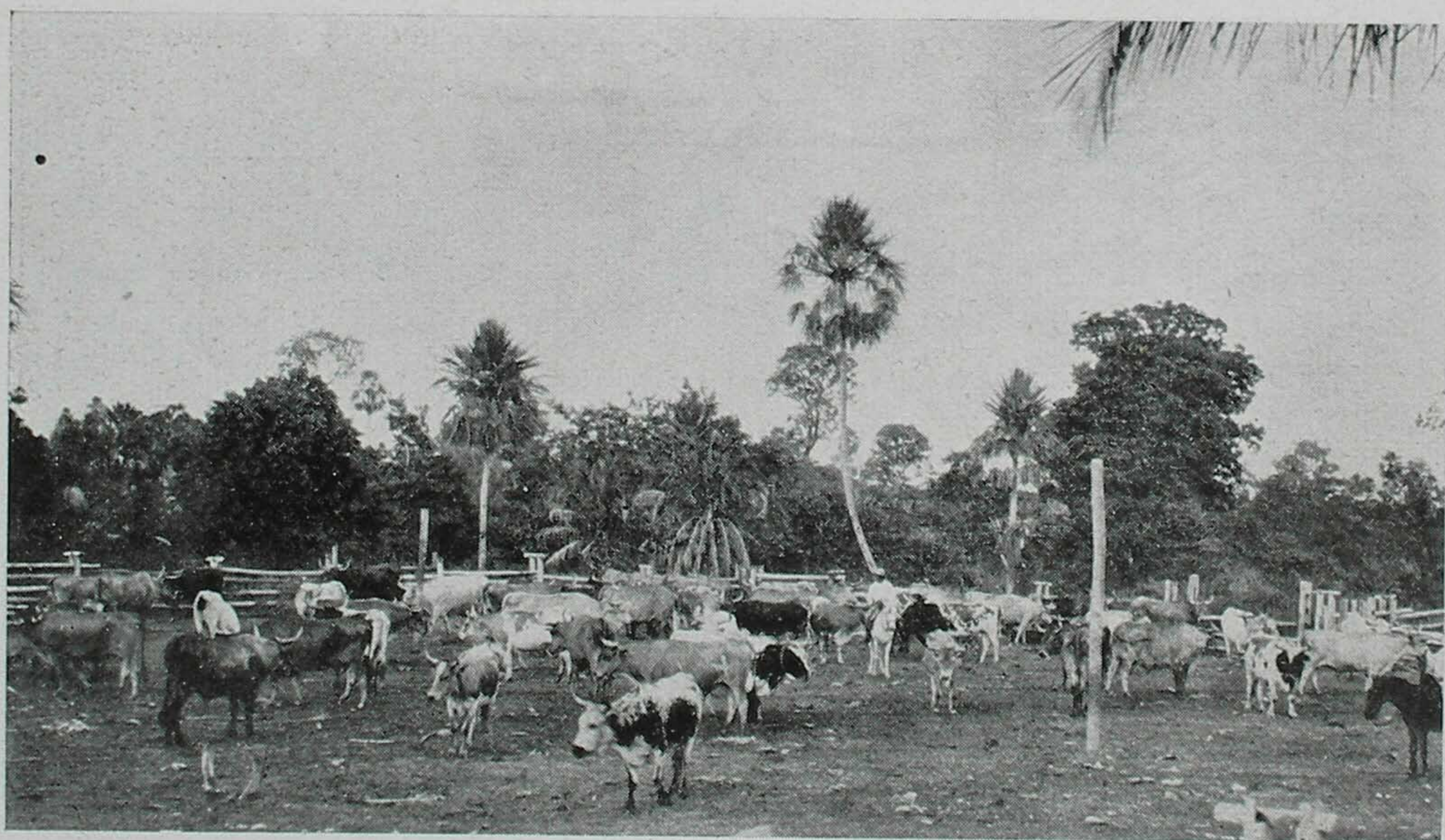


Fig. 62—*Los Naranjos*—Rebanho vaccum.

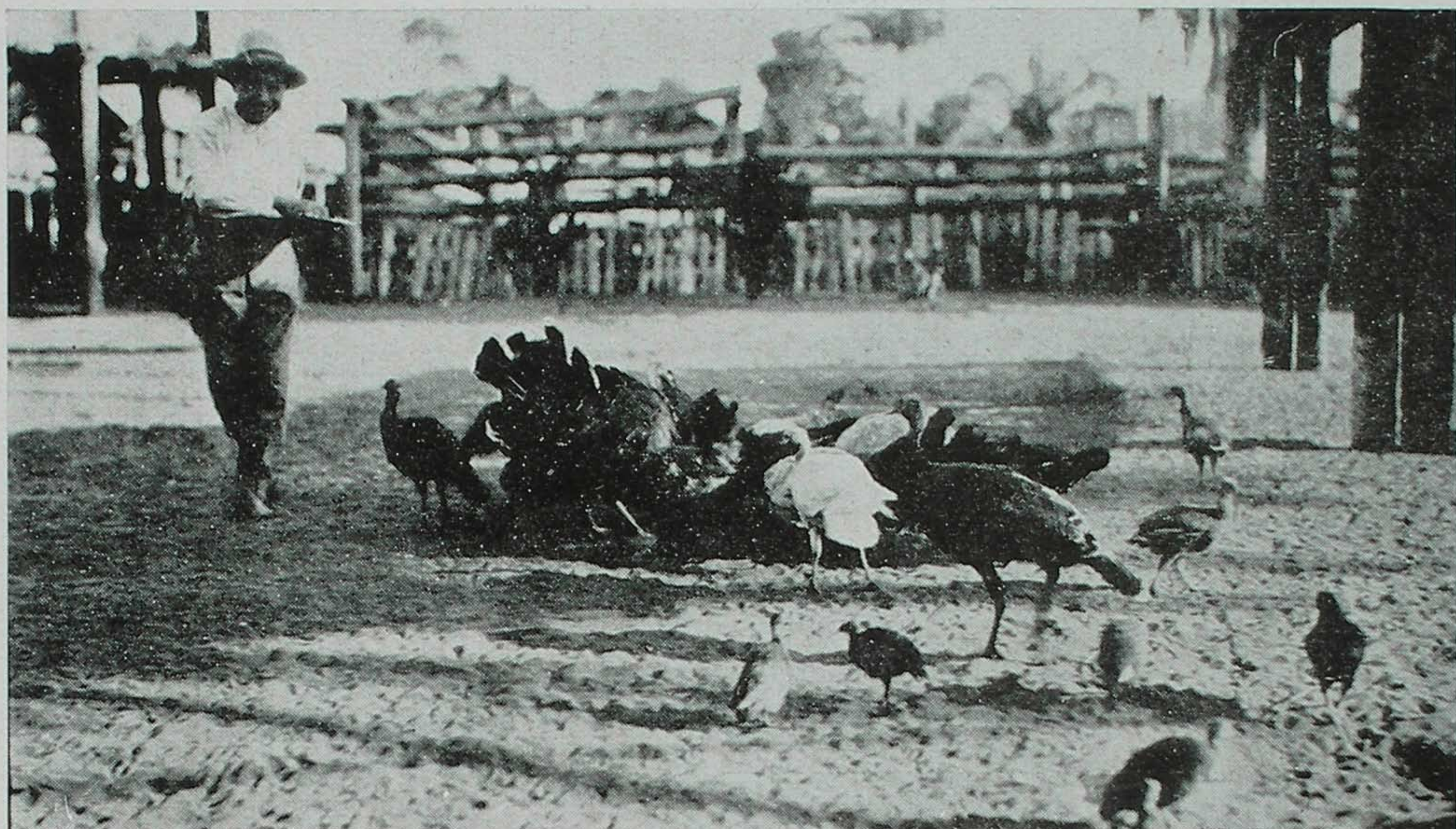


Fig. 63—*Los Naranjos*—Criação de perús.



Fig. 64—*Los Naranjos*—Exemplar de *motacú*.

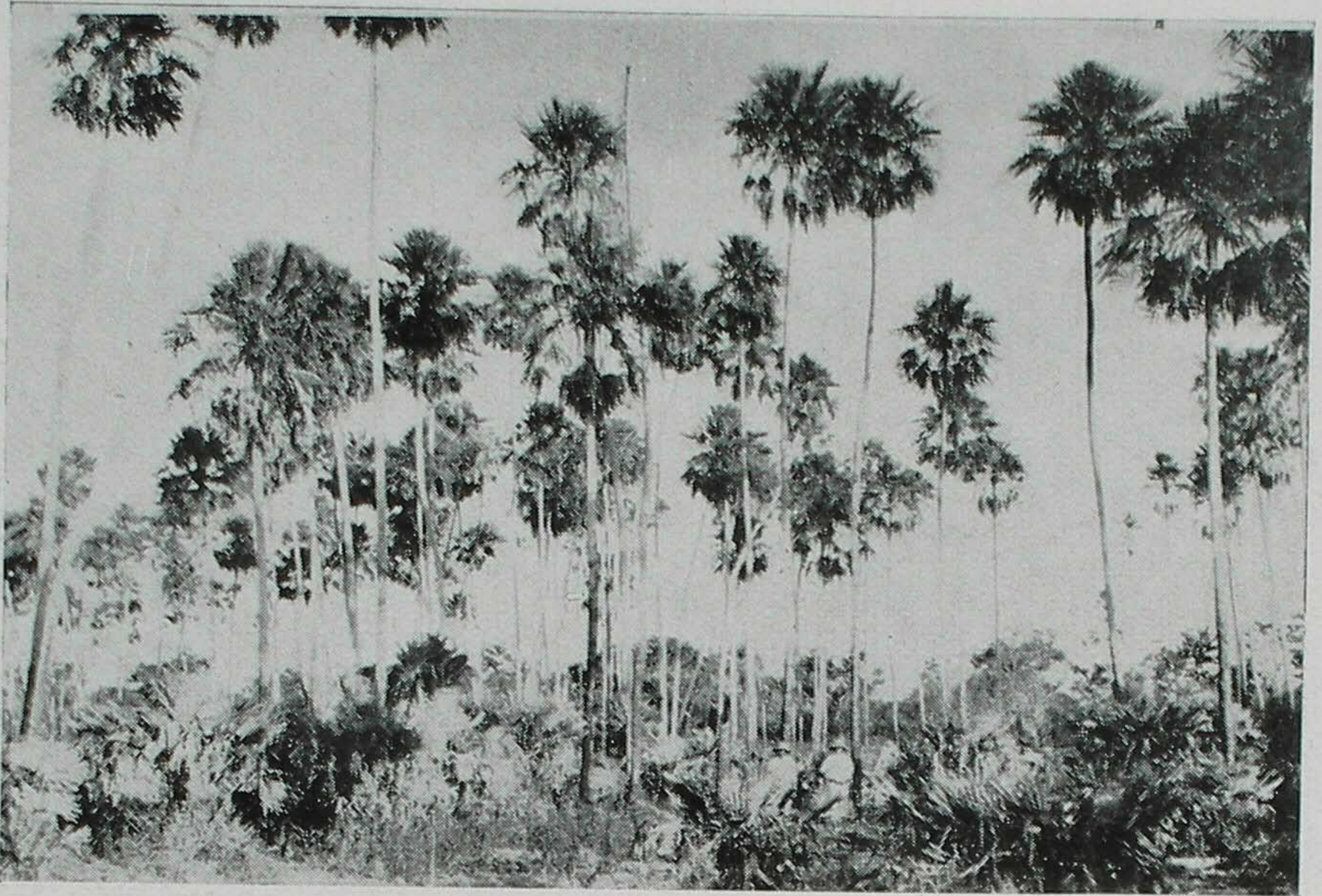


Fig. 65—*Los Naranjos*—Carandasal (*Copernicia australis*).

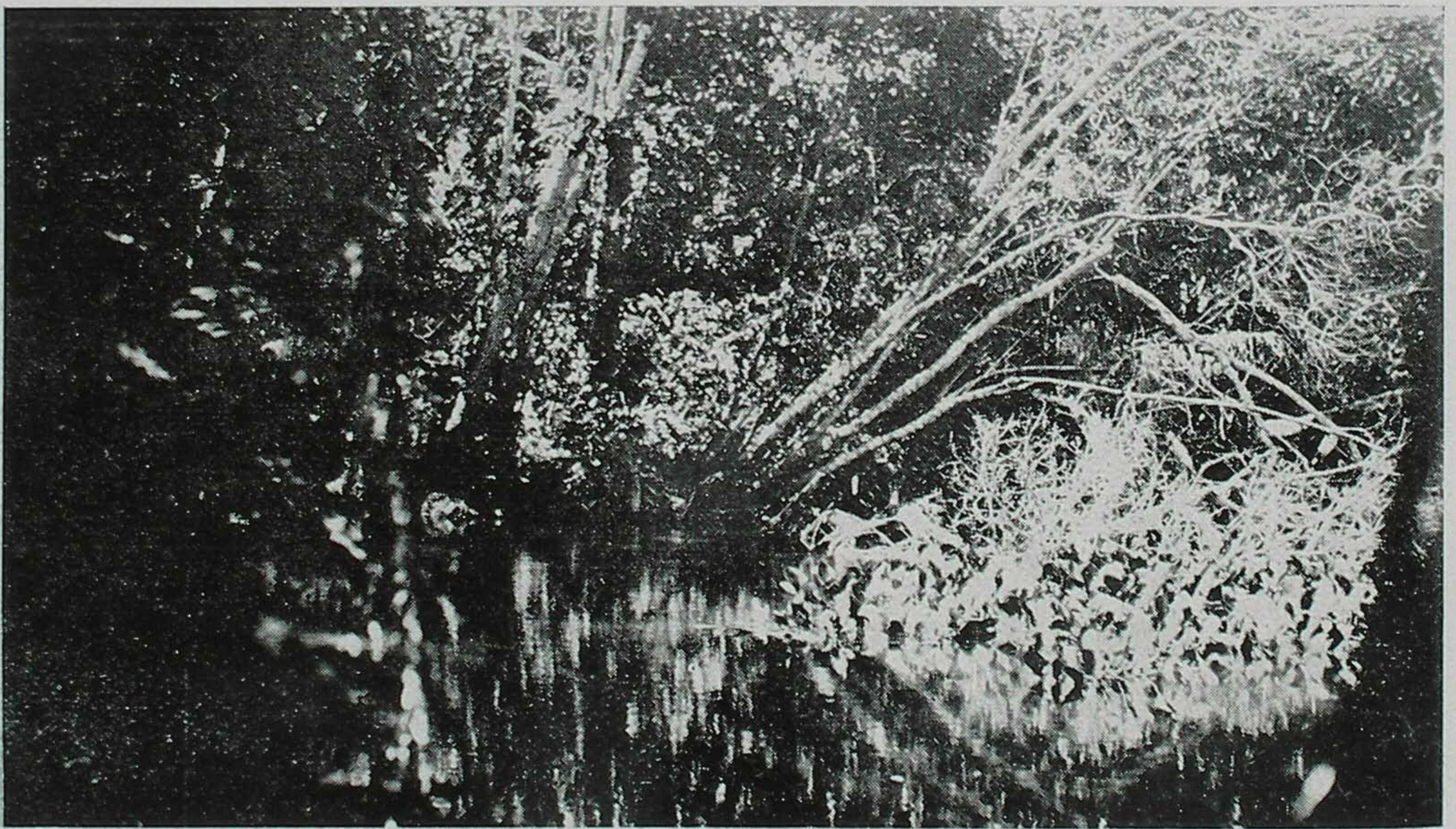


Fig. 66—*Los Naranjos*—Trecho do rio Agua Caliente com vegetação de *Eichhornia*.



Fig. 67—*Los Naranjos*—Rio Agua Caliente.



Fig. 68—*Los Naranjos*—Palmeira motacú atacada por um apuhy (*Urostigma*).



Fig. 69—*San Lorenzo*—O pouso durante a estadia da Comissão Medica.



Fig. 70—*San Lorenzo*—Scena de acampamento. O peão á esquerda tem as pernas guarnecidas pelas *botas* de couro.



Fig. 71—*Agua Caliente*—Vista das nascentes ou *hervores*.



Fig. 72—*Agua Caliente*—A lagôa de agua quente sobre a qual quasi constantemente paira uma nuvem de vapor.
(Photo Wulfes).



Fig. 73—*Agua Caliente*—Outra vista da lagoa de agua quente.

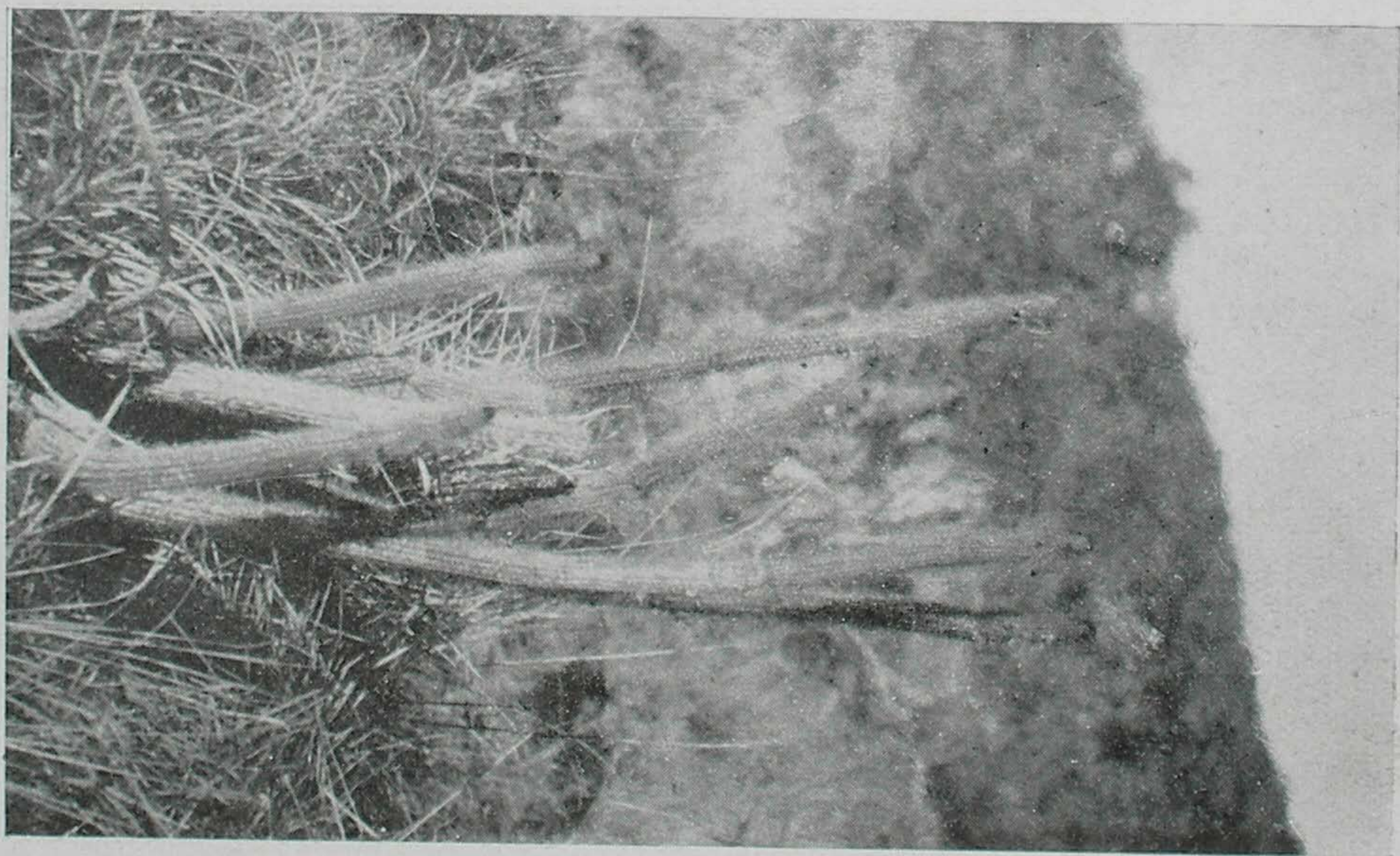


Fig. 74—*Santiago de Chiquitos*—Cactaceas na serra.

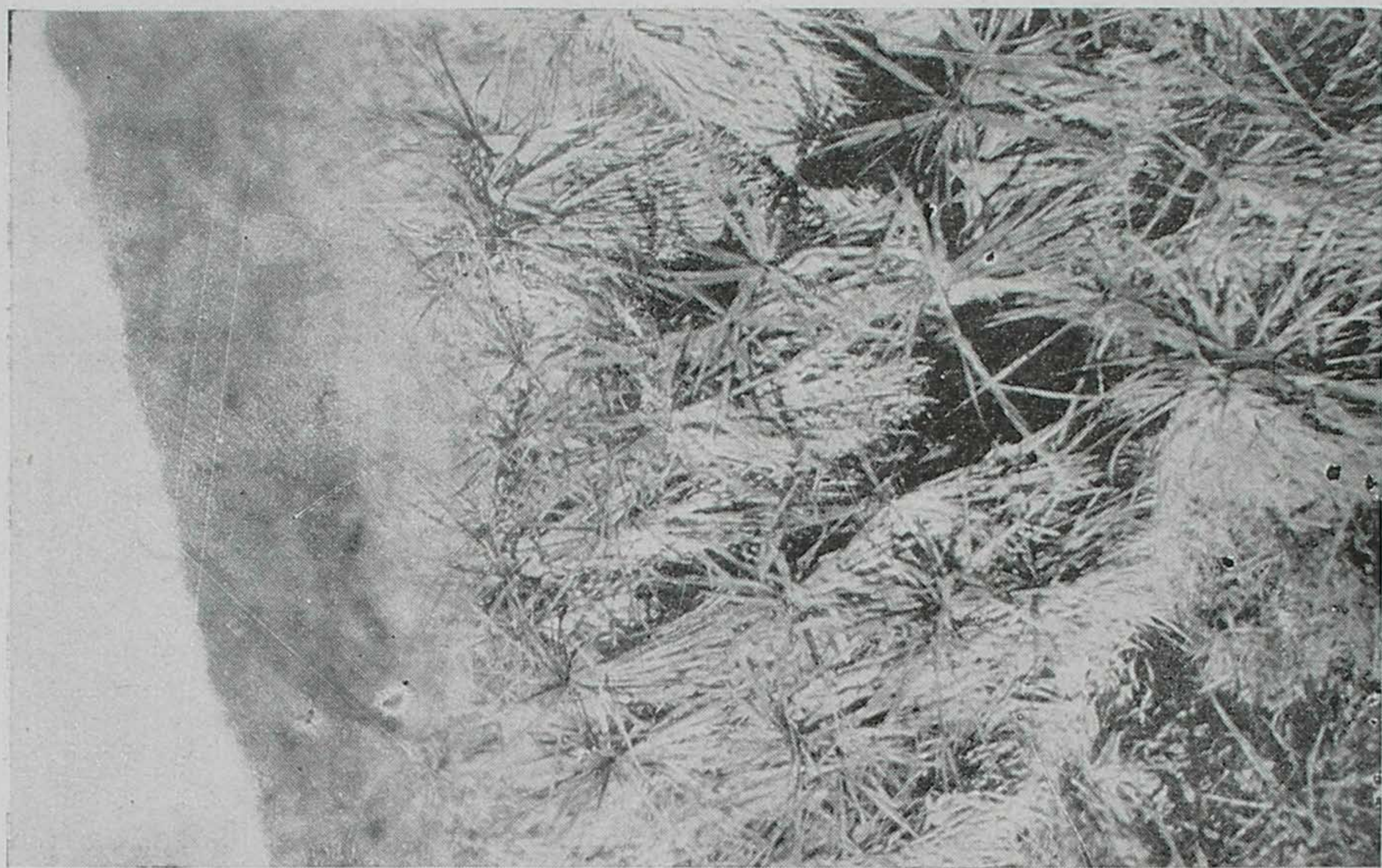


Fig 75—Santiago de Chiquitos—Vellosiaceas na serra

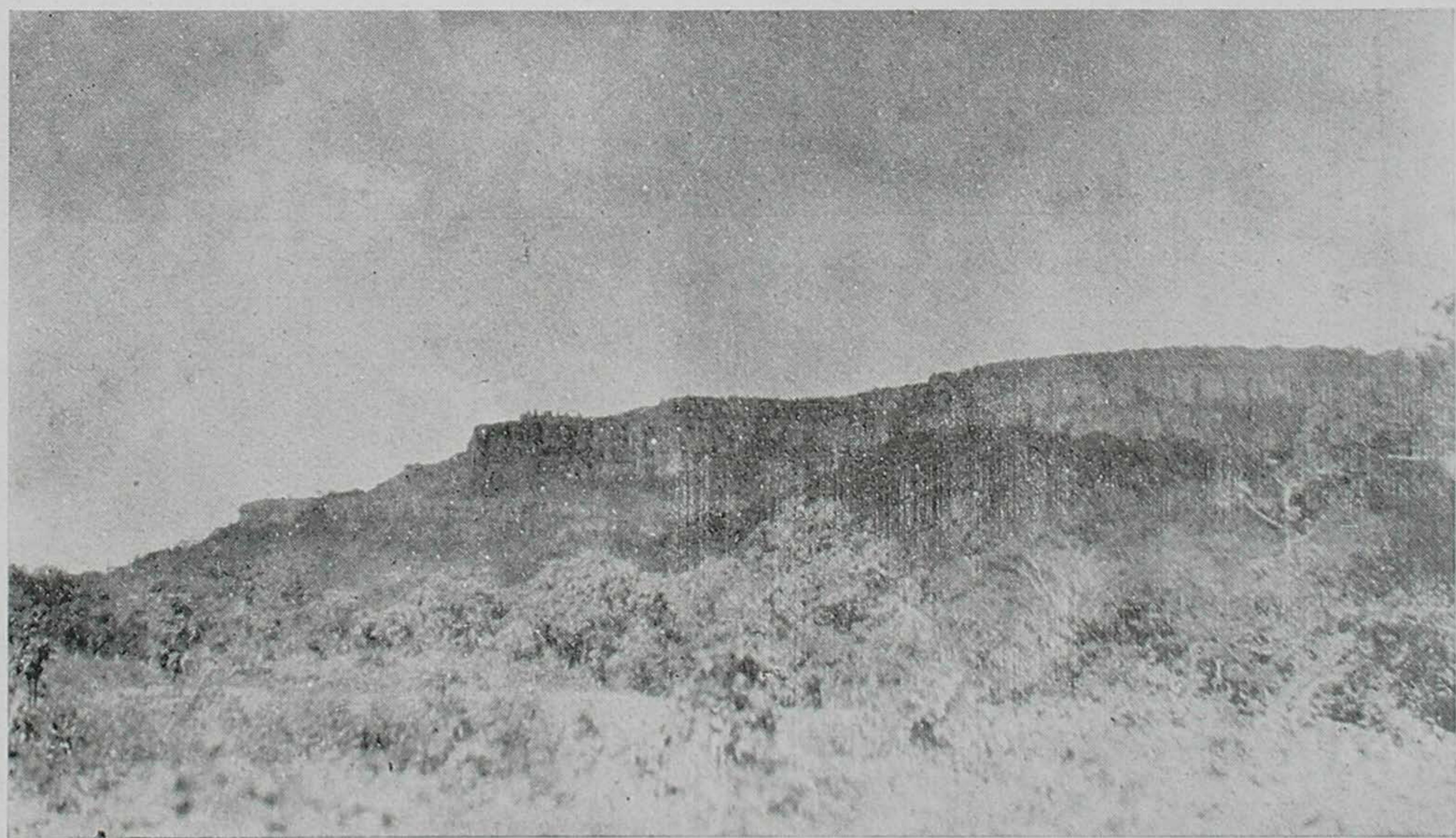


Fig. 76—Santiago de Chiquitos—A serra.

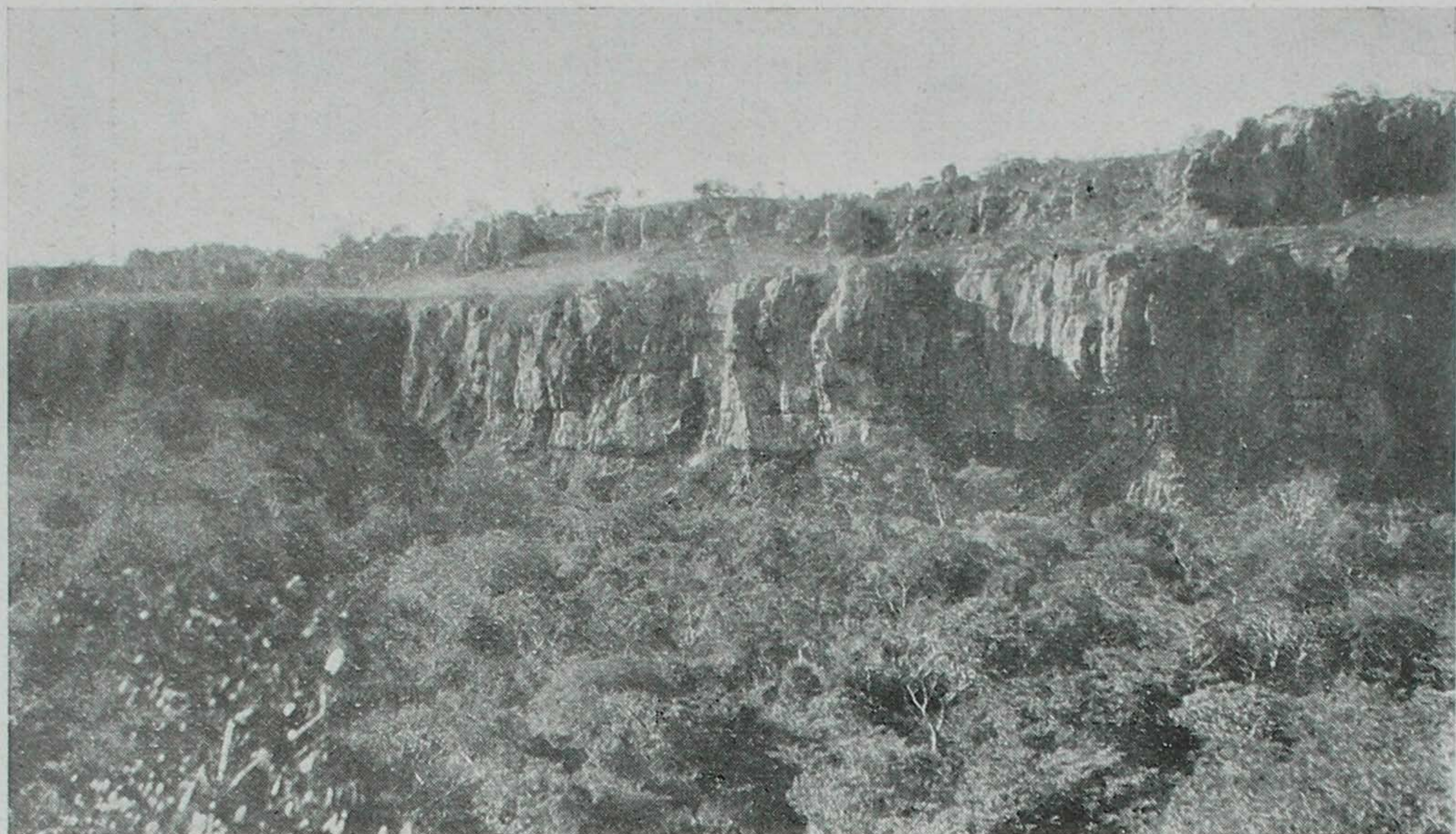


Fig. 77—*Santiago de Chiquitos*—A serra.

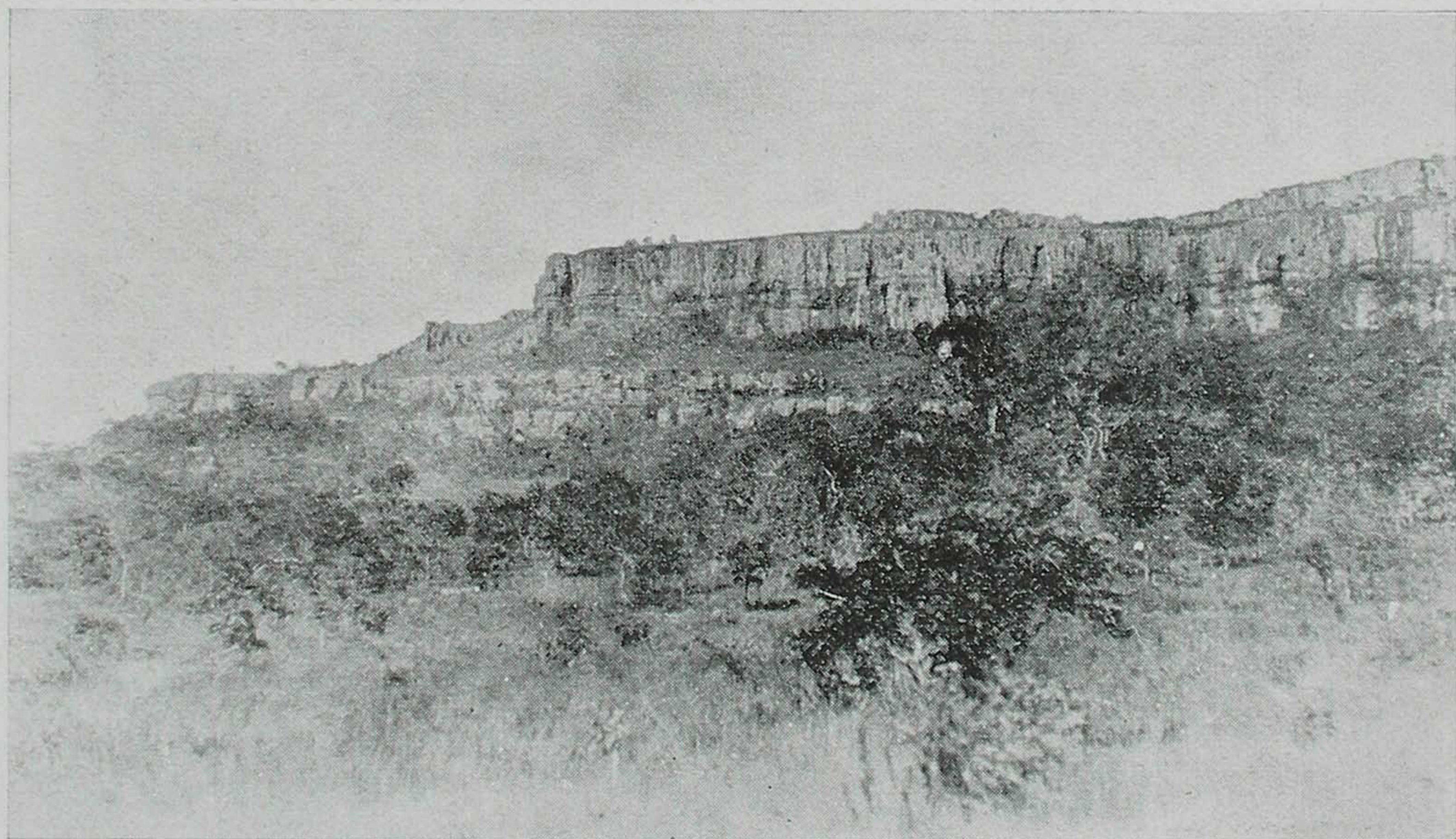


Fig. 78—*Santiago de Chiquitos*—A serra.

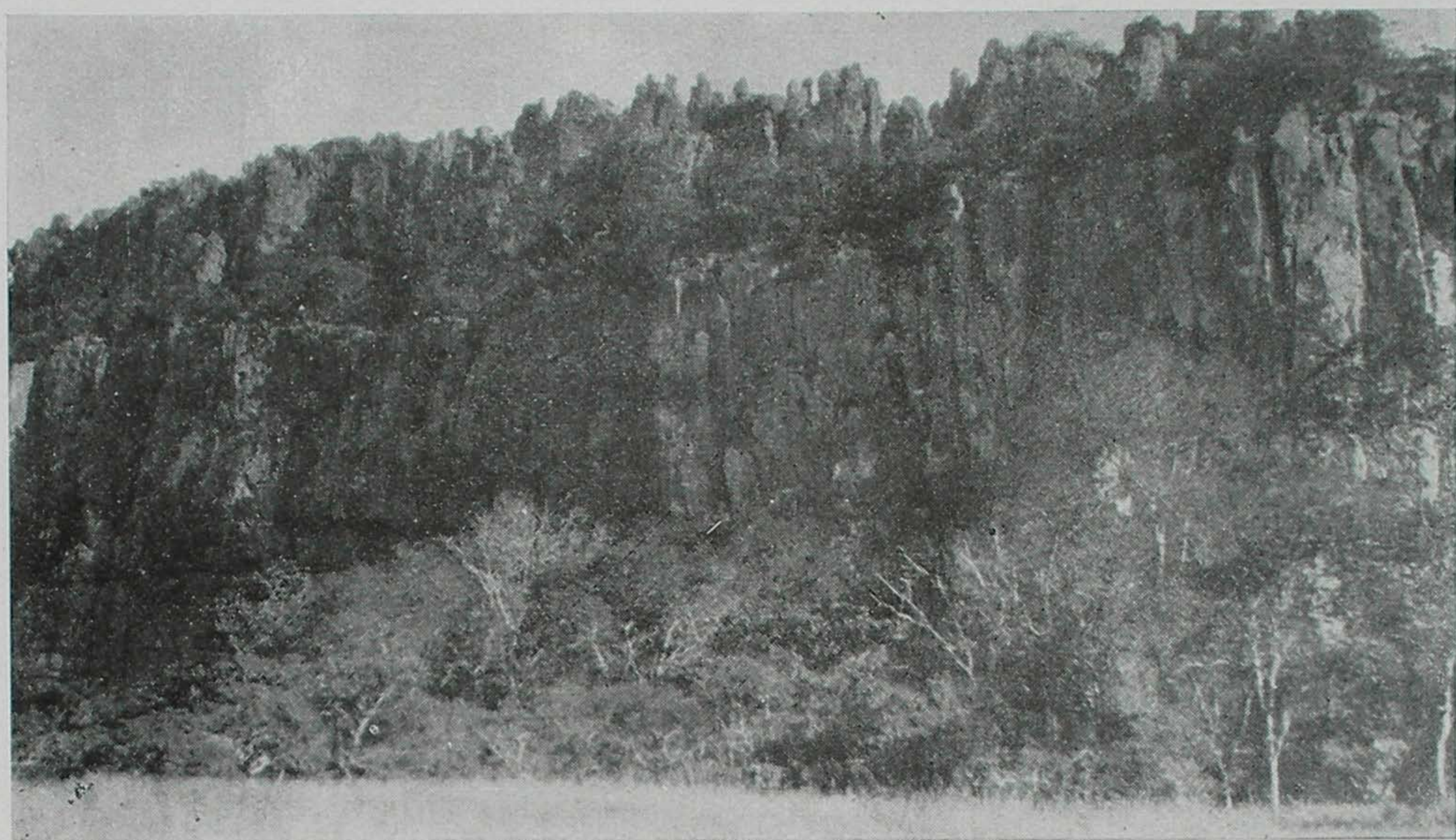


Fig. 79—*Santiago de Chiquitos*—A serra.



Fig. 80—*Santiago de Chiquitos*—A serra.

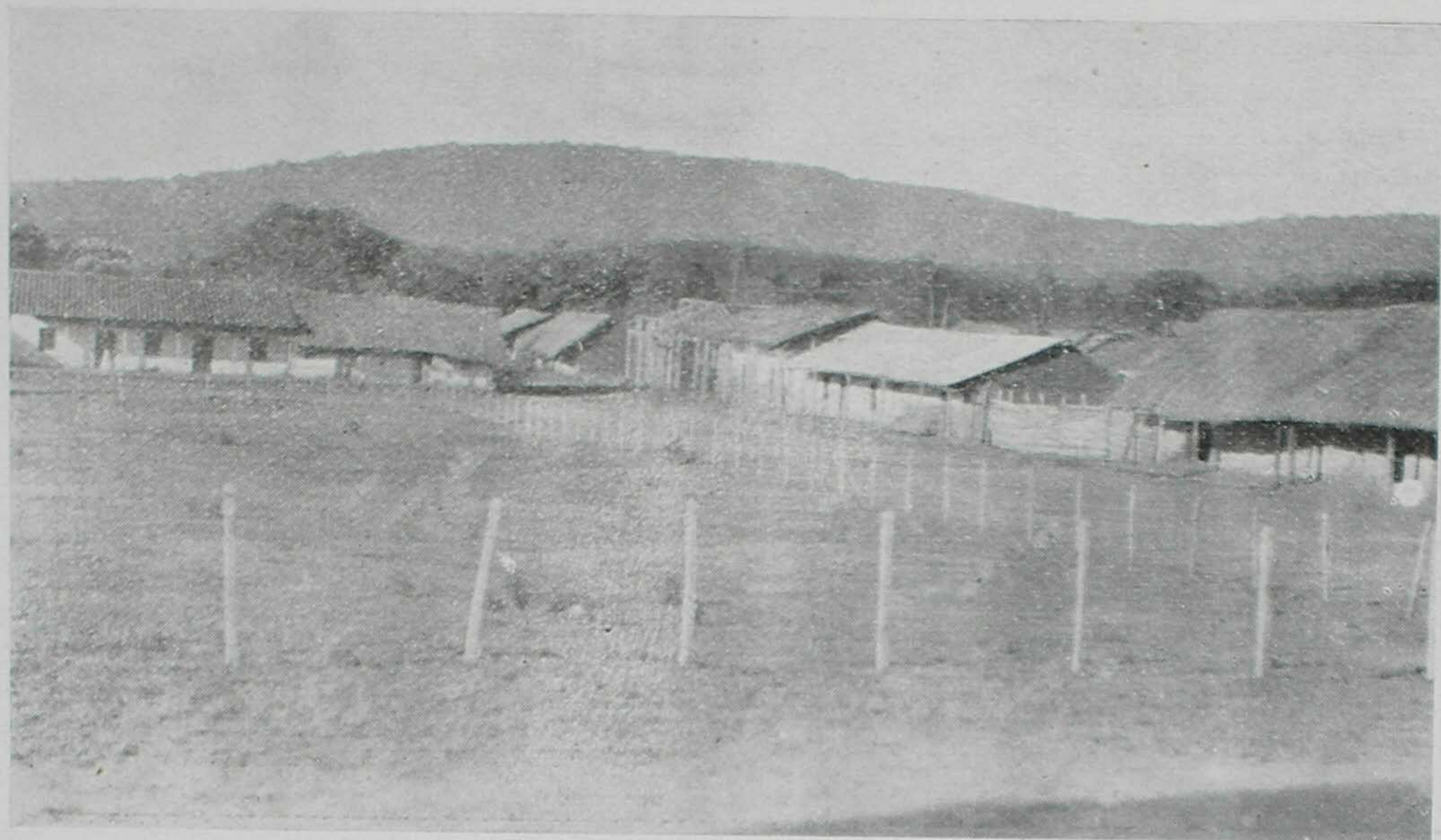


Fig. 81—*Santiago de Chiquitos*—Uma vista do povoado e da praça central.



Fig. 82—*Santiago de Chiquitos*—Vista do povoado.



Fig. 83—*Santiago de Chiquitos*—Festa da Candelaria. Prestito. Ao som de flauta e tambôr marcham e dansam os indios.



Fig. 84—*Santiago de Chiquitos*—Festa da Candelaria. O cacique distribue aguardente num intervallo entre as dansas.

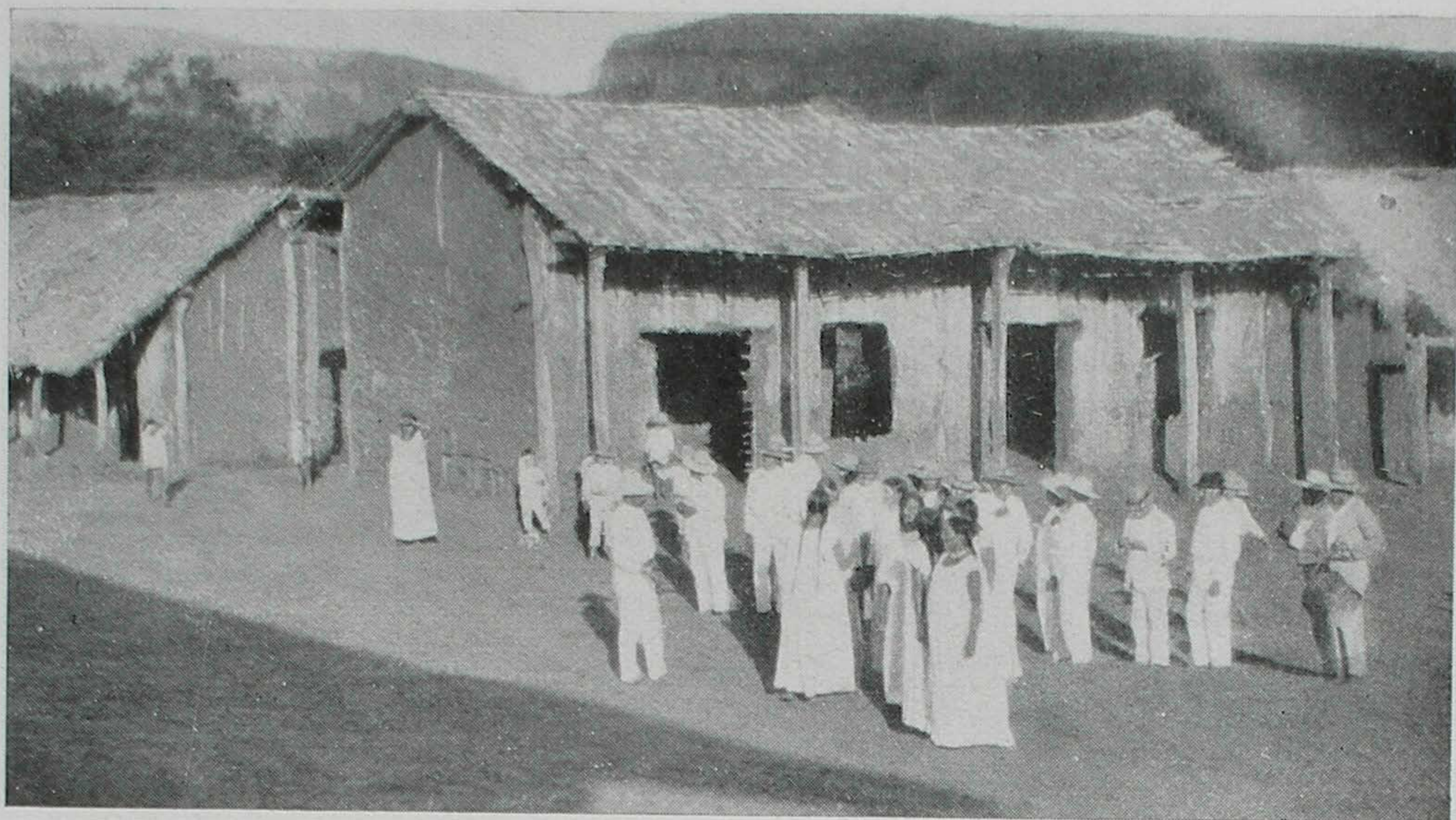


Fig. 85—*Santiago de Chiquitos*—Festa da Candelaria.



Fig. 86—*Santiago de Chiquitos*—Festa da Candelaria. Dansando a *chovena* ou *taquirári*.

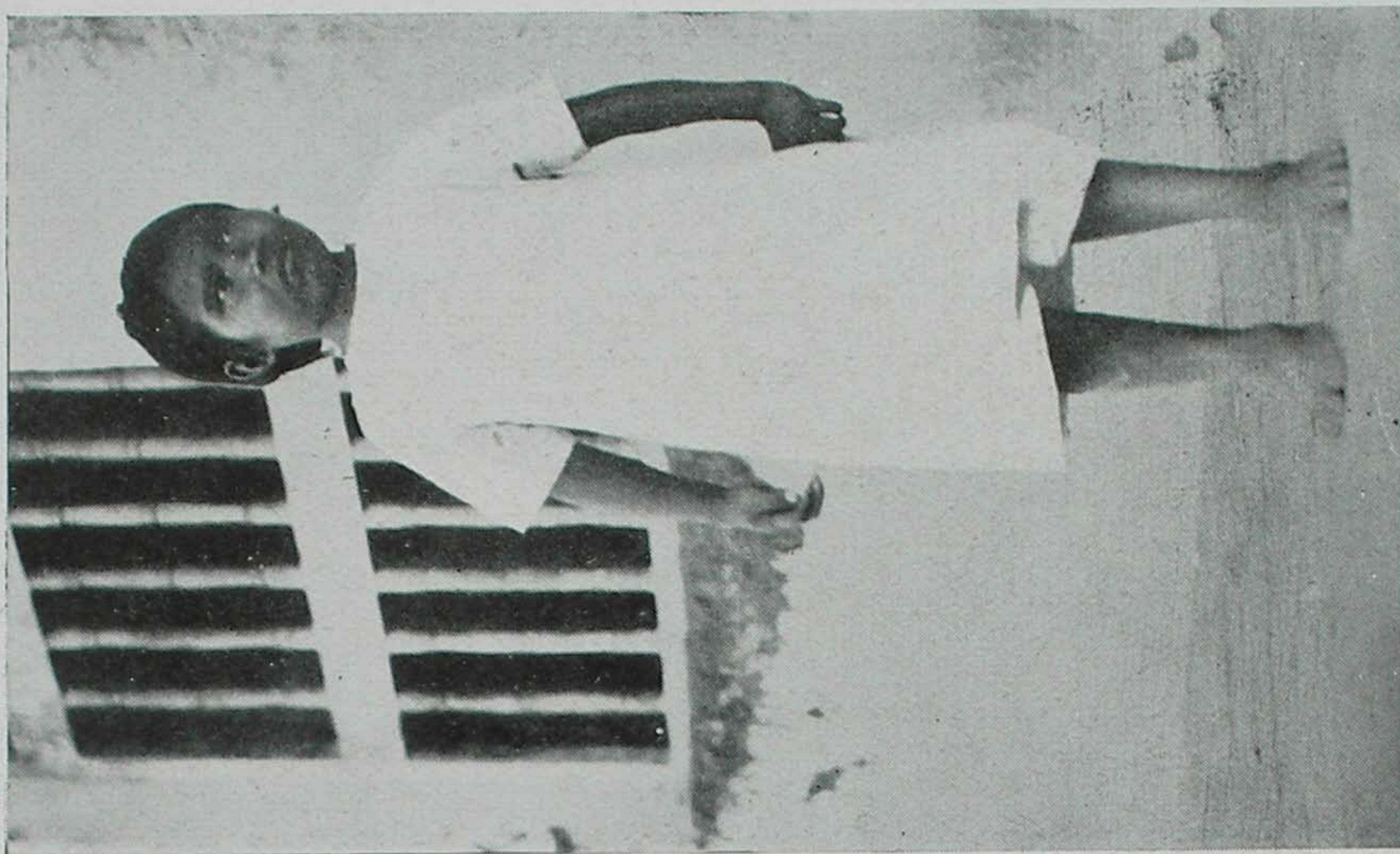


Fig. 87—Santiago de Chiquitos—Pequena india capturada durante um ataque de indios potorerros.



Fig. 88—Santiago de Chiquitos—Dansando a chovena ou taquirári.

Fig. 89—*Los Troncos*—Exemplar de *Cereus peruvianus*.



Fig. 90—*Los Troncos*—Palmeiras motacú.



Fig. 91—*Los Troncos*—Casas da fazenda.



Fig. 92—*Los Troncos*—Dependencias da fazenda.

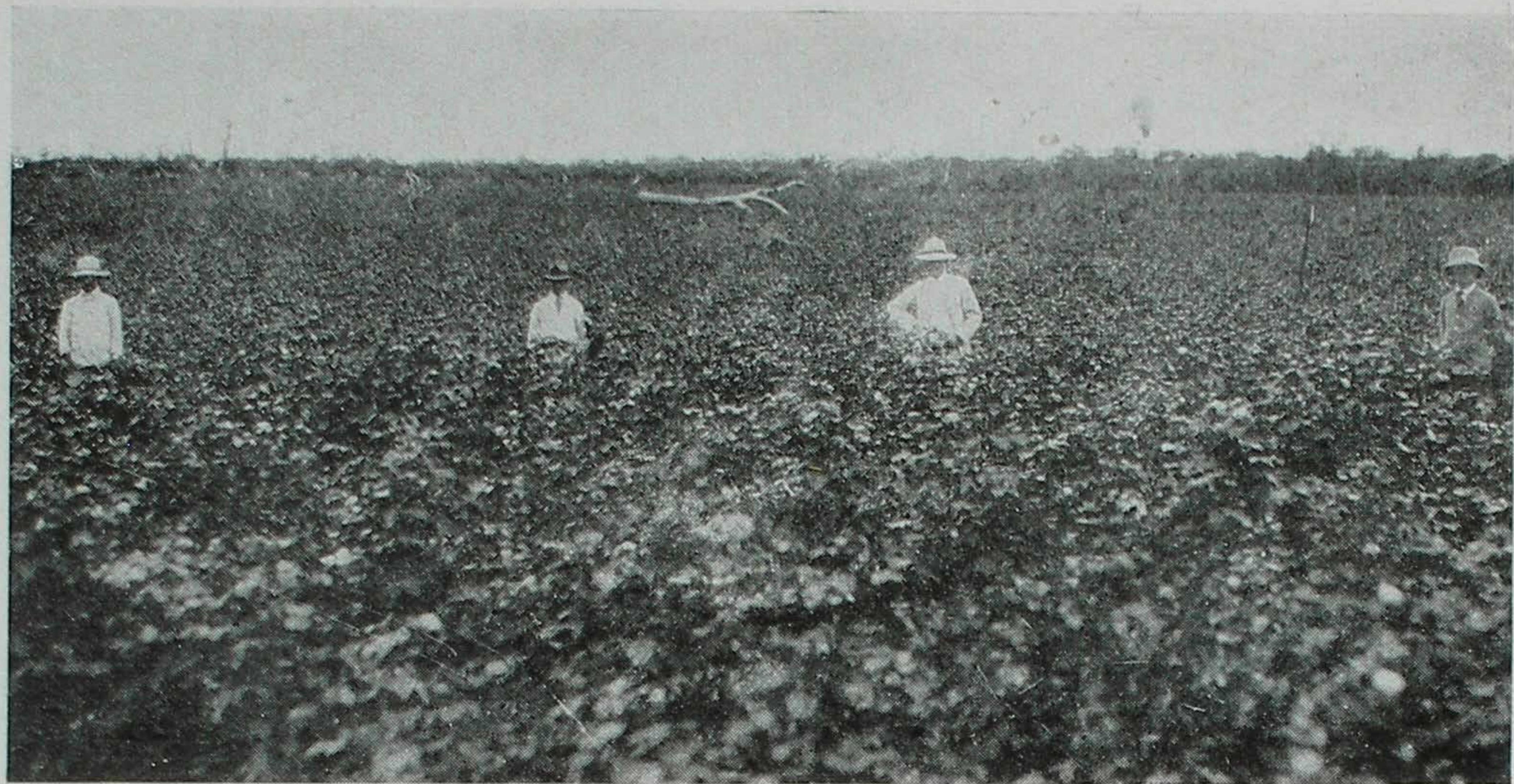


Fig. 93—*Los Troncos*—Plantação de algodão.



Fig. 94—*Los Troncos*—Oração junto ao Cruzeiro durante as festas do Carnaval.



Fig. 95—*Los Troncos*—Antes do combate simulado os indios armados de arco e flechas rezam junto ao Cruzeiro no dia de Carnaval.



Fig. 96—*Los Troncos*—Durante as festas do Carnaval, oração junto ao Cruzeiro.

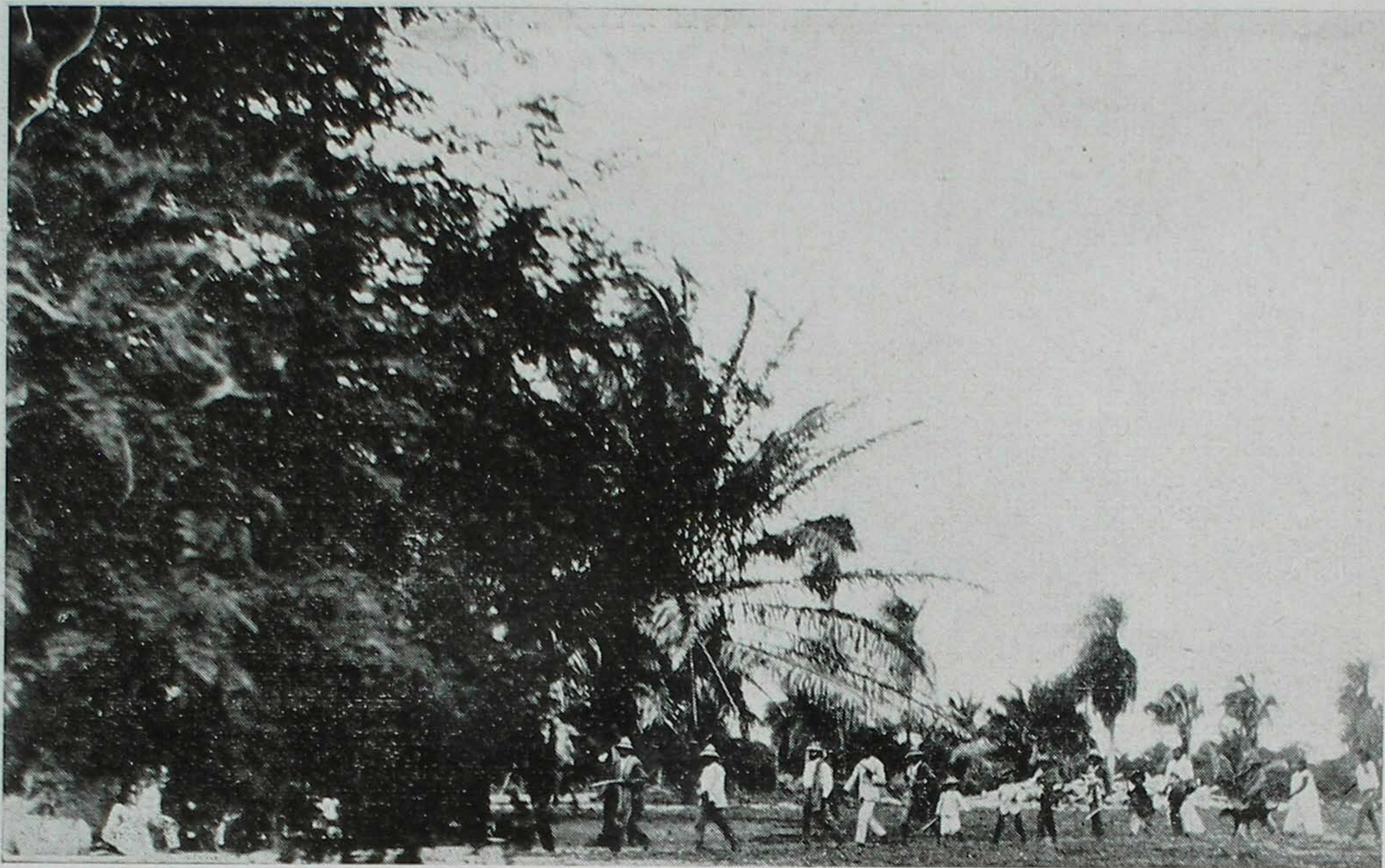


Fig. 97—*Los Troncos*—Prestito ou *comparsa* antes do combate simulado ou *butucúm*.



Fig. 98—*Los Troncos*—Scenas do combate simulado (*bucutúm*) entre indios, durante as festas do Carnaval.



Fig. 99—*Los Troncos*—Scenas do combate simulado (*butucúm*) entre indios durante as festas do Carnaval. O personagem a esquerda, de bastão, é um dos que dirigem a lucta.



Fig. 100—*Los Troncos*—Scenas do combate simulado (*butucúm*) durante as festas do Carnaval.



Fig. 101—*Los Troncos*—Desfile depois do *butucúm*, nos festejos do Carnaval.



Fig. 102—*Los Troncos*—O almoço depois do combate simulado.

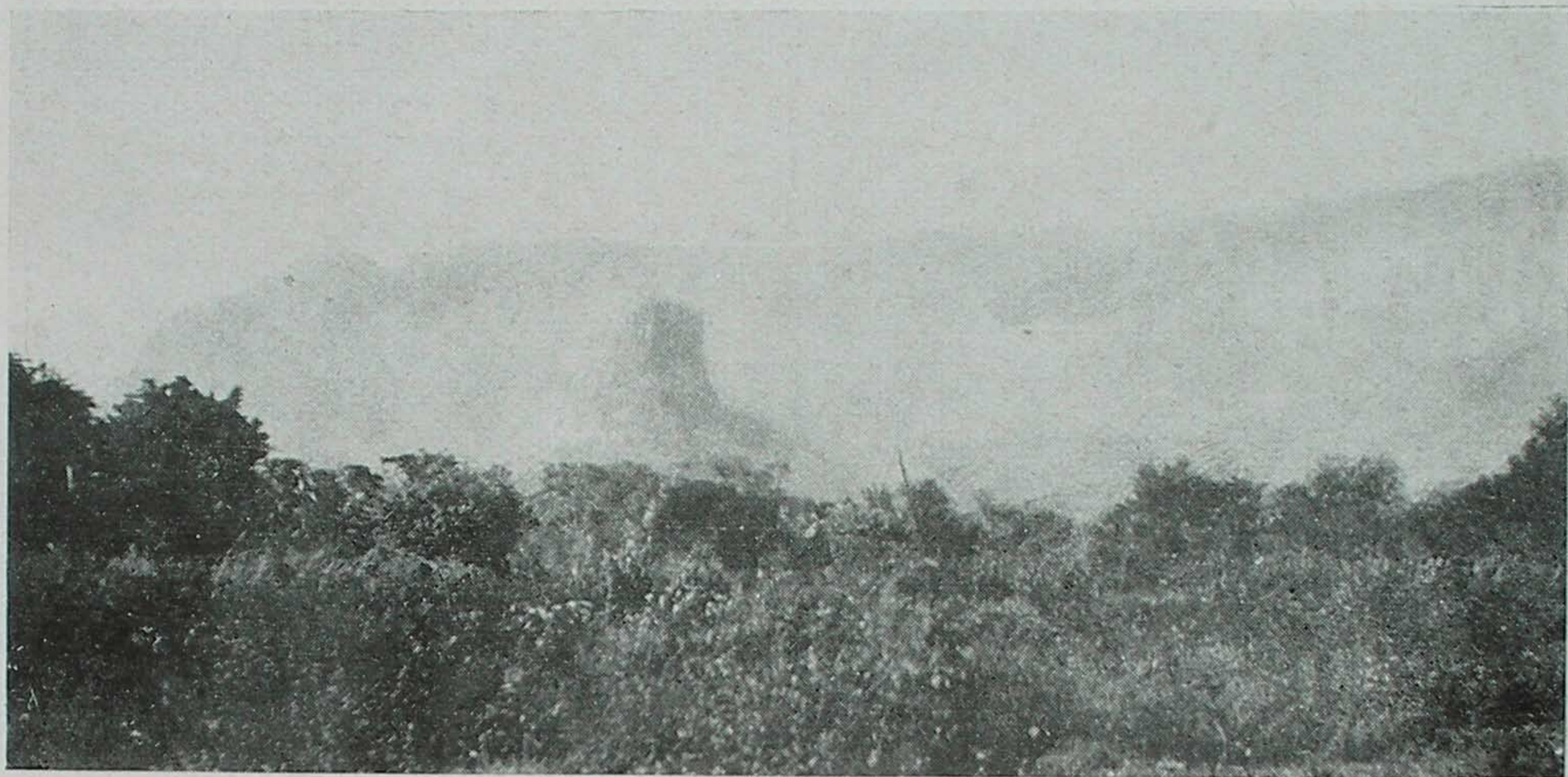


Fig. 103—*Colonia 6 de Outubro*—Vista para a serra.

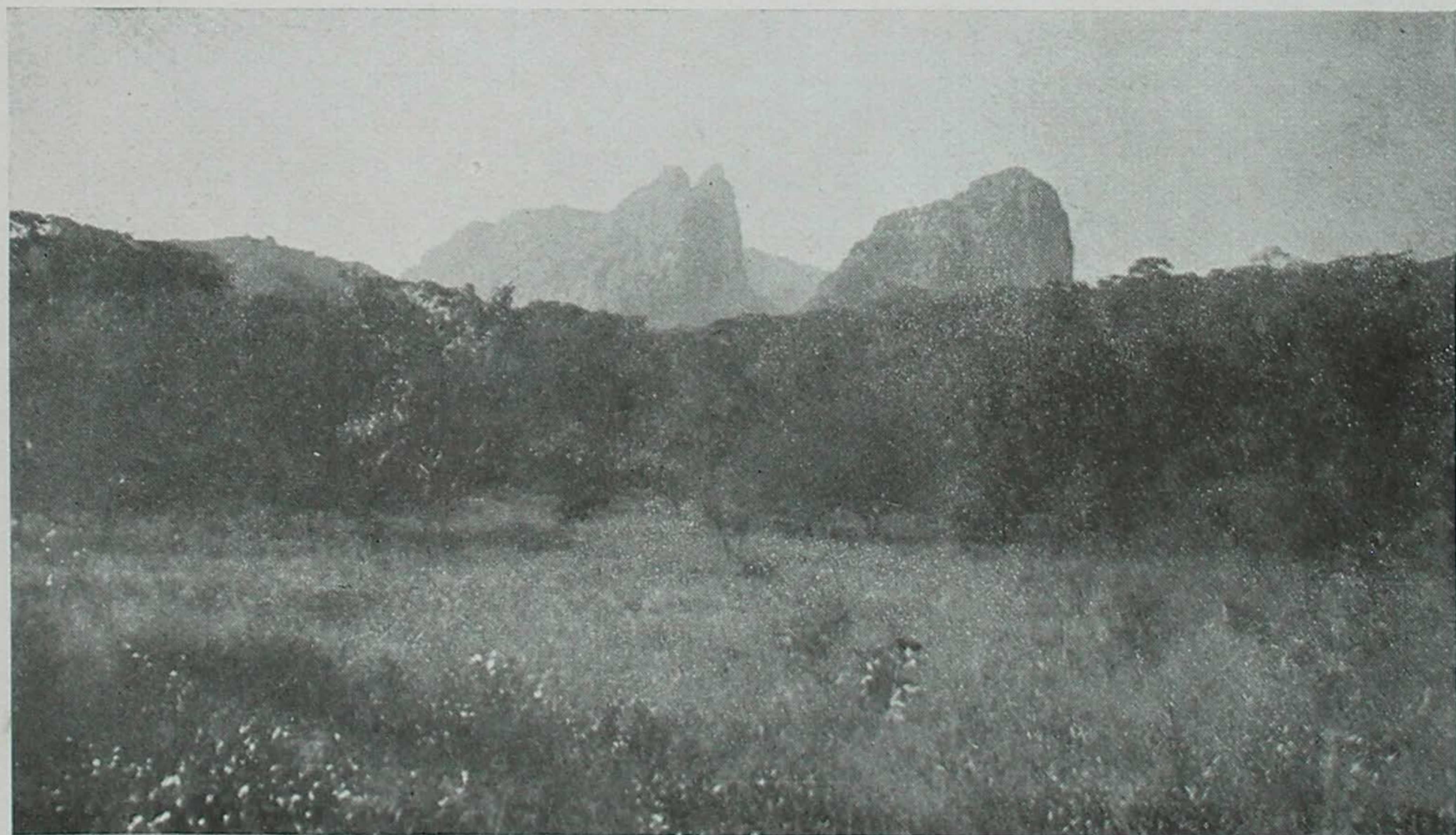


Fig. 104—*Turuguapá*—A serra.

(Photo Wulfes).



Fig. 105—*Ipiás*—Vista da serrania.

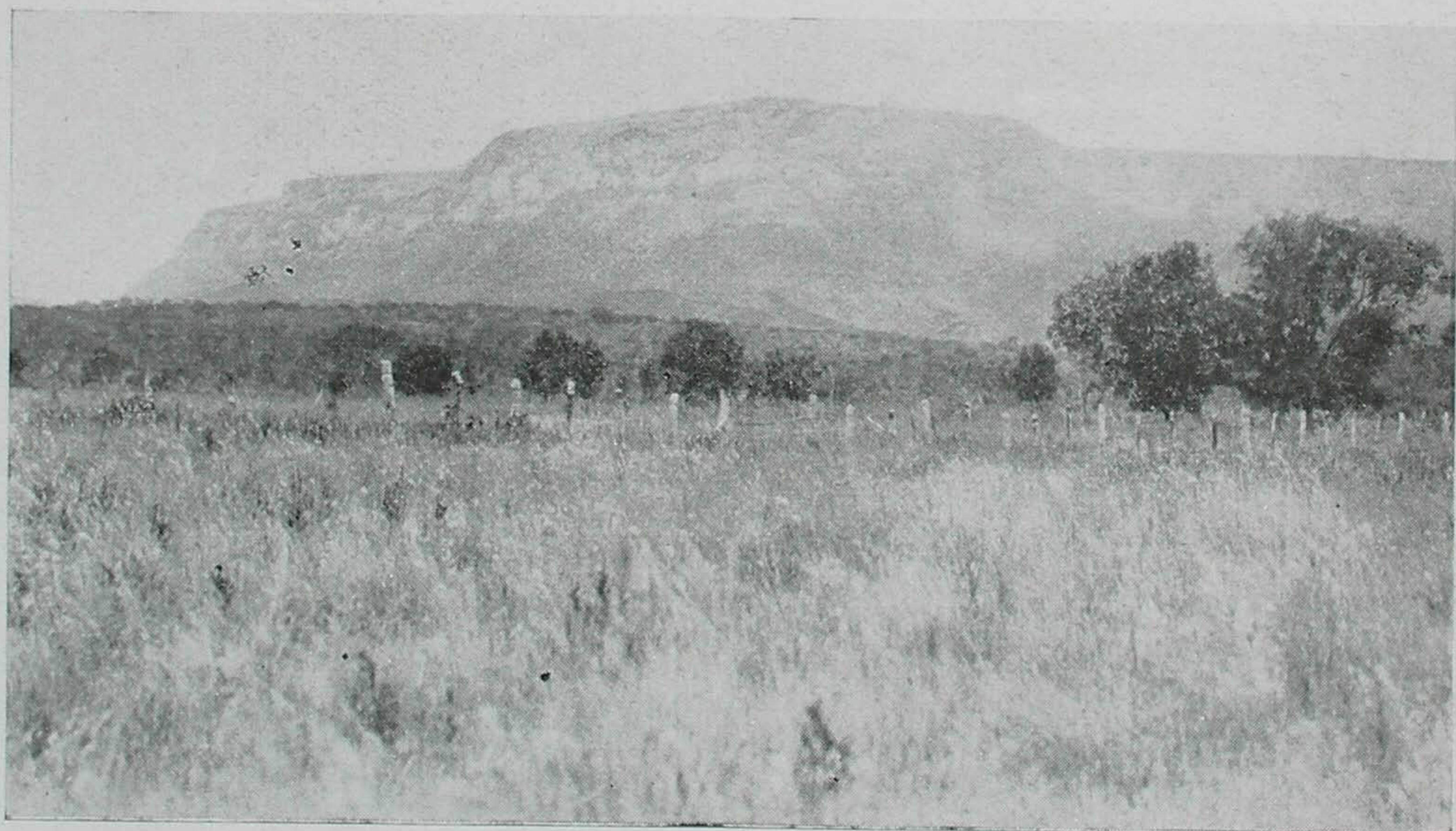


Fig. 106—*Ipiás*—A serrania vista da fazenda.

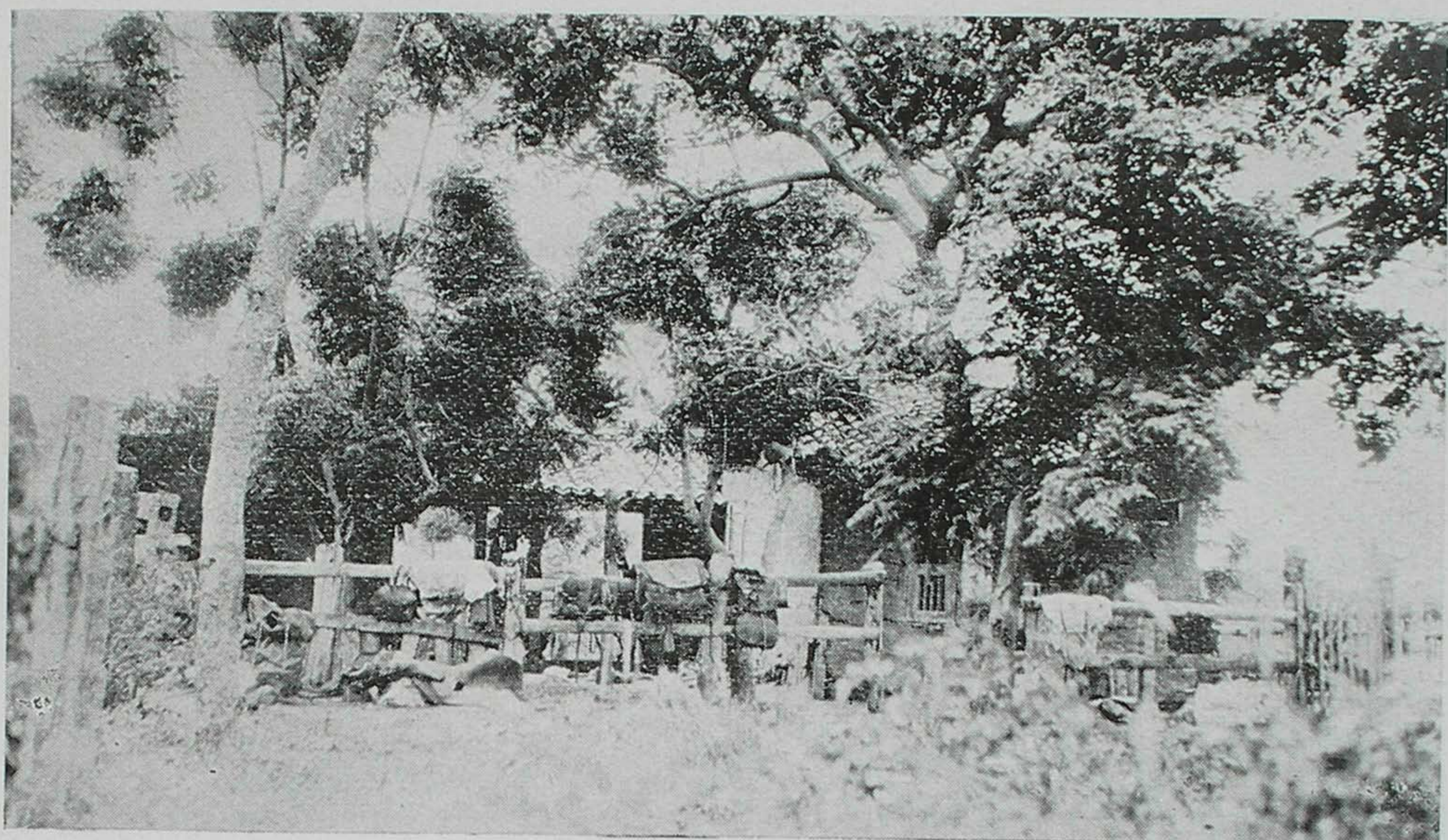


Fig. 107—*Ipiás*—A fazenda. Na cerca está parte da bagagem da Comissão Medica.



Fig. 108—*Reyes*—A fazenda.

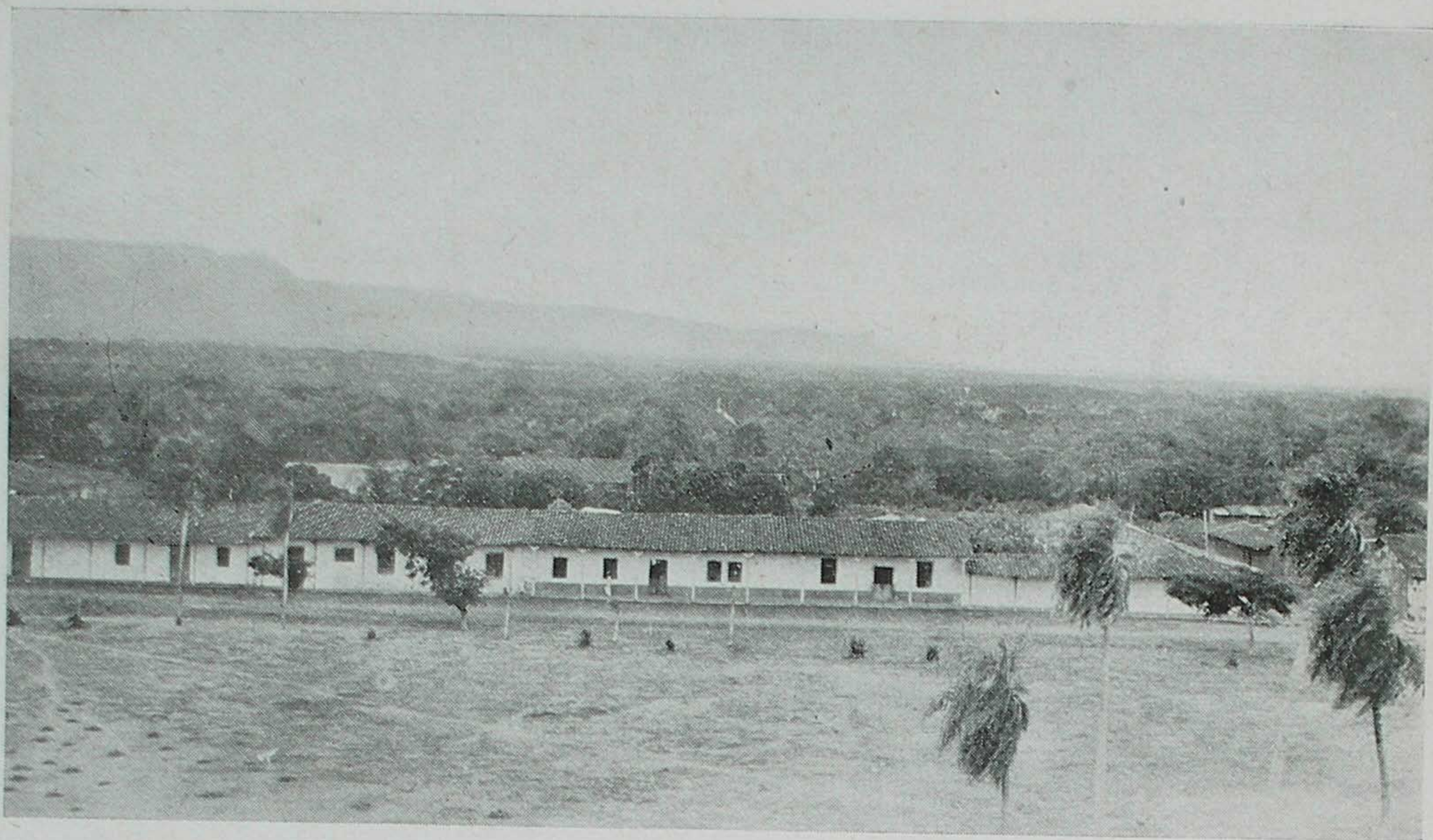


Fig. 109—*San José de Chiquitos*—A praça central.



Fig. 110—*San José de Chiquitos*—Uma vista do povoado.



Fig. 111—*San José de Chiquitos*—Vista do povoado.

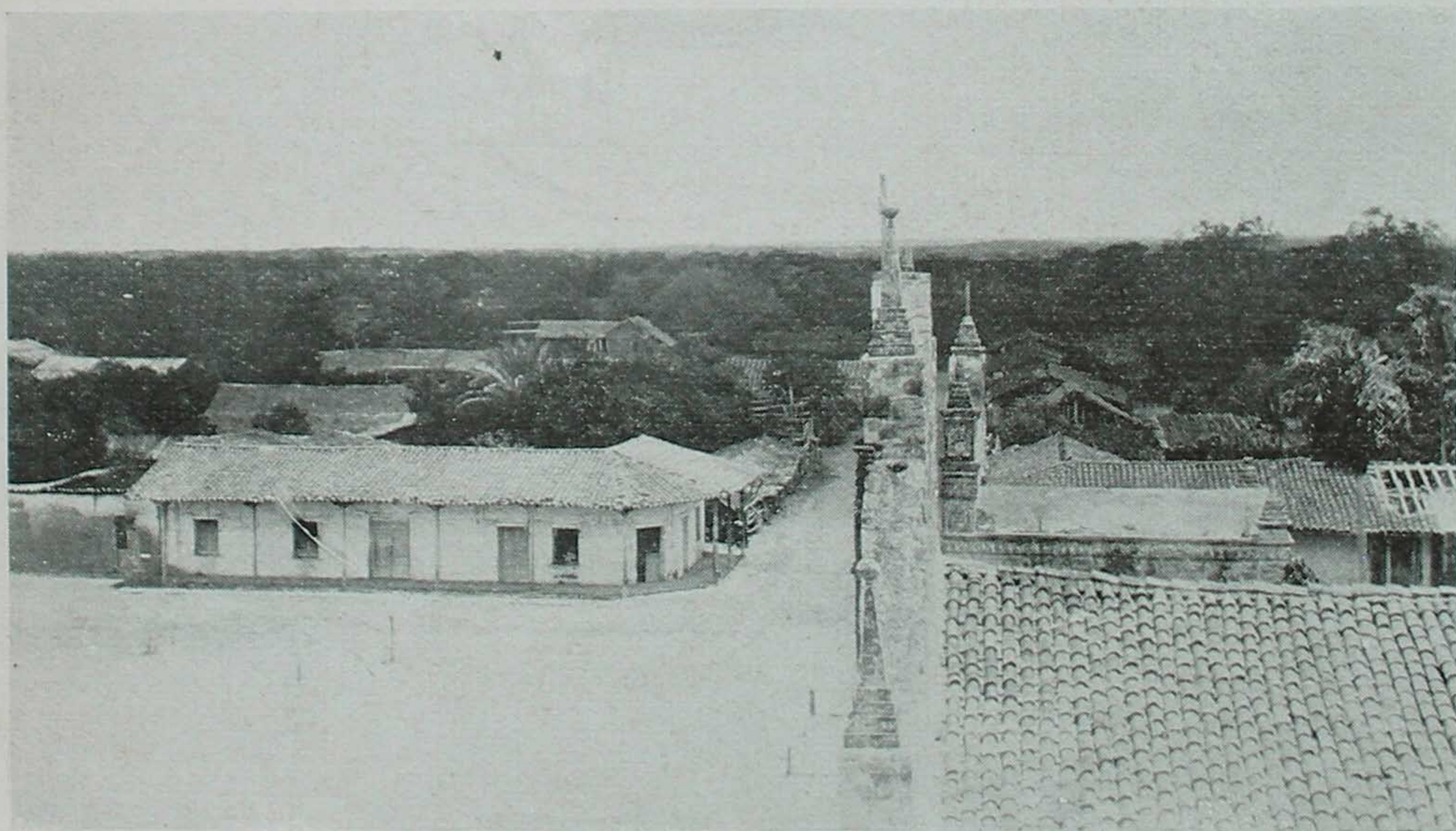


Fig. 112—*San José de Chiquitos*—Vista do povoado.



Fig. 113—*San José de Chiquitos*—Um *churrasco à la criolla* nos arredores.



Fig. 114—*San José de Chiquitos*—A igreja jesuitica e o Cruzeiro do centro da praça.